

COLEÇÃO
SHERLOCK HOLMES
Série 2

O VALE DO TERROR

Sir Arthur Conan Doyle

1ª Edição

 EDITORA
RIDEEL



PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de Maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stonehurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador, o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão *Shearer*, que significa “barbeiro”, assim como *Sherlock* na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente, o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza.

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no *Strand Magazine* a sua primeira novela, *Um Estudo em Vermelho*, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar *O Signo dos Quatro* e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o *Strand Magazine* propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de Julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a *Coleção Sherlock Holmes*.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE

Capítulo 1 – O Aviso	7
Capítulo 2 – A Hipótese de Sherlock Holmes	15
Capítulo 3 – A Tragédia de Birlstone	22
Capítulo 4 - A Treva	30
Capítulo 5 – A Personagem do Drama	39
Capítulo 6 – Uma Réstia de Luz	50
Capítulo 7 – A Solução	61

SEGUNDA PARTE

OS VINGADORES

Capítulo 1 – O Homem	75
Capítulo 2 – O Grão-Mestre	80
Capítulo 3 – Loja 341, Vermissa	93
Capítulo 4 – O Vale do Terror	107
Capítulo 5 – O Inverno Negro	116
Capítulo 6 – Perigo	124
Capítulo 7 – Birdy Edwards Cai na Armadilha	133
Epílogo	141

PRIMEIRA PARTE

A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE

CAPÍTULO 1 — O AVISO

Estou propenso a crer... — comecei a dizer.
— Já estava demorando! — criticou Sherlock Holmes, num tom impaciente.

Considera-me o mais tolerante dos mortais, mas confesso que fiquei irritado com aquela interrupção sarcástica.

— Francamente, Holmes — protestei asperamente —, você às vezes torna-se enervante.

Contudo, o meu amigo estava demasiado absorto nos seus pensamentos para responder, de pronto, à crítica. Com o queixo apoiado na palma da mão, diante do desjejum em que sequer chegara a tocar, examinava a tira de papel que acabara de tirar do envelope. Depois, pegando este, aproximou-o da luz e começou a analisá-lo, de ambos os lados.

— A letra é de Porlock — observou, pensativamente. — Apesar de só tê-la visto duas vezes, quase posso afirmar que é dele. O estilo grego do *e*, com o traço peculiar do arco superior, é característico da sua caligrafia. E sendo de Porlock, o assunto deve ser muito importante.

Falava mais consigo próprio do que comigo, mas o interesse que as suas palavras me haviam despertado logo acalmaram a minha irritação.

— Quem é esse Porlock? — sondei.

— Porlock, meu caro Watson, é um pseudônimo que esconde uma personalidade fugidia. Numa carta anterior, confessou-me que, de fato, não se chamava Porlock e desafiou-me a identificá-lo, entre os milhões de habitantes desta imensa cidade. Por si só, não é um tipo importante, mas está em contato com um homem notável, tal como a sardinha na companhia do tubarão; algo insignificante, junto do formidável... Não só formidável, mas também sinistro no mais alto grau! Aqui está, Watson, como ele entra na esfera da minha atividade. Você já ouviu falar do professor Moriarty?

— O criminoso científico, que se tornou tão célebre entre os delinqüentes como...

— Respeite a minha modéstia... — cortou Holmes, fingindo-se desinteressado de elogios.

— Eu ia dizer... como *desconhecido de toda a gente*.

— Muito obrigado por essa recriminação indireta! — replicou Holmes, com um sorriso que não escondia a decepção. — Vejo que começa a cultivar um certo humor crítico, contra o qual tenho de passar a precaver-me.

Ao classificar Moriarty como criminoso está fazendo uma acusação aos olhos da Lei, e é nisso que reside a maravilha e o absurdo do caso. O homem é o maior impostor de todos os tempos, mentor das mais diabólicas façanhas; o cérebro que tem dirigido o mundo do crime e que poderia alterar, para bem ou para mal, o destino das nações. Mas encontra-se tão fora de suspeitas, tão isento de uma crítica acusatória, e é tão hábil em dissimular os seus atos que você, Watson, só por ter dito o que disse seria bem capaz de ver-se levado por ele ao tribunal, e de lá sair com uma pesada sentença, como a de ter de pagar-lhe durante um ano uma pensão de indenização pela calúnia proferida contra a sua dignidade.

Não se esqueça, meu amigo, de que esse sujeito é o celebrado autor de *A Dinâmica de Um Asteróide*, obra que ascende a uma tal altura da matemática pura que já se afirmou não haver entre os jornalistas científicos algum capaz de fazer-lhe uma crítica adequada. Não é assim pessoa que possamos desacreditar publicamente.

Os jornais chamariam você de “o médico difamador” e ele, de “o professor ilustre caluniado”. Conseguir esta posição, Watson, prova o gênio desse indivíduo. Contudo, tenho esperanças de chegar a ter, com ele, um ajuste de contas final.

— Gostaria de assistir a isso! — exclamei entusiasmado. — Mas você estava referindo-se a Porlock.

— Ah, sim! Esse nome apenas representa um elo de uma corrente de transmissão. Mas, cá entre nós, considero-o um elo imperfeito: a única falha, nessa cadeia.

— E todas as correntes podem quebrar por um elo mais fraco — comentei.

— Exatamente, meu caro Watson! Daí, o valor que atribuo a Porlock. Movido por uma tendência elementar, no sentido do Bem, e também animado pelo incentivo de uma nota de dez libras que tenho lhe enviado

ocasionalmente às escondidas, já por duas vezes me forneceu informações muito valiosas, que me permitiram prever e impedir o crime em vez de ter de fazer com que o punissem.

Tenho a certeza de que, se conseguíssemos descobrir a chave deste criptograma, decifraríamos uma comunicação desse gênero.

Holmes tornou a estender a tira de papel sobre o prato vazio. Levantei-me e, debruçando-me sobre o seu ombro, examinei a estranha mensagem:

“534 C2 13 127 36 31 4 17 21 41

DOUGLAS 109 293 5 37 BIRLSTONE

26 BIRLSTONE 9 127 171”

Consegue deduzir alguma coisa disso? — inquiri.

— Trata-se, evidentemente, de uma tentativa para transmitir uma informação secreta.

— Sem a respectiva chave, uma mensagem criptográfica não tem qualquer valor.

— Realmente, neste caso, não tem.

— Por que diz: “neste caso”? — estranhei.

— Porque costumo ser capaz de decifrar a maioria dos criptogramas tão facilmente como qualquer pessoa lê as mensagens publicadas na “Seção de Classificados” dos jornais. Esse passatempo entretem a mente sem a fatigar, mas esta mensagem é diferente. É evidente que se trata de um criptograma baseado em palavras contidas num livro qualquer. Contudo, sem que eu saiba de que livro e de que página foi extraído, nada poderei fazer.

— Noto ser um criptograma numérico — observei —, mas nesse caso por que estão redigidas as palavras *Douglas e Birlstone*?

— Naturalmente porque essas palavras não estão contidas na referida página.

— Então por que ele não indicou o livro?

— A sua perspicácia instintiva, caro Watson, aquela inata agudeza de espírito que faz a delícia dos seus amigos, o impediria com toda a certeza de colocar a mensagem cifrada e a respectiva chave no mesmo envelope. Se fosse cair nas mãos de outra pessoa, você estaria perdido.

Já passa da hora da segunda visita do carteiro e ficarei muito surpreso se ele não nos trouxer outra carta com uma explicação ou, o que é mais provável, o próprio volume ao qual estas cifras se referem.

A previsão de Holmes realizou-se em poucos minutos, com o aparecimento de Billy, o criado, exatamente com a carta que esperávamos.

— A mesma caligrafia — observou Holmes, abrindo o envelope —, e desta vez assinada — acrescentou, exultante, ao desdobrar a carta. — Estamos fazendo progressos, Watson.

No entanto, ao passar os olhos pelo papel, o seu semblante anuviou-se.

— Ora! Isto é francamente desanimador! Receio, Watson, que todas as nossas esperanças se reduzam a nada. Parece-me que o nosso homem não nos será útil de modo algum. Leia:

“Caro Sr. Holmes:

Não quero continuar com este assunto, por ser demasiado perigoso. Ele desconfia de mim. Leio claramente a suspeita nos seus olhos. Aproximou-se inesperadamente mal eu tinha endereçado este envelope com a intenção de remeter-lhe a chave da mensagem cifrada. Apenas tive tempo de escondê-lo. Se ele o tivesse visto, eu teria ficado em maus lençóis. Por favor, queime o bilhete cifrado que, agora, já não lhe será útil.

Fred Porlock.”

Holmes ficou sentado por alguns instantes, enrolando a carta entre os dedos e fitando o fogo com ar carrancudo.

— Afinal de contas talvez não passe de fantasia. É possível que ele esteja apenas sentindo a consciência culpada. Sabendo-se um traidor, pensou ver a acusação nos olhos do outro.

— O outro é o Prof. Moriarty?

— Em pessoa. Quando alguém daquele bando se refere a ele, já se sabe de quem se trata. Para toda aquela gente só existe um ele.

— Mas que pode ele fazer?

— Hum! Quando você tem contra si um dos maiores cérebros da Europa, apoiado por todas as forças do mal, as possibilidades são infinitas. De qualquer forma, é evidente que o nosso amigo Porlock está assustadíssimo. Compare a letra do bilhete com a do envelope endereçado, como ele próprio diz, antes da visita fatídica. Uma é clara e firme; a outra, quase ilegível.

— Por que motivo escreveu? Por que não se limitou a ficar calado?

— Pela simples razão de temer que eu procurasse pedir informações sobre o caso, colocando-o, provavelmente, em má situação.

— Não há dúvida — concordei, apanhando a mensagem cifrada e começando a examiná-la. — Perturba-nos pensar que um segredo importante pode se esconder nesta tira de papel e que, desvendá-lo, transcende o poder humano.

Sherlock Holmes tinha afastado de si a refeição intacta e acendera o cachimbo, companheiro das suas mais profundas meditações.

— Quem sabe! — exclamou, recostando-se na cadeira e olhando fixamente o teto. — É possível que existam pontos que tenham escapado à sua inteligência maquiavélica. Examinemos o problema à luz da razão pura. Este homem refere-se a um livro. É esse o nosso ponto de partida.

— Aliás, bastante vago.

— Vejamos, então, se podemos restringi-lo. À medida que nele concentro o pensamento, parece-me menos impenetrável. Que indicações temos a respeito do livro?

— Nenhuma.

— Ora, ora! A situação não é assim tão má. O criptograma começa com o número 534 escrito em algarismos grandes. Podemos formular a hipótese de que 534 seja a página a que se refere a mensagem cifrada. Deste modo, podemos deduzir que o nosso livro é volumoso, o que já é alguma coisa. Que outras indicações possuímos quanto à natureza desse livro volumoso? A cifra seguinte é C2. Como interpreta isso, Watson?

— Capítulo segundo, sem dúvida.

— Não creio, Watson. Estou certo de que concordará comigo em que, se a página está indicada, o número do capítulo torna-se inútil. E, por outro lado, se a página 534 ainda pertence ao segundo capítulo, o comprimento do primeiro deve ser realmente intolerável.

— Coluna! — exclamei.

— Magnífico, Watson! Você está brilhante hoje. Desse modo, começamos a imaginar um livro volumoso, composto por colunas duplas de considerável extensão, pois uma das palavras tem, no documento, o número duzentos e noventa e três. Teremos atingido os limites para deduções?

— Receio que sim.

— Francamente, está sendo injusto consigo mesmo. Mais um lampejo de inteligência, Watson! Mais um esforço cerebral! Se a obra fosse pouco divulgada, ele a teria enviado. Em vez disso, antes dos seus planos se malogrem, tencionara enviar-me a chave do enigma neste envelope, como

diz o bilhete. Isto parece indicar que o livro é dos que ele supunha que eu não tivesse dificuldade em encontrar. Ele possuía-o e imaginou que eu também o possuísse. Resumindo, Watson, trata-se de um livro muito comum.

— O que diz, Holmes, parece plausível.

— E assim, vemos reduzido o campo das nossas pesquisas a um livro de grande volume, impresso em duas colunas e de uso comum.

— A Bíblia! — concluí, triunfante.

— É um bom palpite, Watson, mas ainda não muito bom, pois eu dificilmente imaginaria livro com menores probabilidades de se encontrar à mão de qualquer dos associados de Moriarty. E mais, as edições das Escrituras Sagradas são tão numerosas, que ele não poderia supor que dois exemplares tivessem a mesma paginação. Evidentemente, terá de ser um livro cujos exemplares sejam todos iguais. Ele devia estar certo de que a sua página 534 correspondia exatamente à minha página 534.

— Entretanto, muito poucos livros possuem essa característica.

— De acordo. E nisto está a nossa sorte. A nossa busca reduz-se a livros desse tipo, que qualquer pessoa pode ter.

— O *Bradshaw*! ⁽¹⁾

— Não é provável, Watson. O vocabulário do *Bradshaw*, apesar de vivo e genuíno, é limitado. A seleção de vocabulários pouco se prestaria à redação de comunicações em geral. Examinemos o *Bradshaw*. Acredito que o dicionário seja inadmissível pela mesma razão. Que nos resta, então?

— Um almanaque.

— Ótimo, Watson! Creio que desta vez acertou em cheio. Um almanaque! Examinemos as características do *Whitaker's Almanack*. É de uso comum, tem o número necessário de páginas e é impresso em duas colunas. Ainda que modesto no seu vocabulário, apresenta-se bastante rico em termos expressivos — caracterizou Holmes, pegando o volume de cima da sua escrivaninha. Aqui está a página 534, segunda coluna, que apresenta um artigo sobre o comércio e sobre os recursos das Índias Britânicas. Tome nota das palavras, Watson. A décima terceira é *Marata*. Receio que não seja um início muito auspicioso. A centésima vigésima sétima é *governo*, que,

⁽¹⁾ Publicação inglesa que indica os componentes das famílias nobres e os responsáveis por altos cargos, assim como presta outras informações relacionadas com a vida do Império Britânico. — (N. do T.)

pelo menos, tem sentido, apesar de algo inconcludente tanto para nós como para o Prof. Moriarty. Tentemos de novo. Que há de comum entre Marata e governo? Ora esta! O que vem a seguir é *cerdas de porco*. Estamos perdidos, Watson! Nada feito.

Apesar de falar em tom de gracejo, a agitação das suas sobrancelhas denunciava o desapontamento e a irritação que o dominavam. Pus-me a olhar para a chama, perplexo e consternado. O nosso longo silêncio foi quebrado por uma súbita exclamação de Holmes, que, tendo corrido para um armário, regressou brandindo um segundo volume de capa amarela.

— É esta a consequência de estarmos demasiadamente em dia — criticou. — Recebemos o castigo da nossa precipitação. Como estamos já no dia 7 de janeiro, pusemos em uso o novo almanaque. É mais do que provável que Porlock tenha extraído a sua mensagem da edição anterior. Sem dúvida, ele nos teria avisado disso se nos tivesse dado a explicação. Agora, vejamos o que nos reserva a página 534. O número treze é *Há*, o que é muito mais prometedor. O número cento e vinte e sete é *perigo*. *Há perigo...* — Os olhos de Holmes brilhavam de excitação e os dedos finos e nervosos tremiam-lhe à medida que ele contava as palavras. — Ótimo! Vá escrevendo, Watson. *Há perigo — que — ameaça — em — breve — um — certo*. Em seguida temos a palavra *Douglas — rico — fazendeiro — atualmente — em — Birlstone — Mansão — Birlstone*. — *É — urgente*. Aqui está, Watson! Que pensa você deste raciocínio puro e dos seus resultados? Se o fazendeiro tivesse uma coroa de louros, mandaria Billy buscá-la.

Eu olhava para a estranha mensagem, que havia rabiscado numa folha de bloco, sobre o joelho, enquanto a decifrava.

— Que maneira extravagante e confusa de se expressar! — Comentei.

— Pelo contrário, ele saiu-se admiravelmente bem — retrucou Holmes. — Quando se procuram, numa única coluna, palavras para exprimir o que se deseja, dificilmente se pode encontrar aí tudo o que se quer. Quem escreve é obrigado a deixar algo à perspicácia do seu correspondente. O sentido é perfeitamente claro. Está sendo tramado um plano diabólico contra certo Douglas, seja quem for, residente em Birlstone. E é urgente. Eis o nosso resultado: um hábil esforçozinho de análise.

Holmes deixara transparecer a alegria pessoal do verdadeiro artista perante um superior campo de pesquisas. Ainda se regozijava com o seu êxito quando Billy, abrindo a porta, introduziu na sala o inspetor Mac Donald, da Scotland Yard.

Estávamos nos primeiros dias do ano de 1889, época em que Alec Mac Donald estava longe de ter obtido o renome nacional que hoje possui. Apesar de jovem, era funcionário de confiança da força policial, e já se havia distinguido em diversos casos que lhe tinham sido confiados. A compleição atlética e ossuda denunciava excepcional força física, ao passo que o crânio amplo e os olhos profundos e brilhantes falavam, não menos eloqüentemente, da aguda inteligência que cintilava por detrás das grossas sobrancelhas. Era um homem silencioso e preciso, inflexível por natureza e com forte sotaque escocês. Já por duas vezes, durante a sua carreira, Holmes o ajudara a obter êxito, contentando-se com a única recompensa do prazer intelectual de ter resolvido um problema difícil. Por essa razão, o escocês tributava ao seu colega amador uma afeição e respeito que demonstrava na franqueza com que consultava Holmes em todas as suas dificuldades. A mediocridade nada consegue ver além dos seus estreitos limites, mas o talento reconhece imediatamente o gênio, e Mac Donald era, na sua profissão, suficientemente lúcido para perceber que não se diminuía ao procurar o auxílio de quem já sobressaía como único na Europa, tanto pelos dotes mentais como pela experiência. Holmes não era propenso à amizade, contudo mostrava certa simpatia para com o corpulento escocês e sorriu ao vê-lo.

— A que devemos esta visita tão matinal, Mac? Receio que nada pronuncie de bom.

— Se o senhor, Sr. Holmes, dissesse *espero* em vez de *receio* estaria mais próximo da verdade — replicou o inspetor, com um sorriso significativo. — Um gole de *brandy* talvez não fosse mau para atenuar o frio terrível que hoje faz. Obrigado, não fumo. Não posso demorar-me, pois, como sabe, as primeiras horas são preciosas quando se tem um caso pela frente. Mas...

O inspetor calara-se repentinamente e olhava com expressão de profundo espanto para um papel em cima da mesa. Era a folha em que eu escrevera a enigmática mensagem.

— Douglas! — balbuciou. — Birlstone! Que é isto, Sr. Holmes? Parece bruxaria! Onde o senhor obteve esses nomes?

— É uma mensagem criptográfica que o Dr. Watson e eu tivemos oportunidade de decifrar. Mas... o que há com estes nomes?

O inspetor olhou para ambos, alternadamente, com um ar atônito.

— Apenas isto — esclareceu. — O Sr. Douglas, da Mansão de Birlstone, foi assassinado esta manhã em circunstâncias incríveis!

CAPÍTULO 2 — A HIPÓTESE DE SHERLOCK HOLMES

Era um desses momentos intensamente dramáticos que o meu amigo tanto apreciava, mas seria exagerado afirmar que se sentia escandalizado ou excitado com a estranha comunicação. Apesar de nunca demonstrar o menor indício de crueldade no seu temperamento singular, não se lhe notava o mínimo vestígio do horror que eu próprio sentia perante esta rude declaração. O seu rosto, pelo contrário, apresentava a aparência tranqüila e interessada do químico que vê os cristais se formarem, segundo a fórmula desejada, de uma supersaturada solução.

— Notável! — exclamou. — Notável!

— O senhor parece não ter ficado surpreendido.

— Interessado, Mac, mas não surpreendido. Por que havia de surpreender-me? Recebo um aviso anônimo, cuja procedência reconheço ser importante, prevenindo-me de que um perigo iminente ameaçava uma certa pessoa. No espaço de uma hora venho a saber que se consumou a ameaça e que essa pessoa se encontra morta. Sinto-me interessado, mas, como pode notar, não estou surpreendido.

Em breves palavras, Holmes explicou ao inspetor os fatos referentes à carta e à mensagem cifrada. Com o queixo apoiado nas mãos e as grossas sobrelanceiras ruivas confundidas num todo avermelhado, Mac Donald ouvia-o absorto.

— Ia, agora de manhã, a Birlstone — relatou. — Passei por aqui para perguntar-lhe se desejava acompanhar-me... o senhor e o seu amigo. Mas, pelo que me diz, talvez fosse melhor ficarmos em Londres.

— Não creio — proferiu Holmes.

— Com os diabos, Sr. Holmes! — exclamou o inspetor. — Dentro de um ou dois dias, os jornais explorarão minuciosamente o mistério de Birlstone: mas, onde está o mistério se existe um homem em Londres que profetizou o crime, antes de ele ter ocorrido? A única coisa que nos cabe fazer é colocar as mãos no homem. O resto é fácil.

— Sem dúvida, Mac. Mas, de que maneira tenciona apanhar o tal Porlock?

Mac Donald devolveu a carta que Holmes lhe havia entregado.

— Postada no correio em Camberwell. Isto não nos ajuda muito. O nome, como o senhor diz, é fictício. Portanto, também em nada nos auxilia. O senhor não disse ter-lhe já enviado dinheiro?

— Por duas vezes.

— E de que maneira?

— Em notas, para a agência postal de Camberwell.

— Nunca se preocupou em saber quem o recebia?

— Não.

O inspetor parecia perplexo e um tanto escandalizado.

— E por quê?

— Porque tenho o costume de cumprir a minha palavra. Da primeira vez em que ele me escreveu, tinha-lhe prometido não tentar descobrir a sua identidade.

— Julga que há alguém por trás dele?

— Sei que há.

— O tal professor de que me falou?

— Exatamente.

O inspetor Mac Donald sorriu e, ao olhar para mim de relance, notei certa agitação das suas pálpebras.

— Não posso ocultar-lhe, Sr. Holmes; no Departamento Central de Polícia sabemos que o senhor tem uma certa obsessão por esse professor. Realizei algumas investigações neste caso. O sujeito parece ser pessoa respeitável e muito erudita.

— Alegro-me pelo fato de você ter sabido reconhecer o seu talento.

— Mas não podemos deixar de reconhecê-lo. Depois que soube da sua opinião a respeito desse indivíduo, não descansei enquanto não o conheci. Tive uma conversa com ele, acerca de eclipses. Nem sei como é que a conversa tomou esse rumo! E ele foi brilhante, com o auxílio de um refletor e de um livro, que (não me envergonho de confessá-lo) estava um pouco acima do meu entendimento, apesar de ter recebido uma boa educação em Aberdeen. O homem teria dado um bom sacerdote, com o seu rosto fino, cabelo grisalho e a maneira solene de falar. Ao pôr-me a mão no ombro, quando nos despedimos, tive a impressão de que se tratava de um pai a abençoar o próprio filho, antes de deixá-lo partir através do mundo cruel.

Holmes riu consigo próprio e esfregou as mãos.

— Magnífico! — exultou. — Diga-me, amigo Mac Donald; essa agradável entrevista ocorreu no gabinete do Prof. Moriarty?

— Precisamente.

— Uma linda sala, não é verdade?

— Muito bonita... muito elegante, de fato, Sr. Holmes.

— Você sentou-se diante da escrivaninha?

— Justamente.

— O sol batia-lhe nos olhos e o rosto do professor estava na sombra?

— Bem, foi à noite; lembro-me, porém, de haver uma lâmpada cuja luz fora dirigida para mim.

— Não podia deixar de ser. Chegou a notar um quadro que fica por cima da poltrona do professor?

— Muito pouca coisa me escapa, Sr. Holmes. É possível que tenha aprendido isso consigo. De fato, vi o quadro: uma jovem com a cabeça apoiada nas mãos e que parece fitar-nos com o canto do olho?

— Essa pintura é de Jean Baptiste Greuze.

O inspetor esforçava-se por mostrar-se interessado.

— Jean Baptiste Greuze — continuou Holmes, unindo as pontas dos dedos e recostando-se melhor na poltrona —, era um pintor francês que se distinguiu entre 1750 e 1880. Refiro-me, é claro, ao período da sua atividade. A crítica moderna tem reforçado amplamente a excelente reputação que dele formaram os seus contemporâneos.

Os olhos do inspetor traíam o desinteresse.

— Não seria melhor... — interveio.

— É justamente o que estamos fazendo — interrompeu Holmes. — Tudo isto tem uma relação muito direta com o que o senhor chama de mistério de Birlstone. De fato, até certo ponto, pode ser considerado como o âmagô da questão.

Mac Donald sorriu francamente e olhou para mim, como a implorar-me auxílio.

— O seu pensamento é demasiado rápido para as minhas possibilidades, Sr. Holmes. O senhor deixa certos pontos sem ligação e eu não consigo abranger o sentido completo. Por mais que puxe pela cabeça, não consigo ver a menor relação entre o pintor há muito falecido e o caso de Birlstone.

— Todos os conhecimentos são úteis a um policial — observou Holmes. — Mesmo o fato trivial de que em 1865 um quadro de Greuze, intitulado *La Jeune Fille à l'Agrneau*, alcançou nada menos do que quatro mil libras no leilão de Portalis, pode ser motivo para uma série de reflexões.

As palavras de Holmes produziram efeito. O inspetor mostrou-se imediatamente interessado.

— Devo ainda lembrar-lhe — continuou Holmes —, que o salário do professor pode ser verificado em várias fontes dignas de crédito. Monta a setecentas libras por ano.

— Então como pôde ele comprar...?

— Perfeitamente. Como pôde?

— Na verdade é esquisito — concordou o inspetor. — Continue, Sr. Holmes. Estou gostando de ouvi-lo.

Holmes sorriu. A admiração de outrem sempre o emocionara, caracterizando-o como um verdadeiro artista.

— E a nossa ida a Birlstone? — perguntou.

— Ainda há tempo — respondeu o inspetor, consultando o relógio. — Tenho um carro à porta e nem levaremos vinte minutos até à estação de Victoria. Mas, voltando ao quadro... creio tê-lo ouvido dizer uma vez, Sr. Holmes, que nunca tinha se encontrado com o Prof. Moriarty.

— Com efeito, nunca me encontrei com ele.

— Como pode estar tão bem informado acerca da casa onde vive?

— Ah! Isso é outro assunto. Já estive lá três vezes; duas, à sua espera sob diferentes pretextos, mas retirando-me antes que ele aparecesse. E uma vez... bem, é difícil explicar a um agente da Polícia oficial. Foi nessa última ocasião que tomei a liberdade de examinar os seus papéis com resultados inteiramente imprevistos.

— Encontrou algo de comprometedor?

— Absolutamente nada. E foi o que me espantou. Em todo o caso, você já percebeu porque dou tanta importância ao quadro. Isso prova ser homem riquíssimo. Como conseguiu fazer fortuna? É solteiro; o irmão mais novo é chefe de estação no oeste da Inglaterra; a cátedra de professor rende-lhe setecentas libras por ano e, no entanto, possui um Greuze.

— E então?

— A conclusão é clara.

— O senhor quer dizer que ele deve ter uma renda fabulosa e que essa renda é obtida por meios ilícitos?

— Exato. Naturalmente, tenho outras razões para pensar assim: dezenas de finíssimos fios que conduzem ao centro da teia onde a peçonhenta criatura aguarda as suas presas. Limito-me a citar o Greuze, porque converge para as suas próprias observações.

— Pois bem, Sr. Holmes. Reconheço ser muito interessante o que me diz. Mais do que interessante: fantástico. Trata-se de adulteração de moeda falsa ou roubo? De onde lhe vem o dinheiro?

— Já leu alguma coisa sobre Jonathan Wild?

— O nome não me é desconhecido. Deve ser qualquer personagem de novela! Eu não dou muita atenção a contos policiais, onde aparecem tipos que nunca nos explicam como obter resultados positivos. É apenas imaginação, não é coisa real.

— Jonathan Wild não era um policial, nem personagem de conto policial. Era um criminoso consumado e viveu no século passado, cerca de 1750.

— Então não me interessa. Sou um homem prático.

— A coisa mais prática que você podia fazer na vida, amigo Mac, seria recolher-se por três meses e ler, doze horas por dia, os anais do crime. Tudo se repete em ciclos, até mesmo o Prof. Moriarty. Jonathan Wild era a força oculta dos criminosos de Londres, a cujo serviço pôs a sua inteligência e organização, mediante uma comissão de quinze por cento. A história se repete. Tudo o que já aconteceu, sempre acontecerá. Vou contar-lhe certas coisas de Moriarty que talvez lhe sejam úteis.

— Não tenho dúvidas a esse respeito.

— Sei quem figura como elo principal desta cadeia, com este Napoleão do mal numa extremidade, e uma centena de malandros dispostos a tudo, ladrões de carteira, chantagistas, jogadores, na outra, com toda a espécie de crimes a tiracolo. O chefe do seu estado-maior é o coronel Sebastian Moran, indivíduo circunspecto e precavido, tão inacessível à lei como o chefe supremo. Sabe quanto Moriarty paga a este homem?

— Gostaria de saber.

— Seis mil libras por ano. Recompensa pelo trabalho intelectual: o método americano de realizar negócios. Soube desse pormenor por mero acaso. Isto representa mais do que ganha o nosso primeiro-ministro e dá uma idéia dos lucros de Moriarty e da escala em que opera. Dediquei-me

ultimamente a investigar alguns dos seus cheques; cheques comuns com que paga as contas domésticas. Verifiquei serem sacados contra seis bancos diferentes. Que pensa disto?

— Muito estranho! Qual é a sua conclusão?

— De que ele não quer comentários acerca da sua fortuna. Pessoa alguma pode saber quanto possui. Não hesito em acreditar que tenha dinheiro em vinte bancos, a maior parte provavelmente no exterior, no *Deutsche Bank* ou no *Crédit Lyonnais*. Um dia, quando puder dispor de um ou dois anos, recomendo-lhe o estudo da personalidade do Prof. Moriarty.

A impressão causada por esta conversa no inspetor Mac Donald, aumentava de intensidade à medida que prosseguia. O seu interesse absorvera-o inteiramente. De súbito, o senso prático do escocês o fez regressar ao assunto.

— Em todo o caso, isso fica para mais tarde. O senhor entreteve-nos com a sua interessante narrativa, mas o que realmente importa em tudo isto, Sr. Holmes, é a sua observação de que há qualquer relação entre o professor e o crime, a partir do aviso recebido através do tal Porlock. Podemos ir mais além neste momento?

— Podemos fazer uma idéia dos motivos do crime, que é, como deduzo por suas primeiras afirmações, incompreensível ou, pelo menos, inexplicável. Supondo que esteja na origem desse crime, é possível imaginar dois motivos diferentes. Antes de mais nada, devo dizer-lhe que Moriarty governa os seus homens com mão de ferro. A sua disciplina é inexorável. Existe apenas uma punição no seu código: a morte. Podemos estabelecer, assim, a hipótese de que a vítima, Douglas, tivesse de algum modo traído o chefe. Sobreveio-lhe o castigo, que deveria ser conhecido de todos, para que se aterrorizassem com a idéia de idêntico destino.

— Essa é uma das hipóteses.

— A outra é que este crime foi engendrado por Moriarty, com intuito de lucro, como tantos outros dentro da sua atividade rotineira. Houve roubo?

— Ainda não sei.

— Se houve, isso certamente favorecerá a segunda hipótese, contra a primeira. É provável que Moriarty tenha sido encarregado de a arquitetar com a promessa de ficar com parte do proveito, ou mediante pagamento de determinada quantia. Mas, seja qual for, se houver uma terceira

combinação, é em Birlstone que devemos procurar a solução do problema. Conheço o homem demasiado bem para supor que tenha deixado aqui qualquer indício que nos permita desmascará-lo.

— Então é a Birlstone que devemos ir! — exclamou Mac Donald, erguendo-se num salto. — Com os diabos! É mais tarde do que pensava. Dou-lhes apenas cinco minutos para se prepararem: nem mais um instante.

— É mais do que suficiente — disse Holmes, levantando-se rapidamente e apressando-se a trocar o roupão pelo casaco. — Peço-lhe o obséquio, Mac, de durante o caminho nos contar tudo o que sabe acerca deste caso.

Tudo o que o inspetor sabia do caso provou ser desanimadoramente escasso, mas mesmo assim era o bastante para convencer-nos de que o problema bem podia ser merecedor da atenção de Holmes. O seu rosto iluminou-se, e esfregou as mãos ao ouvir os pormenores.

Acabávamos de passar uma longa série de semanas estéreis e, finalmente, aparecia um assunto digno das faculdades admiráveis de Sherlock Holmes que, curvado sobre o banco da frente do vagão, ouvia atentamente a breve exposição de Mac Donald. O problema que nos aguardava em Sussex baseava-se num bilhete, escrito às pressas, que lhe fora enviado por trem, às primeiras horas da madrugada. White Mason, agente da Polícia local, era seu amigo pessoal e daí o fato de ter sido avisado com muito mais prontidão do que é hábito na Scotland Yard, quando um funcionário da província necessita da Polícia Central. Nesses casos, o agente metropolitano geralmente tem de lidar com a falta quase absoluta de uma pista.

Do bilhete constava:

“Caro Inspetor Mac Donald:

A requisição oficial dos seus serviços encontra-se em envelope separado. Esta nota é para seu uso particular. Telegrafe-me comunicando qual o trem da manhã que pode apanhar para Birlstone e eu irei esperá-lo, ou mandarei alguém à estação, se estiver muito ocupado. Este caso é desconcertante. Não perca tempo; venha imediatamente. Se puder trazer o Sr. Holmes, não vacile, pois ele encontrará um enigma a seu gosto. Podia imaginar-se ter sido tudo arranjado com o objetivo de produzir um efeito teatral, se não houvesse um morto envolvido. Isto é um verdadeiro quebra-cabeças.”

— O seu amigo parece não ser tolo — comentou Holmes.

— Nada tolo; White Mason é realmente muito esperto.

— Há mais alguma coisa?

— Apenas que nos dará todos os pormenores quando lá chegarmos.

— Como soube que o Sr. Douglas foi barbaramente assassinado?

— Vem no relatório oficial incluso. Refere-se a John Douglas, dizendo que os ferimentos localizados na cabeça são provenientes de um tiro de arma de fogo. Menciona também a hora em que foi dado o alarme ontem, por volta da meia-noite, acrescentando tratar-se indiscutivelmente de crime, apesar de não ter sido efetuada prisão alguma, e que o caso se reveste de um aspecto confuso, fora do vulgar. É tudo quanto sabemos até agora, Sr. Holmes.

— Então, Mac, deixaremos a coisa nesse ponto. A tentação de formar teorias prematuras sobre dados insuficientes é o mal da nossa profissão. Por ora, vejo somente duas coisas com clareza: um cérebro prodigioso em Londres e um morto em Sussex. É a conexão entre ambas que vamos procurar descobrir.

CAPÍTULO 3 — A TRAGÉDIA DE BIRLSTONE

E agora pedirei licença para fazer desaparecer, por momentos, a minha insignificante pessoa e descrever os fatos sucedidos antes da nossa presença no local do crime e que só depois chegaram ao nosso conhecimento.

A vila de Birlstone é um pequeno e velho amontoado de casebres de madeira e tijolos, situado na fronteira setentrional do condado de Sussex. Durante séculos conservara o mesmo aspecto, mas, há poucos anos, o pitoresco da sua fisionomia e localização tinha atraído alguns moradores abastados, cujas casas de campo agora se vislumbram por entre a folhagem dos bosques circundantes. É crença local de que esses bosques constituem a orla extrema da grande floresta de Weald ⁽²⁾, que vai-se tornando menos densa ao atingir as dunas calcárias do norte. Aqui e ali, começaram a surgir pequenas lojas para atender às necessidades da crescente população, o que leva a crer, desde já, que Birlstone deverá transformar-se em pouco tempo numa vila moderna. É o ponto central de uma área considerável da região, pois Tunbridge Wells, o lugar mais próximo digno de importância, fica a dez ou doze milhas para o oeste, para lá das fronteiras de Kent.

⁽²⁾ *Bosques frondosos que penetram os limites dos condados de Kent, Surrey e Sussex. (N. do T.)*

A cerca de meio quilômetro do povoado, ao centro de um parque famoso pelas suas gigantescas faias, situa-se a velha mansão de Birlstone. Parte desse edifício data da época da primeira cruzada, quando Hugo de Capus construiu uma fortificação no centro da propriedade, que lhe havia sido outorgada pelo Rei Vermelho. Este forte foi destruído pelo fogo em 1543 e parte dos seus alicerces já enegrecidos pelo fumo foram utilizados quando, na era jacobita, se ergueu uma casa de campo de tijolos sobre as ruínas do castelo feudal.

A casa principal, com os seus inúmeros torreões e as suas minúsculas janelas de vidraças em forma de losangos, ainda conserva o estilo que o primeiro construtor lhe dera, no princípio do século dezessete.

Dos dois fossos circundantes, que tinham sido protegidos e aproveitados para servir modestamente como horta, o interno era ainda conservado rodeando a casa, e media cerca de 13 metros de largura, embora tivesse agora apenas meio metro de profundidade. Era servido por um pequeno regato que não lhe dava a aparência de estagnado ou insalubre. As janelas do térreo elevavam-se a quarenta centímetros da superfície da água. O acesso à casa era feito exclusivamente através de uma ponte levadiça, cujas correntes se encontravam quebradas e cobertas de ferrugem até que os últimos inquilinos da mansão com grande zelo consertaram tudo, e a ponte não só recuperou as condições para funcionar, como era baixada todas as manhãs e erguida todas as noites. Deste modo, renovando o costume da velha época feudal, a casa convertia-se durante a noite numa ilha.

A casa estava desabitada e ameaçava desfazer-se em ruínas, quando os Douglas decidiram habitá-la. Esta família resumia-se apenas a duas pessoas: John Douglas e sua mulher. Douglas era um homem singular. Contando cerca de cinquenta anos, possuía um andar enérgico, maxilares salientes, bigode grisalho, olhos verdes extraordinariamente penetrantes e um corpo musculoso e cheio de vigor, que nada perdera da atividade da juventude.

Alegre e cordial com todos, mostrava-se às vezes extemporâneo nas suas maneiras, o que dava a impressão de ter sido criado num nível social infinitamente inferior ao da sociedade do condado de Sussex. Apesar disso, ainda que olhado com certa reserva por parte dos vizinhos, granjeou grande popularidade entre os moradores da vila, contribuindo generosamente para todos os empreendimentos locais e comparecendo aos seus concertos em salas cheias de fumaça e a outras diversões, nas quais, como possuía voz de tenor de magnífico timbre, estava sempre pronto a deleitar a audiência com uma excelente canção.

Parecia ter muito dinheiro que, segundo constava, fora ganho nas regiões auríferas da Califórnia e, conforme ele e a mulher diziam, não havia dúvida de que passara boa parte da sua existência na América. A boa impressão produzida pela sua generosidade e atitudes democráticas engrandecia-se graças à fama adquirida de completa indiferença ao perigo. Mesmo sendo um péssimo cavaleiro, comparecia a todas as reuniões hípicas, sofrendo as mais incríveis quedas devido à sua determinação de igualar-se aos melhores. Quando a casa paroquial se incendiou, ele distinguiu-se pela maneira como entrou no edifício para tentar salvar os objetos mais preciosos, depois de o corpo de bombeiros local ter renunciado à empreitada, dando-a como impossível. E foi assim que John Douglas, ao cabo de cinco anos de Birlstone, ganhou ótima reputação.

Sua mulher também era estimada, apesar de, segundo o hábito inglês, serem poucas e espaçadas as visitas a pessoas desconhecidas que passassem a residir no condado, sem nenhuma apresentação. Isto pouco lhe importava pois o seu retiro era voluntário e parecia estar inteiramente absorvida pela atenção ao marido e à casa. Sabia-se que era inglesa e que conhecera o Sr. Douglas, viúvo, em Londres. Dotada de grande beleza, alta, morena e esbelta, contava vinte anos menos que o marido, disparidade que de modo algum parecia perturbar a paz da vida conjugal. Contudo os amigos mais íntimos do casal já tinham notado que a confiança entre os dois não parecia total, visto que a mulher era muito reticente a respeito da vida anterior do marido, ou talvez apenas a conhecesse superficialmente.

Também era notado e comentado que algumas vezes a Sra. Douglas apresentava-se nervosa e demonstrava grande ansiedade nas ocasiões em que o marido ficava fora de casa além da hora habitual. Numa cidade calma do interior, na qual todo o mexerico constitui agradável entretenimento, esta fraqueza não podia passar despercebida, e essa circunstância aumentou ao sucederem os acontecimentos de Birlstone.

Havia ainda outra pessoa cuja permanência sob aquele teto era, na verdade, apenas intermitente, mas que por ocasião das estranhas ocorrências teve o seu nome em evidência. Tratava-se de Cecil James Barker, de Hales Hodge, Hampstead.

Cecil Barker, com seu porte esguio e desenvolto, tornara-se uma figura familiar na rua principal da vila de Birlstone, por ser visita assídua e sempre bem recebida dos moradores da mansão. Era alvo da maior observação por ser o único amigo do passado desconhecido do Sr. Douglas. Barker era

inglês, mas pela fala percebia-se claramente que conhecera Douglas na América. Parecia ser homem de fortuna e era tido como solteiro. Era mais novo que Douglas, com quarenta e cinco anos no máximo. Era alto, espadaúdo, com um rosto escanhado, sobrancelhas espessas e negras e um par de olhos negros e dominadores que conseguiam, mesmo sem o auxílio das suas mãos, abrir caminho por entre uma multidão hostil.

Nunca andava a cavalo ou caçava, mas passava os dias vagueando ao redor da antiga vila, com o cachimbo na boca, ou passeando de carro pelos arredores com o seu amigo, ou com a Sra. Douglas, quando aquele se encontrava ausente. “Um cavalheiro despreocupado e generoso”, dizia dele o mordomo Ames. “Mas não desejaria atravessar o seu caminho.”. Cordial e íntimo com Douglas, não o era menos com a mulher deste, o que parecia causar certa irritação ao marido, a ponto de os próprios criados o notarem. Esta era a terceira personagem por ocasião da catástrofe. Quanto aos outros habitantes da velha casa, bastará mencionar, entre o grande número de criados, o irrepreensível Ames e também a Sra. Allen, criatura gorda e jovial, que ajudava a dona da casa nos deveres domésticos. Os outros seis empregados não têm relação com os acontecimentos da noite de 6 de Janeiro.

As primeiras notícias alarmantes chegaram ao pequeno destacamento local, a cargo do sargento Wilson, do Corpo Policial de Sussex, às onze e quarenta e cinco. O Sr. Cecil Barker viera correndo, muito agitado, e tocara furiosamente a campainha. Acontecera uma terrível tragédia no solar: o Sr. John Douglas fora assassinado. Dissera isso ofegante, como se tivesse um fardo oprimindo o seu peito.

Voltara rapidamente à casa seguido pelo sargento da polícia pouco depois da meia-noite, após ter comunicado às autoridades do condado que algo de grave acontecera em Birlstone.

Ao atingir a propriedade, o sargento encontrara a ponte levadiça descida, as janelas iluminadas e toda a casa num estado de incrível confusão. O mordomo, na soleira da porta, mostrava-se sobressaltado, enquanto atrás dele, no vestibulo, se acotovelavam os criados pálidos de susto.

Cecil Barker, o único que aparentava estar senhor de si e dominar a emoção, abrira a porta mais próxima da entrada e fizera sinal ao sargento para que o acompanhasse. Nesse momento, chegara o Dr. Wood, médico da vila, diligente e capaz. Os três homens entraram juntos na sala fatal, seguidos de perto pelo mordomo que fechou a porta atrás de si a fim de impedir que as criadas presenciassem o terrível espetáculo.

O cadáver jazia de costas, no meio do aposento, de braços e pernas abertas. Vestia um roupão cor-de-rosa sobre o pijama e calçava chinelos. O médico ajoelhou-se a seu lado e examinou-o à luz de uma lanterna. Logo compreendeu que a sua presença já não era necessária. O homem tinha sido morto de maneira horrível. Colocada sobre o peito, via-se uma arma curiosa: uma espingarda de dois canos, serrados a um palmo do gatilho duplo. Era evidente que fora descarregada à queima-roupa e que a vítima recebera toda a carga no rosto, causando-lhe completo esfacelamento da cabeça. Os gatilhos tinham sido amarrados com arame, para que a descarga simultânea fosse mais destruidora.

O sargento Wilson estava nervoso e inquieto com a tremenda responsabilidade que lhe caíra tão repentinamente sobre os ombros.

— Não tocaremos em nada antes da chegada dos meus superiores — determinou em voz sufocada, olhando para aquela cabeça pavorosamente esfacelada.

— Nada foi tocado até agora — afirmou Cecil Barker. — Dou-lhe a minha palavra: deixei tudo exatamente como estava.

— Quando foi isso? — perguntou o sargento, sacando do bolso o livro de notas.

— Exatamente às onze e meia. Ainda não tinha começado a despir-me e estava sentado junto à lareira no meu quarto quando ouvi o tiro que me deu a impressão de ter sido abafado. Desci a escada correndo.

— A porta estava aberta?

— Sim. O pobre Douglas jazia na posição em que o vê. A vela ardia no castiçal, em cima da mesa. Fui eu quem acendeu o candeeiro, alguns minutos depois.

— Viu alguém?

— Não. Ouvi os passos da Sra. Douglas, que descia a escada, e saí da sala para impedi-la de ver esta cena horrorosa. Sra. Allen, a governanta, veio buscá-la. Ames apareceu e voltamos imediatamente à sala.

— Mas ouvi dizer que a ponte levadiça se mantém levantada toda a noite.

— Sim, esteve levantada até o momento em que eu a baixei.

— Como poderia o assassino ter fugido? É absurdo pensar em homicídio! O Sr. Douglas deve ter-se suicidado.

— Foi o que pensamos a princípio. Entretanto, veja! — Barker afastou a cortina e mostrou a janela completamente aberta. — E observe isto — acrescentou, baixando o candeeiro e expondo uma mancha de sangue em forma de sola de sapato sobre o peitoril de madeira. — Alguém se deteve ali ao sair.

— Quer dizer que alguém atravessou o fosso?

— Justamente.

— Nesse caso, se o senhor apareceu na sala cerca de meio minuto após o crime, o assassino devia encontrar-se ainda no fosso.

— Sem dúvida. Lamento não ter corrido logo à janela. Isso não me ocorreu porque a cortina encobria-a, como pode verificar. Ouvi então os passos da Sra. Douglas e não podia deixá-la entrar na sala. Seria um choque terrível para ela.

— Faça idéia! — comentou o médico, olhando para a cabeça espatifada e para as chagas medonhas produzidas pelo tiro. — Desde o desastre ferroviário de Birlstone que não me lembro de ferimentos como estes.

— Mas, espere... — interrompeu o sargento da polícia que ainda estava observando a janela aberta. — Está certo admitir-se que o homem fugiu passando o fosso. Contudo, como conseguiu entrar na casa, se a ponte se encontrava levantada?

— Esse é o problema! — considerou Barker.

— A que horas a levantaram?

— Eram quase seis — respondeu o mordomo.

— Ouvi dizer que habitualmente era levantada ao pôr-do-Sol, ou seja, nesta época do ano mais próximo das quatro e meia do que das seis horas.

— O Sr. Douglas tinha visitas para o chá — explicou Ames. — Não podia levantar a ponte antes de elas partirem. Depois eu próprio a ergui.

— Então o caso resume-se a isto — disse o sargento.

— Se alguém veio realmente de fora deve ter atravessado a ponte antes das seis e permanecido escondido desde essa hora até depois das onze, no momento em que o Sr. Douglas entrou na sala.

— Certamente, o Sr. Douglas costumava percorrer a casa antes de deitar-se para ver se todas as luzes estavam apagadas. O homem estava à sua espera e atirou. Depois fugiu pela janela, deixando a arma sobre o cadáver.

O sargento baixou-se e apanhou um cartão que se encontrava no soalho, ao lado do cadáver. Tinha escritas grosseiramente a tinta as iniciais V. V., encimando o número 341.

— Que é isto? — perguntou, mostrando o cartão.

Barker fixou nele o olhar.

— Não tinha notado — respondeu. — O criminoso deve tê-lo esquecido na fuga.

— V. V. 341. Não faz sentido! — observou o sargento, revirando-o nos dedos enormes. — Que significa V. V.? Talvez as iniciais de qualquer pessoa. Que é isso que tem nas mãos, Dr. Wood?

Era um martelo que ele tinha encontrado sobre o tapete, diante da lareira; um martelo forte, semelhante aos usados pelos carpinteiros. Cecil Barker apontou para uma caixa de pregos com cabeça de latão em cima da pedra da chaminé.

— O Sr. Douglas esteve ontem ocupado mudando a posição dos quadros — explicou. — Eu próprio o vi sobre aquela cadeira, fixando o quadro grande. Isso explica a presença do martelo.

— É melhor repô-lo no tapete, onde foi encontrado. — recomendou o sargento, coçando a cabeça, indeciso. — Vai ser difícil solucionar este mistério. Dentro em pouco, estará aqui o pessoal de Londres.

Pôs-se a andar vagorosamente ao redor.

— Olá! — gritou, excitado, puxando a cortina da janela para um lado. — A que horas fecharam as cortinas?

— Quando se acenderam as lâmpadas — respondeu o mordomo. — Pouco depois das quatro.

— Alguém esteve aqui escondido — concluiu ele, baixando a luz da lanterna e mostrando marcas de botas enlameadas, num canto. — Creio que isto justifica a sua teoria, Sr. Barker. Parece que o homem penetrou na casa depois das quatro, quando as cortinas estavam fechadas, e antes das seis, hora em que a ponte foi levantada. Entrou nesta sala, a primeira que encontrou. Como não existisse outro lugar propício, escondeu-se atrás desta cortina. Tudo isto me parece muito claro. É provável que a sua intenção fosse o roubo; entretanto, como tivesse sido apanhado em flagrante pelo Sr. Douglas, assassinou-o e fugiu.

— É essa a minha impressão — concordou Barker.

— Mas não estaremos perdendo um tempo precioso? Não podemos dar uma busca pelos arredores, antes que o sujeito se safе?

O sargento refletiu.

— Não há trens antes das seis da manhã, portanto não pode fugir pela ferrovia. Se for a pé pela estrada, com as calças encharcadas, é provável que alguém o veja. De qualquer forma não posso afastar-me daqui, sem que apareça quem me substitua. E nenhum dos senhores pode sair, antes de termos uma noção mais clara da situação.

O médico examinava cuidadosamente o cadáver com a lanterna.

— Que marca é esta? — indagou. — Poderá isto ter alguma relação com o crime?

O braço direito do morto apresentava-se, até a altura do cotovelo, fora da manga do roupão e exibia, no centro do antebraço, um desenho de cor castanha, um triângulo dentro de um círculo, que se salientava vivamente na pele clara.

— Não é tatuagem — afirmou o médico. — Nunca vi coisa igual. O homem foi marcado há algum tempo, a fogo, como se costuma fazer com o gado. Qual será o significado disto?

— Confesso que não sei — respondeu Cecil Barker —; mas, há já dez anos conheço esse sinal de Douglas.

— E eu também — acrescentou o mordomo. — Notei essa marca em diversas ocasiões, quando o patrão arregaçava as mangas.

— Nesse caso, nada tem que ver com o crime — concluiu o sargento. — Contudo, é uma coisa esquisita!

O mordomo apontava para a mão espalmada do morto.

— Tiraram-lhe a aliança! — exclamou.

— O quê?

— Sim, tenho certeza! O patrão usava sempre a aliança no dedo mínimo da mão esquerda. Este anel, com uma pepita de ouro, estava sempre por cima dela e o outro, em forma de serpente, usava no dedo médio. Estão ambos aí, mas a aliança desapareceu.

— Tem razão — observou Barker.

— Você diz que a aliança estava abaixo do outro anel?

— Sempre esteve!

— Então, o assassino, ou quem quer que fosse, tirou primeiro o anel da pepita de ouro e, depois de retirar a aliança, voltou a colocar o anel no lugar.

— Justamente.

O digno sargento da polícia abanou a cabeça.

— Parece-me que, quanto mais cedo conseguirmos o auxílio de Londres, tanto melhor. White Mason é um homem ativo, para quem um assunto local jamais apresentou dificuldades. Não tardará em aparecer por aqui para ajudar-nos. Receio, porém, que tenhamos de recorrer a Londres antes de chegarmos a uma solução. Não me importo de confessar que é um problema demasiado confuso para uma pessoa como eu.

CAPÍTULO 4 — A TREVA

As três horas da manhã, o chefe da Polícia de Sussex, atendendo ao apelo urgente do sargento Wilson, de Birlstone, fez-se transportar num carro, cujo cavalo vinha exausto da galopada. Transmitira o comunicado à Scotland Yard pelo trem das cinco e quarenta e, ao meio-dia, encontrava-se na estação para receber-nos. White Mason era um homem de aspecto calmo e agradável. Trajava um elegante casaco esportivo, tinha o rosto corado e bem escanhado, complexão robusta, pernas fortes e arqueadas, calçava polainas e lembrava um modesto agricultor, um trabalhador aposentado ou qualquer outra pessoa, menos um espécime da polícia provinciana.

— Um verdadeiro quebra-cabeças, Sr. Mac Donald — repetia incessantemente.

— Os jornalistas vão cair aqui como moscas quando tiverem conhecimento disto. Espero que possamos terminar o nosso trabalho antes de começarem a meter o nariz e a estragar todas as pistas. Que me lembre, nunca aconteceu coisa igual. É Sr. Holmes, se não me engano? E o senhor é o Dr. Watson? Reservamos-lhes quarto na Westville Arms. Não há outra estalagem por estas bandas. Contudo, sei que é asseada. Este homem vai levar sua bagagem. Por aqui, meus senhores, por favor.

O agente da Polícia de Sussex era diligente e jovial. Dentro de dez minutos tínhamos arranjado alojamentos e, ao cabo de outros dez, estávamos sentados no átrio da estalagem ouvindo uma rápida exposição dos acontecimentos, já relatados antes. Mac Donald tomava uma ou outra nota ocasional, enquanto Holmes parecia absorto, com o mesmo ar de reverente admiração com que o botânico observa uma flor rara.

— Fantástico! — exclamou, quando a narrativa terminou. — Verdadeiramente extraordinário! Não me lembro de outro caso mais singular.

— Tinha certeza de que o senhor ia dizer isso, Sr. Holmes — afirmou White Mason com grande satisfação. — Aqui em Sussex acompanhamos o progresso! Agora já coloquei o senhor a par da situação até o momento em que o caso me foi entregue pelo sargento Wilson, entre as três e as quatro horas da manhã.

Obriguei a minha velha égua a galopar, mas não tinha necessidade de apressar-me tanto, pois nada há a fazer agora. O sargento Wilson já tinha recolhido todos os dados. Li-os, verifiquei-os e estudei-os, adicionando alguns, de minha lavra.

— Que dados? — perguntou Holmes, ansioso.

— Bem, examinei o martelo, com a ajuda do Dr. Wood. Não encontramos nele vestígios de sangue. Tinha a esperança de que, na hipótese do Sr. Douglas ter-se defendido com o martelo, pudesse ter atingido o criminoso antes de deixá-lo cair no tapete.

— O que não prova absolutamente nada — observou o inspetor Mac Donald. — Quantos crimes foram praticados com um martelo, sem que este apresentasse vestígio algum!

— Perfeitamente. E isso não justifica que não tenha sido usado. De fato, não encontramos nada. Em seguida, examinei a espingarda. Os cartuchos eram de chumbo grosso e, como o sargento Wilson assinalou, os dois gatilhos tinham sido ligados por um arame, de modo que as duas cargas fossem disparadas simultaneamente. Quem fez isto estava resolvido a evitar o risco de errar o alvo. A arma, com os canos serrados, não tinha mais de quarenta centímetros de comprimento e podia ser facilmente transportada por baixo do casaco. Não trazia o nome completo do fabricante; apenas as letras PEN na junção dos dois canos, tendo ficado o restante do nome na parte serrada.

— Um P grande, com um floreado em cima, o E e o N menores? — inquiriu Holmes.

— Justamente.

— *Pennsylvania Small Arm Company*. É uma fábrica americana, muito conhecida — concluiu Holmes.

White Mason olhou pasmado para o meu amigo, como o médico do interior olha para o especialista da Harley Street.

— Essa informação é preciosíssima, Sr. Holmes. O senhor conhece o nome de todos os fabricantes de armas do mundo?

Holmes desviou o assunto com um aceno de mão.

— Certamente é uma espingarda americana — continuou White Mason. — Creio ter lido que a espingarda serrada é uma arma muito usada em certas partes da América. Pondo de lado o nome inscrito no cano, a idéia já me tinha ocorrido. Torna-se portanto evidente que o homem que penetrou na casa para matar o Sr. Douglas é um americano.

Mac Donald abanou a cabeça.

— Você está indo longe demais — observou. — Ainda não temos prova alguma de que qualquer estranho tenha entrado na casa.

— A janela aberta, a mancha de sangue no peitoral, o cartão incompreensível, as pegadas no canto da sala, a espingarda...

— Tudo isso podia ter sido encenado. O Sr. Douglas era americano, ou viveu muito tempo na América, assim como o Sr. Barker. Não temos necessidade de ir buscar um americano para justificar a presença de uma arma americana.

— O mordomo Ames...

— É pessoa de confiança?

— Dez anos a serviço de Sir Charles Chandos. É de uma correção absoluta. Trabalha com Douglas há cinco anos, desde que este veio morar na propriedade. Garantiu nunca ter visto uma espingarda dessa espécie na casa.

— A arma devia estar escondida. Por essa razão foram serrados os canos. Caberia em qualquer caixa. Como pode jurar que a arma não estava em casa?

— Bem, de qualquer modo, afirma nunca a ter visto.

Mac Donald abanou a cabeça de escocês obstinado.

— Ainda não estou convencido de que alguém tenha penetrado na casa. Peço-lhe que reflita.

O sotaque traía cada vez mais a sua origem de Aberdeen à medida que o argumento o absorvia.

— Por que supõe que esta arma foi trazida por uma pessoa de fora? Ah, homem, isso é inconcebível! É simples questão de bom senso. O que acha, Sr. Holmes?

— Pois bem, exponha o seu raciocínio, Mac — pediu Holmes, assumindo o ar austero de juiz imparcial.

— O homem, supondo que ele exista, não é um ladrão. O caso do anel e do cartão indicam crime premeditado por qualquer razão particular. Muito bem. Temos um indivíduo que penetra numa casa com o intuito deliberado de cometer um assassinato. Sabe que terá dificuldades em arranjar maneira de escapar, pois a casa está cercada de água. Que espécie de arma escolheria?

— Evidentemente, a mais silenciosa do mundo. Dessa maneira, podia ter esperança de safar-se rapidamente. Isto é compreensível. Mas por que escolheu a arma mais ruidosa que pôde encontrar, sabendo que o disparo atrairia todos os moradores da casa com todas as probabilidades de ser visto antes de atravessar o fosso? Pode-se entender isso, Sr. Holmes?

— O seu raciocínio é convincente — replicou o meu amigo. — Claro que precisa ser justificado. Permita-me que lhe pergunte, Sr. White Mason, se procurou, na outra margem do fosso, sinais de que o homem o tivesse escalado ao sair da água?

— Não havia sinal algum, Sr. Holmes, ainda mais porque a borda do fosso é de pedra.

— Nenhum rasto ou vestígio?

— Absolutamente nenhum.

— Faz alguma objeção a que nos dirijamos imediatamente para a propriedade, Sr. White Mason? É possível que exista qualquer pormenor sugestivo.

— Era o que ia propor, Sr. Holmes, mas achei melhor colocá-lo a par de todos os acontecimentos antes de partir.

White Mason olhou para o detetive com ar indeciso.

— Já trabalhei com o Sr. Holmes noutras ocasiões — afirmou o inspetor Mac Donald. — Segue sempre as regras do jogo.

— Pelo menos sigo as regras de acordo com a minha idéia pessoal do jogo — acrescentou Holmes sorrindo. — Quando participo de um caso, faço-o com o intuito de auxiliar a Justiça e o trabalho da Polícia. Se alguma vez me afastei das autoridades oficiais, foi porque elas se apartaram primeiro de mim. Não tenho o menor desejo de salientar-me.

Ao mesmo tempo, Sr. White Mason, reclamo o direito de trabalhar a meu modo e de só revelar os meus resultados quando bem entender: conclusão final e não considerações parciais.

— Fique certo de que nos sentimos honrados com a sua presença e de que lhe comunicaremos tudo quanto soubermos — assegurou White Mason cordialmente. — Venha, Dr. Watson. Quando a ocasião se apresentar, todos contamos merecer uma menção no seu livro.

Atravessamos a aprazível rua da vila, ladeada por fileiras de olmos. Mais além, deparamos com dois pilares de pedra, denegridos pelo tempo e cobertos de musgo, em cujo topo se via uma figura disforme que fora outrora o timbre de Capus de Birlstone: um leão rompante.

Após uma curta caminhada ao longo da sinuosa vereda ladeada de relva e sombreada por carvalhos, e ao fim de uma curva apertada, surgiu o edifício extenso e baixo, em estilo jacobita, de tijolos vermelhos, escurecidos pela intempérie, circundado por um jardim de teixos aparados, como era moda na época da sua construção. À medida que nos aproximávamos da casa, avistamos a ponte levadiça de madeira e o amplo fosso, que, na sua calma luminosidade, parecia uma camada de mercúrio brilhando ao sol de Inverno. Três séculos haviam se escoado lentamente sobre o solar: séculos de nascimentos e de regressos ao lar; de danças campestres e de reuniões para a caça à raposa. Parecia estranho que, agora na sua velhice, um episódio tenebroso viesse macular-lhe os muros. Por outro lado, aquelas singulares torres suspensas formavam um cenário adequado a trágicos desígnios. Ao olhar para as janelas reentrantes e para a extensa fachada enegrecida pelo tempo, reconheci que seria um cenário adequado à tragédia.

— Ali está a janela — apontou White Mason. — À direita da ponte levadiça. Está aberta, tal como estava ontem à noite.

— Parece demasiado estreita para a passagem de um homem.

— Certamente não podia ser gordo. Mas, tanto eu como o senhor, Sr. Holmes, com algum esforço poderíamos passar por ela.

Holmes aproximou-se da margem do fosso. Observou a borda de pedra e a faixa de relva que o ladeava.

— Já investiguei tudo com muito cuidado, Sr. Holmes — afirmou White Mason. — Não há aí nada que permita supor que alguém o tenha transposto.

— A água é sempre assim turva?

— Geralmente é mais ou menos desta cor. O regato arrasta muita lama.

— Qual é a profundidade?

— Cerca de meio metro junto às bordas e quase um metro no centro.

— Deste modo, podemos abandonar qualquer idéia de o homem ter morrido afogado ao atravessá-la?

— Certamente; nem um rapaz poderia afogar-se aqui!

Atravessamos a ponte e fomos recebidos por um indivíduo estranho, anguloso e enrugado: o mordomo Ames. O pobre velho estava pálido e trêmulo de comoção. O sargento da Polícia, homem alto, cerimonioso e melancólico, ainda fazia guarda à sala fatídica. O médico já tinha se retirado.

— Alguma novidade, sargento Wilson? — perguntou White Mason.

— Não, senhor.

— Então pode ir para casa. Se precisarmos de você, mandaremos chamá-lo. É melhor o mordomo esperar lá fora. Diga-lhe que avise o Sr. Cecil Baker, a Sra. Douglas e a governanta de que talvez tenhamos necessidade de falar-lhes dentro de instantes. Agora, meus senhores, permitam-me que lhes transmita a opinião que formei para, assim, habilitar cada um a formar o seu próprio juízo.

Senti-me impressionado com aquele profissional da província que possuía um seguro domínio dos fatos e um raciocínio lúcido. Holmes escutava-o, sem dar sinais da impaciência que, freqüentemente, lhe causavam os oficiais da Polícia.

— Trata-se de suicídio ou de crime? Creio ser esse o primeiro dilema. Se foi suicídio, temos de admitir que este homem começou por tirar a aliança e ocultá-la; que, depois, se dirigiu para cá de roupão, pisou com lama atrás da cortina, para fazer crer que alguém estava à espera, abriu a janela, deixou sangue no...

— Podemos abandonar essa idéia — cortou Mac Donald.

— Realmente, o suicídio está descartado. Nesse caso, foi cometido um crime. Resta-nos determinar se foi cometido por uma pessoa de fora ou de dentro da casa.

— Muito bem. Ouçamos o que tem a dizer a esse respeito.

— Suponhamos, primeiro, que certa pessoa de dentro da casa cometeu o crime. Essa pessoa atacou a vítima num momento em que tudo se encontrava em silêncio, apesar de ninguém estar dormindo. Contudo, o assassinato foi praticado com uma arma muito ruidosa! Por quê? Para que todos soubessem o que acontecera, e logo com uma arma cuja presença na casa nunca fora notada. Não parece ser uma hipótese muito verossímil!

— Pois não!

— Nesse caso, estão de acordo em que, depois de ser dado o alarme, se passou apenas um minuto, no máximo, antes de os moradores da casa (não só o Sr. Cecil Barker, mas também Ames e todos os outros) se encontrarem no local. Os senhores querem convencer-me de que, nesse curtíssimo lapso de tempo, o assassino conseguiu marcar as pegadas, abrir a janela, manchar o peitoril de sangue, tirar a aliança do dedo do morto e tudo o mais? É humanamente impossível!

— Expôs as circunstâncias com clareza — apreciou Holmes. — Sinto-me propenso a concordar com a sua opinião.

— Nesse caso, somos forçados a voltar à teoria de que o crime foi perpetrado por alguém vindo de fora. Apresentam-se ainda alguns pormenores difíceis de explicar, mas deixam de ser impossibilidades.

O homem penetrou na casa entre as quatro e meia e as seis horas, ou seja, no intervalo entre o crepúsculo e o momento em que a ponte foi levantada. Tinham vindo algumas visitas e a porta estava aberta; nada lhe impediria a entrada.

Talvez fosse um ladrão vulgar ou alguém que tivesse contas a ajustar com o Sr. Douglas. O fato de este ter passado a maior parte da vida na América e esta arma ser de fabricação americana torna a segunda alternativa mais provável. Introduziu-se nesta sala, porque foi a primeira que encontrou, e escondeu-se atrás da cortina. Aí permaneceu até depois das onze da noite, ocasião em que Douglas entrou na sala. Seguiu-se uma breve discussão, se houve, de fato, discussão, visto que a Sra. Douglas assegura que o marido a deixara poucos minutos antes de se ouvir o disparo.

— A vela confirma isso — comentou Holmes.

— Perfeitamente. A vela, que era nova, não ardeu mais de dois centímetros. Ele devia tê-la colocado sobre a mesa antes de ser atacado, porque de outro modo esta teria caído com ele ao chão. Isto prova que foi assaltado ao entrar na sala. Quando o Sr. Barker chegou, o candeeiro estava aceso e a vela apagada.

— Tudo isso é bastante claro.

— Podemos, pois, reconstituir o crime baseados nessa suposição. Douglas entra na sala, apaga a vela e coloca-a em cima da mesa. Surge um homem de trás da cortina, empunhando esta arma. Pede a aliança, não se sabe por quê. O Sr. Douglas atende ao pedido. Depois, a sangue frio, ou no decorrer de uma luta (é possível que Douglas tivesse se apoderado do martelo

encontrado no tapete), dispara a espingarda e mata-o de maneira horrorosa. Deixa cair a arma e também esse estranho cartão: “V. V. 341”. Fugindo pela janela, atravessa o fosso no instante exato em que o Sr. Cecil Barker descobre o crime. Que tal, Sr. Holmes?

— Interessante, mas não convincente.

— Isso parece absurdo! — exclamou Mac Donald. — Alguém matou Douglas mas devia tê-lo feito de qualquer outra forma. Por que iria arriscar-se a ficar com a retirada ameaçada? Por que usaria uma arma de fogo, quando o silêncio era a sua única probabilidade de escapar? Acha convincente, Sr. Holmes, a teoria de White Mason?

Este conservara-se sentado, ouvindo o debate com grande atenção.

— Gostaria de ter mais alguns dados, antes de formar uma teoria, Mac — replicou, ajoelhando-se ao lado do cadáver. — Estes ferimentos são realmente espantosos. Podemos chamar o mordomo?

— Ames, você já vira esta marca de fogo (um triângulo dentro de um círculo) no antebraço do Sr. Douglas?

— Em várias ocasiões, senhor.

— Nunca ouviu nenhuma hipótese quanto ao seu significado?

— Não, senhor.

— Deve ter causado muitas dores ao ser marcado a fogo. E indiscutível que se trata de uma queimadura.

Vejo um pedacinho de adesivo no queixo do Sr. Douglas. Reparou nisto quando ele estava vivo?

— Sim, senhor. Cortou-se ao fazer a barba, ontem de manhã.

— Ele já tinha se ferido ao barbear-se, em qualquer outra ocasião?

— Há muito tempo que estou aqui e nunca soube disso, senhor!

— É sugestivo! — exclamou Holmes. — Pode ser mera coincidência, mas também pode indicar certo nervosismo e que ele tinha razão para estar atemorizado. Observou algo de estranho na sua atitude, Ames?

— Achei-o bastante irritado e inquieto, senhor.

— Talvez o ataque não tivesse sido inesperado. Parece que fazemos alguns progressos. Você quer fazer perguntas, Mac?

— Não, Sr. Holmes.

— Muito bem. Passemos a este cartão: “V. V. 341” de textura ordinária. Há algum deste tipo, na casa?

— Creio que não, senhor.

Holmes dirigiu-se à escrivaninha e vazou no mata-borrão um pouco de tinta, de cada um dos tinteiros.

— Não foi escrito nesta sala — concluiu. — Esta tinta é preta e a que foi usada é arroxeadada. Foi utilizada uma pena grossa e estas são finas. Portanto, foi escrito em qualquer outro lugar. Tem alguma idéia do que isto quer dizer, Ames?

— Não, senhor, nenhuma.

— Que pensa disto, Mac?

— Tenho a impressão de que se trata de qualquer sociedade secreta, talvez a mesma que lhe fez o sinal no antebraço.

— Também é a minha opinião — concordou White Mason.

— Podemos adotá-la como hipótese e verificar até onde podemos eliminar as dificuldades que se opõem à solução do problema. Um agente dessa sociedade conseguiu introduzir-se na casa, esperou pelo Sr. Douglas, quase lhe arrancou a cabeça com um tiro e fugiu pelo fosso, após deixar um cartão junto do cadáver, a fim de avisar os outros membros de que a vingança estava consumada. Até aí está tudo muito bem. Mas, por que utilizou uma espingarda?

— Precisamente: por quê?

— E qual a razão do desaparecimento da aliança?

— Sabe-se lá?

— E porque não foi efetuada prisão alguma? Já passa das duas horas. Estou certo de que, desde o romper da alvorada, todos os policiais, num raio de quarenta milhas, se encontram à procura de um desconhecido com as calças encharcadas.

— Perfeitamente, Sr. Holmes.

— Pois bem; a menos que ele tivesse se escondido nas cercanias ou possuísse uma muda de roupa, teria sido caçado. Mas, até agora, ninguém o viu!

Holmes dirigira-se à janela e pusera-se a examinar com uma lente a mancha de sangue sobre o peitoril.

— Trata-se, inegavelmente, da marca de uma sola de sapato. É de grandes proporções e de um pé chato que pisa para fora. São pegadas muito indistintas. Que é isto, debaixo desta mesa?

— São os halteres com que o Sr. Douglas fazia ginástica — respondeu Ames.

— Halteres... Vejo apenas um. Onde está o outro?

— Não sei, Sr. Holmes. Talvez só houvesse um.

— Um haltere apenas!... — repetiu Holmes, gravemente.

Foi interrompido por súbita pancada na porta. Um homem alto, queimado de sol, de fisionomia inteligente, rigorosamente escanhado, surgiu no umbral. Percebi tratar-se de Cecil Barker, de quem já ouvira falar. Os seus olhos autoritários fitaram cada um de nós, interrogativamente.

— Desculpem-me interromper-lhes a conferência — prefaciou — mas venho transmitir-lhes uma novidade.

— Prenderam alguém?

— Não, mas encontrou-se a bicicleta que o homem abandonou na fuga. Venham vê-la. Está a cerca de cem metros da porta de entrada.

Deparamos com três ou quatro criados e alguns curiosos inspecionando uma bicicleta que havia sido retirada de um agrupamento de pinheiros, onde fora escondida. Era uma *Rudge-Whitworth*, muito usada, suja de lama, como se tivesse feito um longo percurso. Possuía bolsa de ferramentas, que continha uma chave de parafusos e uma almotolia, mas nada que indicasse o dono.

— Seria conveniente — comentou o inspetor —, que todas as premissas fossem numeradas e registradas. Se não pudermos descobrir para onde ele foi, talvez consigamos saber de onde veio. Mas, por que motivo decidiu abandoná-la? E como conseguiu fugir sem ela? Parece que não encontramos solução para este caso, Sr. Holmes.

— Não? — replicou o meu amigo, com ar pensativo.

— Quem sabe?

CAPÍTULO 5 — A PERSONAGEM DO DRAMA

— Já viram tudo o que queriam no gabinete? — perguntou White Mason, ao regressarmos à casa.

— Sim, por enquanto... — respondeu o inspetor e Holmes concordou com um aceno de cabeça.

— Nesse caso, talvez queiram ouvir agora as declarações do pessoal da casa. Podíamos utilizar a sala de jantar, Ames? Venha você primeiro e conte-nos o que sabe.

As declarações do mordomo foram simples e claras e deram uma impressão de sinceridade. Fora contratado há cinco anos, quando o Sr. Douglas chegara a Birlstone.

O Sr. Douglas era um cavalheiro abastado e fizera fortuna na América. Tinha sido um patrão generoso e compreensivo; não exatamente do tipo a que Ames estava habituado, mas neste mundo não se pode ter tudo. Nunca notou qualquer sinal de apreensão por parte do Sr. Douglas. Pelo contrário, era um homem destemido que mandava levantar a ponte levadiça todas as noites por ser essa a tradição da casa e ele gostava de manter os hábitos antigos.

O Sr. Douglas raramente ia a Londres ou saía da vila; contudo, no dia do crime, estivera fazendo compras em Tunbridge Wells. Ames observara uma certa excitação no Sr. Douglas, pois parecia impaciente, o que não era habitual. Ames não tinha ido deitar-se e estava na despensa, nos fundos da casa, guardando as pratas, quando ouviu tocar a campainha violentamente.

Não ouvira tiro algum, o que era natural, visto que a despensa ficava na parte posterior da habitação e havia antes dela várias portas fechadas e um longo corredor. A governanta saíra do quarto, atraída pelo toque da campainha e, juntos, dirigiram-se à porta da entrada.

Quando tinham acabado de descer a escada, viram a Sra. Douglas descendo. Não lhes parecera que estivesse particularmente agitada. No momento exato em que alcançava o último degrau, o Sr. Barker saíra do gabinete. Deteve-a e implorou-lhe que voltasse para o quarto.

— O pobre Jack está morto — gritou. — Você nada pode fazer!

Após alguma insistência, a Sra. Douglas regressara ao quarto. Ela não gritara; nem mesmo emitira o menor gemido. A governanta Sra. Allen, acompanhara-a na escada e ficara a fazer-lhe companhia no quarto. Ames e o Sr. Barker voltaram para o gabinete, onde deixaram tudo exatamente como a polícia viria encontrar. A vela estava apagada, mas o candeeiro estava aceso. Tinham-se aproximado da janela e olhado para fora; mas a noite estava muito escura e nada puderam ver. Dirigiram-se depois para o vestíbulo, onde Ames acionou o mecanismo para descer a ponte levadiça. Então o Sr. Barker saiu correndo, a fim de avisar a polícia.

As declarações da Sra. Allen, não foram mais do que uma confirmação do seu colega. O quarto dela ficava muito mais próximo da entrada do que a despensa na qual Ames estivera a trabalhar. Preparava-se para ir para a cama, quando o som da campainha lhe atraiu a atenção. Era um tanto

surda e, talvez por isso, não tivesse ouvido o disparo; de qualquer modo, o gabinete ficava distante. Lembrava-se de um ruído qualquer, que supôs ser o bater de uma porta. Mas isso sucedera, pelo menos, meia hora antes de soar a campainha.

Quando o Sr. Ames correu para a frente da casa, ela acompanhou-o. Viu o Sr. Barker sair do gabinete, muito pálido e agitado. Este deteve a Sra. Douglas, que descia a escada. Suplicou-lhe que voltasse para o quarto e ela respondeu-lhe qualquer coisa que não pôde ser ouvida.

— Leve-a para cima e fique lá com ela — ordenou à Sra. Allen.

Por conseguinte, esta acompanhou a patroa até o quarto e procurou acalmá-la. A Sra. Douglas ficara muito excitada e tremendo, mas não fez qualquer tentativa para tornar a descer. Ficara sentada, de camisola, ao pé da lareira, com a cabeça entre as mãos.

A Sra. Allen passara a maior parte da noite na sua companhia. Quanto aos outros criados, já todos se tinham deitado e não tiveram conhecimento da tragédia, a não ser pouco antes da chegada da Polícia. Dormiam no extremo oposto do edifício e não lhes seria possível ouvir fosse o que fosse.

A governanta não soube responder a outras perguntas, a não ser com lamentos e exclamações de espanto.

O Sr. Cecil Barker sucedeu a Sra. Allen, como testemunha. Quanto aos acontecimentos da noite anterior, pouco tinha a acrescentar ao que já declarara à Polícia. Pessoalmente, estava convencido de que o assassino fugira pela janela. Visto a ponte se encontrar levantada, não havia outro meio possível de fuga. Não sabia explicar o que acontecera ao assassino, nem por que motivo este não levara a bicicleta, se ela de fato lhe pertencia. De maneira alguma poderia ter morrido afogado no fosso, cuja profundidade não ia além de um metro.

Concebera uma teoria muito definida a respeito do crime. Douglas era homem de poucas palavras e havia alguns capítulos da sua vida aos quais jamais se referira. Emigrara para a América, vindo da Irlanda, ainda muito jovem, e por lá prosperara bastante. Barker encontrara-o pela primeira vez na Califórnia, onde se tornaram sócios na exploração de uma mina bastante rendosa, num lugar chamado Benito Canyon. Foram bem sucedidos, mas, repentinamente, Douglas vendeu a sua parte e partiu para a Inglaterra. Nessa época era viúvo. Mais tarde, Barker liquidou os seus negócios e veio para Londres. Desta forma, tinham renovado a antiga amizade. Tinha a

impressão de que Douglas temia qualquer perigo iminente e Barker julgara ser essa a causa da sua rápida partida da Califórnia, e também a circunstância de ter alugado casa num lugar tão isolado da Inglaterra. Imaginava que alguma sociedade secreta estivesse no rasto de Douglas para justicá-lo. Esta idéia devia-se a certos comentários feitos pelo amigo, apesar de este nunca lhe ter dito de que sociedade se tratava e porque se julgava ameaçado. Só podia supor que a legenda do cartão se relacionasse com tal sociedade secreta.

— Quanto tempo estive o senhor com Douglas, na Califórnia? — perguntou o inspetor Mac Donald.

— Cinco anos.

— Declarou que ele era solteiro?

— Não. Era viúvo.

— Soube, por acaso, de onde era a primeira mulher?

— Lembro-me de ouvi-lo dizer que era de origem sueca e, certa vez, vi o seu retrato. Devia ser uma mulher muito bela. Morreu de tifo, um ano antes de eu conhecer Douglas.

— Não associa o passado do seu amigo a determinada região da América?

— Ouvi-o falar de Chicago, cidade que conhecia bem e onde trabalhara. Falava também das zonas mineiras de carvão e ferro. Devia ter viajado muito.

— Era político? Essa sociedade secreta relacionava-se com a política?

— Não. Douglas não se interessava por isso.

— Não tem motivos para supor que ele fosse um criminoso?

— Pelo contrário. Nunca conheci pessoa mais íntegra!

— Havia algo de anormal na sua vida na Califórnia?

— Preferia passar todo o tempo trabalhando na nossa mina da montanha. Evitava ir a lugares onde estivessem outros homens. Foi isso que me levou a pensar que alguém estivesse no seu encalço. Depois, quando ele partiu tão subitamente para a Europa, a minha suspeita transformou-se em certeza. Creio que recebeu qualquer aviso, visto que uma semana após a partida apareceram uns homens à sua procura.

— Que espécie de homens?

— Gente de mau aspecto. Apresentaram-se na mina e quiseram saber onde se achava Douglas. Disse-lhes que embarcara para a Europa, mas não sabia onde se encontrava. Percebia-se que não o procuravam com boas intenções.

— Esses homens eram americanos, ou melhor, californianos?

— Bem, não sou capaz de distinguir um californiano; mas não havia dúvida de que se tratava de americanos. No entanto, não eram mineiros. Não faço idéia do que fossem; o que é certo é que fiquei contente ao vê-los pelas costas.

— Isso foi há seis anos?

— Quase sete.

— E, portanto, se os senhores estiveram juntos cinco anos na Califórnia, esse assunto data de onze anos atrás, no mínimo?

— Exatamente.

— Deve ter-se tratado de uma questão muito séria para manter-se com tanta intensidade, por tanto tempo.

— Julgo que este pesadelo o atormentou durante toda a vida. Nunca o abandonou.

— Mas, se um homem tivesse consciência de que um perigo o ameaçava e soubesse do que se tratava, não iria procurar proteção junto da Polícia?

— Talvez fosse algum perigo de que não houvesse meio de protegê-lo. Há uma coisa que os senhores precisam saber. Douglas andava sempre armado com um revólver. Mas, por azar, ontem à noite estava de roupão e deixara-o no quarto. Suponho que, tendo levantado a ponte, se julgava seguro.

— Gostaria de conhecer os pormenores com mais clareza — interveio Mac Donald. — Há quase seis anos que Douglas abandonou a Califórnia. O senhor seguiu-o, um ano depois, não é exato?

— Perfeitamente,

— E ele estava casado havia cinco anos... O senhor deve ter voltado, mais ou menos, por ocasião do seu casamento.

— Cerca de um mês antes. Servi-lhe de padrinho.

— Conhecia a Sra. Douglas, antes do casamento?

— Não. Estive dez anos ausente da Inglaterra.

— Não obstante o senhor viu-a freqüentemente depois disso.

Barker olhou severamente para o policial.

— Depois disso, encontrei-me várias vezes com Douglas — retorquiu. — Se a via, é porque raramente se visita um homem casado sem ver a mulher. Se julga haver alguma relação.

— Não julgo nada Sr. Barker. Sou forçado a pedir informações sobre tudo o que possa fazer luz neste caso. Não tenho intenção de ofendê-lo.

— Certas perguntas são injuriosas — replicou Barker, irritado.

— Queremos apenas fatos. É de seu interesse que sejam esclarecidos. O Sr. Douglas aprovava incondicionalmente a amizade que unia o senhor à sua mulher?

Barker tornou-se lívido e as suas mãos grandes e fortes comprimiram-se, uma contra a outra, num gesto convulsivo.

— O senhor não tem o direito de fazer tais perguntas! — gritou. — Que tem isso a ver com o assunto que está investigando?

— Sou forçado a insistir na pergunta.

— E eu recuso-me a responder-lhe.

— Pode recusar-se, mas deve compreender que a sua negativa é, por si própria, uma resposta, pois não faria tal coisa se não tivesse algo a esconder.

O rosto de Barker sombreou-se e as vastas sobrancelhas negras contraíram-se. Mas, de súbito, acalmou-se e sorriu.

— Pois bem! Afinal de contas, concordo que estão apenas cumprindo o seu dever e eu não tenho o direito de criar-lhes obstáculos. Peço-lhes apenas para não aborrecerem a Sra. Douglas com este assunto, pois ela já tem sofrido bastante. Posso dizer-lhes que Douglas tinha um único defeito na vida, e esse defeito era o ciúme. No entanto, gostava muito de mim... E era muito devotado à mulher. Sentia prazer em que eu o visitasse e chamava-me constantemente. Contudo, se eu e sua mulher conversássemos a sós, manifestando alguma simpatia, ficava roído de ciúme, fazendo-o perder a cabeça e dizer insolências. Por este motivo, mais de uma vez decidi não voltar a procurá-lo; mas ele escrevia-me cartas tão solícitas que acabava sempre por voltar, apesar da minha decisão. Porém, afirmo-lhes que nenhum homem teve mulher mais amorosa e fiel... e posso também garantir-lhes nenhum amigo mais leal do que eu.

— O senhor sabe — insistiu Mac Donald — que a aliança do morto lhe foi tirada do dedo?

— Assim parece — respondeu Barker.

— Porque diz “assim parece”? O senhor sabe muito bem que se trata de um fato positivo.

Barker mostrou-se indeciso.

— Quando disse “assim parece”, pretendi sugerir que talvez o próprio Douglas a tivesse tirado.

— O simples fato de faltar a aliança, seja quem for que a tenha tirado, sugere uma relação entre o casamento e a tragédia. Não lhe parece?

Barker encolheu os largos ombros.

— Não sei — retorquiu. — Mas, se pretende insinuar que isso possa refletir-se, de qualquer modo, na honra da Sra. Douglas... — Os olhos brilhavam-lhe, mas controlou as emoções. — Estão seguindo por um caminho errado.

— Creio não ter mais perguntas a fazer-lhe, por enquanto — declarou Mac Donald, friamente.

— Desejava ainda um pequeno esclarecimento — interveio Holmes. — Quando o senhor entrou na sala só havia uma vela acesa sobre a mesa, não é verdade?

— Precisamente.

— E à luz dessa vela, o senhor notou que sucedera qualquer coisa de horrível?

— Exatamente.

— E tocou imediatamente a campainha para pedir auxílio?

— Sim.

— E este chegou prontamente?

— Ao cabo de um ou dois minutos.

— No entanto, quando os outros apareceram, viram que a vela estava apagada e a lâmpada acesa. Isso parece-me muito importante.

Mais uma vez, Barker deixou transparecer sinais de indecisão.

— Não vejo que interesse isso tenha, Sr. Holmes — respondeu, após uma pausa. — A luz da vela era demasiado fraca e arranjei outra melhor. A lâmpada estava sobre a mesa e acendi-a.

— E apagou a vela?

— Perfeitamente.

Holmes não fez mais perguntas e Barker, depois de ter-nos lançado um olhar que me pareceu conter um certo desafio, voltou-nos as costas e saiu da sala.

O inspetor Mac Donald tinha mandado dizer à Sra. Douglas que iria ao seu quarto, mas a viúva preferiu encontrar-se conosco na sala de jantar. Era

alta e bela, com cerca de trinta anos, reservada e segura de si, muito diferente da figura trágica e perturbada que eu imaginara. O rosto apresentava-se pálido e abatido, como se tivesse experimentado um grande choque, mas os seus modos eram calmos e a mão delicada que pousou na borda da mesa estava tão firme como a minha. Os olhos tristes e suplicantes erraram por cada um de nós com uma expressão interrogativa. Esse olhar transformou-se numa pergunta inesperada.

— Já descobriram alguma coisa?

Teria sido a minha imaginação que me levou a vislumbrar nesta pergunta um tom mais de temor do que de esperança?

— Temos feito o possível, minha senhora — assegurou o inspetor. — E pode estar certa de que não descuidaremos do mínimo pormenor.

— Não se preocupem com despesas. Quero que empreguem todos os esforços possíveis para atingir-se uma rápida conclusão.

— Talvez possa dizer-nos alguma coisa que ajude a esclarecer o problema.

— Estou ao seu dispor.

— O Sr. Barker declarou que a senhora não viu... que não chegou a entrar na sala onde ocorreu a tragédia.

— Não. Fez-me subir a escada, suplicando-me que voltasse para o meu quarto.

— Exatamente. A senhora descera, mal ouvira o disparo?

— Vesti o roupão e desci imediatamente.

— Quanto tempo decorreu desde o momento em que ouviu o tiro e aquele em que se encontrou na escada com o Sr. Barker?

— Talvez dois minutos. É difícil calcular o tempo em tais circunstâncias. Pediu-me insistentemente que voltasse para o quarto e garantiu-me que eu já nada podia fazer. Em seguida, a governanta, Sra. Allen, levou-me para cima. Parecia estar vivendo um pesadelo horrível.

— Sabe quanto tempo seu marido esteve no andar de cima, antes de a senhora ouvir o disparo?

— Não sei. Meu marido saiu do quarto de vestir, sem que eu desse por isso. À noite, percorria a casa inteira, pois receava um possível incêndio. Era a única coisa que o atormentava.

— É esse precisamente o ponto a que desejava chegar. Só o conheceu quando ele regressou à Inglaterra?

— Sim. Estávamos casados havia cinco anos.

— Nunca o ouviu referir-se a uma ocorrência, na América, que pudesse constituir um perigo para ele?

A Sra. Douglas refletiu, antes de responder.

— Sim — confirmou. — Sempre tive a sensação de que se sentia ameaçado. Contudo, nunca quis discutir esse assunto comigo, pois evitava causar-me preocupações. Temia que eu me afliesse e por esse motivo preferia calar-se.

— Nesse caso, como teve conhecimento disso?

O rosto da Sra. Douglas iluminou-se com um sorriso.

— Acha possível que um marido consiga esconder um segredo por toda a vida, sem que sua mulher não o suspeite? Pressentia de várias maneiras. Pela recusa em falar de alguns episódios da sua vida na América; por certos cuidados que costumava tomar; por certas palavras que, às vezes, lhe escapavam; pelo seu modo de olhar para pessoas estranhas que encontrava de improviso.

Fiquei certa da existência de inimigos poderosos, que lhe andavam no encalço e dos quais constantemente procurava precaver-se. Tinha tanta certeza disso que, durante anos, me apoquentava, quando ele tardava em regressar a casa.

— Quais foram as palavras que lhe atraíram a atenção? — interrompeu Holmes.

— *O Vale do Terror* — respondeu a Sra. Douglas. — Era uma expressão que ele empregava sempre que o interrogava.

— Estou no Vale do Terror e ainda não saí de lá.

— Mas nunca conseguiremos sair do Vale do Terror? — perguntei-lhe uma vez, ao vê-lo mais preocupado que de costume.

— Algumas vezes, penso que jamais o deixaremos — respondeu-me.

— A senhora, naturalmente, perguntou-lhe o que significava esse *Vale do Terror*?

— Sem dúvida, mas meu marido abanava a cabeça. “É uma desgraça o fato de um de nós ter sido atingido pela sua sombra. Prezo a Deus que ela jamais atinja você”.

Devia tratar-se de algum vale em que ele tivesse vivido e no qual lhe houvesse acontecido algo de espantoso. Não sei mais nada.

— E nunca se referiu a qualquer nome?

— Sim. Certa vez, num delírio de febre, por ocasião de um acidente de caça, há três anos, pronunciou um nome que lhe vinha constantemente aos lábios, com cólera e horror: Mac Ginty, grão-mestre Mac Ginty. Quando se restabeleceu, perguntei-lhe quem era esse Mac Ginty e de que era grão-mestre.

“Graças a Deus! Nunca foi meu” — replicou, rindo. Estou certa de haver uma relação entre o grão-mestre Mac Ginty e o Vale do Terror.

— Ainda um esclarecimento — pediu o inspetor Mac Donald. — A senhora conheceu o Sr. Douglas numa pensão em Londres e ali ficaram noivos, não é exato? Pode dizer-me se houve algo de romântico, de secreto ou misterioso no seu matrimônio?

— Existe sempre um pouco de romance num casamento. Nada, porém, de misterioso.

— O Sr. Douglas não tinha nenhum rival?

— Claro que não! Eu era completamente livre.

— A senhora já sabe que a aliança foi tirada do dedo do seu marido? Esta particularidade não lhe sugere algum motivo? Supondo que algum inimigo o tivesse descoberto e assassinado, que motivo plausível poderia induzi-lo a apoderar-se do anel de casamento?

Poderia jurar que uma leve ironia lhe assomou aos lábios.

— Verdadeiramente, não sei dizer — respondeu. — É, na verdade, um ato insólito.

— Muito bem! Não a deteremos por mais tempo e sentimos tê-la incomodado numa ocasião como esta — rematou o inspetor. — Precisamos ainda esclarecer outros pontos, mas chamaremos a senhora à medida que se apresentarem.

A Sra. Douglas levantou-se e teve novamente a sensação de que o olhar interrogativo que nos lançou, significava: “Que impressão lhes causaram as minhas declarações?”

Se essa pergunta tivesse sido proferida, não poderia ser mais evidente. Depois, com uma leve inclinação de cabeça, retirou-se da sala.

— É uma bela mulher! — comentou Mac Donald, depois da Sra. Douglas fechar a porta. — Certamente esse Barker deve ter estado aqui muitas vezes. É um homem que pode atrair a atenção das mulheres. Ele admite que o morto era ciumento e talvez saiba, melhor que qualquer outro, os motivos

desse ciúme. E depois, aquele caso da aliança... é uma coisa difícil de engolir. O homem que arranca da mão de um cadáver o anel nupcial... Que diz sobre isso, Sr. Holmes?

O meu amigo permanecera sentado, com a cabeça apoiada nas mãos, imerso em profunda meditação. Levantou-se e tocou a campainha.

— Ames — perguntou ao mordomo, ao vê-lo surgir —, onde se encontra o Sr. Barker neste momento?

— Vou ver, senhor.

Regressou dentro de breves instantes e informou que o Sr. Barker se encontrava no jardim.

— Lembra-se, Ames, como estava calçado o Sr. Barker ontem à noite, quando o encontrou no gabinete?

— Perfeitamente, Sr. Holmes. Calçava um par de chinelos. Eu próprio lhe trouxe os sapatos, quando saiu para avisar a Polícia.

— Onde estão agora esses chinelos?

— Debaixo de uma cadeira, no vestíbulo.

— Muito bem, Ames. Naturalmente precisamos saber quais são as pegadas do Sr. Barker, para distingui-las das que provenham de pessoas de fora.

— Sim, senhor. Devo dizer-lhe que notei que os seus chinelos estavam manchados de sangue... como, aliás, também os meus.

— O que é natural, dadas as condições da sala. Bem, Ames, se precisarmos de você, tocaremos a campainha.

Poucos minutos depois, estávamos no gabinete. Holmes trouxera consigo os chinelos encontrados no vestíbulo. Como Ames dissera, ambas as solas se achavam manchadas de sangue.

— É estranho! — murmurou Holmes, aproximando-se da claridade da janela e examinando-as minuciosamente. — Na verdade, muito estranho!

Inclinando-se, colocou o chinelo sobre a marca de sangue do peitoril. Ambas correspondiam exatamente. Holmes sorriu silenciosamente para os seus colegas.

Súbita emoção transfigurara as feições do inspetor. O seu sotaque regional acentuou-se com a excitação.

— Com os diabos! — exclamou. — Não pode haver dúvida! Foi Barker quem fez essas marcas na janela. É uma pegada muito mais larga do que a de um sapato. Recordo-me de ter ouvido o senhor dizer que se tratava de

um pé chato, com a planta virada para fora, e agora eis aí a explicação. Mas que história é esta, Sr. Holmes?

— Sim, que história é esta? — repetiu o meu amigo, com um ar pensativo.

White Mason soltou uma risadinha e esfregou as mãos gordas, num gesto de satisfação profissional.

— Eu bem disse que se tratava de um quebra-cabeças! — exultou. — E que quebra-cabeças!

CAPÍTULO 6 — UMA RÉSTIA DE LUZ

Os três policiais tinham muito que discutir acerca dos pormenores do caso. Por esse motivo regressei sozinho ao nosso modesto quarto na estalagem da vila. Contudo, antes de fazê-lo resolvi dar um pequeno passeio pelo curioso e antigo jardim que flanqueava a casa. Circundavam-no fileiras de teixos enormes, podados de maneira invulgar. No interior, estendia-se um relvado, tendo ao centro um velho relógio de sol; toda a atmosfera do local era tão plácida e repousante que exercia sobre os meus nervos o efeito de um bálsamo. Nesse ambiente de paz seria possível esquecer o gabinete sombrio em cujo pavimento jazia um homem coberto de sangue. Contudo, enquanto vagueava por aquele ameno jardim, acalmando o espírito com seus tépidos aromas, ocorreu um estranho incidente que me fez recordar da tragédia e me causou uma sinistra impressão.

Já disse que o jardim era circundado por fileiras de teixos. Na extremidade mais afastada da casa, formavam uma cerca contínua. No lado oposto dessa cerca, oculto de quem se avizinhasse da habitação, havia um banco de pedra. Ao aproximar-me, ouvi um ruído de vozes: uma, masculina, que fazia qualquer observação em tom grave, em contraste com um riso cristalino feminino. Momentos depois, atingi o limite da cerca e deparei com a Sra. Douglas e o Sr. Barker, antes que notassem a minha presença. A atitude dela desconcertou-me. Na sala de jantar, mostrara-se séria e discreta, mas agora toda a simulação de tristeza se dissipara. Os olhos brilhavam com alegria e o rosto vibrava com o prazer que lhe causaram as observações do companheiro. Este estava sentado, com o corpo inclinado para diante, os dedos das mãos entrelaçados e os cotovelos apoiados nos joelhos, com um sorriso no rosto atraente. Ao verem-me, mas demasiado tarde, recobram as suas máscaras solenes. Trocaram algumas rápidas palavras, após o que Barker se levantou e veio ao meu encontro.

— Desculpe-me, mas é com o Dr. Watson que tenho a honra de falar?

Inclinei a cabeça com uma frieza que revelava claramente a impressão desagradável suscitada pelo comportamento de ambos.

— Imaginamos que fosse justamente o senhor, em vista da sua tão conhecida amizade com o Sr. Holmes. Poderia vir falar por um momento com a Sra. Douglas?

Segui-o, pensando naquele corpo golpeado, estendido no soalho, e em que, poucas horas depois do trágico acontecimento, a mulher do assassinado e o seu amigo mais íntimo estavam rindo, juntos, atrás de uma moita, no jardim do morto. Cumprimentei a Sra. Douglas, reservadamente.

— Receio que o senhor me julgue insensível e sem coração — proferiu ela.

— Isso não me diz respeito — retorqui, encolhendo os ombros.

— Talvez um dia o senhor me faça justiça. Se puder compreender...

— Não vejo que interesse tenha Dr. Watson em compreender! — interrompeu prontamente Barker. — Como ele próprio disse, o assunto não lhe diz respeito.

— Precisamente — concordei —, e por isso peço-lhes licença para prosseguir o meu passeio.

— Um momento, Dr. Watson — pediu a Sra. Douglas. — Há uma pergunta à qual o senhor pode responder com mais autoridade do que qualquer outra pessoa, e isso poderá ter para mim uma enorme importância. Conhece melhor do que ninguém o Sr. Holmes e as suas relações com a Polícia. Se ele fosse informado, confidencialmente, de alguma coisa, julga que teria absoluta necessidade de transmitir essa informação eventual aos agentes encarregados da investigação oficial?

Barker inquiriu:

— Ele trabalha por conta própria ou opera unicamente por encargo das autoridades oficiais?

— Francamente, não me julgo no direito de pronunciar-me a esse respeito.

— Por favor... suplico-lhe que nos ajude, Dr. Watson!

Havia na voz da mulher tal sinceridade que, por um instante, esqueci a sua leviandade e senti-me inclinado a satisfazer-lhe o desejo.

— Homes é um investigador independente — esclareci. — Não tem de prestar contas a ninguém e age de acordo com o seu julgamento pessoal. Por outro lado, não pode deixar de ser leal para com os agentes que com ele

operam, e, certamente, não lhes ocultará coisa alguma que contribua para entregar um criminoso à justiça. Nada mais posso dizer e aconselho-os a dirigirem-se ao próprio Holmes se desejam mais esclarecimentos.

Em seguida, despedi-me, tirando o chapéu, e continuei o meu caminho, deixando-os sentados atrás da cerca. Ao dar a volta à extremidade desta, voltei a cabeça e vi-os ainda discutindo animadamente e, como os seus olhares me acompanhavam, era evidente que debatiam a entrevista que acabavam de ter comigo.

— Não quero ouvir-lhes as confidências — respondeu Holmes, quando lhe narrei o ocorrido.

O meu amigo passara a tarde na mansão, conferenciando com os seus dois colegas, e regressara à estalagem por volta das cinco horas, com um apetite devorador, resolvido a saciar-se na abundante mesa de chá que eu mandara servir-lhe.

— Nada de confidências, Watson, porque se tornam demasiado embaraçosas se delas resulta uma prisão por crime premeditado.

— Acredita que chegue a tal ponto?

Holmes encontrava-se num dos seus estados de espírito mais alegres e cordiais.

— Meu caro Watson, logo que tiver exterminado este quarto ovo, estarei em condições de pô-lo a par de toda a situação. Não digo que já tenhamos dissecado este problema até o fundo, mas quando tivermos descoberto o outro haltere...

— O outro haltere?

— Santo Deus, Watson! É possível que ainda não tenha compreendido que todo o caso gira em torno do haltere desaparecido? Ora, amigo, não precisa ficar envergonhado, pois não creio que o inspetor Mac, nem aquele outro excelente policial local tenham percebido a extraordinária importância desse pormenor. Um único haltere, Watson! Poderá existir um atleta que se sirva apenas de um? Imagine o desenvolvimento unilateral, o risco iminente de deformação da espinha dorsal. É absurdo, Watson, não lhe parece?

Mastigando uma torrada e com os olhos cintilantes de malícia, divertia-se observando a minha confusão mental. Bastava reparar no seu ótimo apetite para ter uma garantia de êxito, pois recordava-me perfeitamente de dias e noites nos quais ele nem pensava em alimentar-se, quando se mantinha confuso perante um problema insolúvel, e o rosto, já de si tão magro e

descarnado, ainda mais se lhe adelgaçava no ascetismo de uma completa concentração mental. Acendeu, por fim, o cachimbo e, sentando num canto da lareira da velha hospedaria, pôs-se a falar lenta e desordenadamente sobre o caso, mais como quem pensa em voz alta, do que como exprimindo um juízo já refletido.

— Uma mistificação, Watson, um embuste imenso, formidável. Eis o que se nos apresenta de início. Eis o nosso ponto de partida. Toda a história contada por Barker é uma falsidade. Mas essa história é corroborada pela Sra. Douglas; portanto, ela também está mentindo. Ambos mentem, e de comum acordo. Aqui estamos, pois, em face de um problema nítido: por que mentem e qual será a verdade que ambos procuram ocultar tão desesperadamente?

Vejamos se nós dois conseguimos desmascarar essa mistificação e reconstituir a verdade.

— Mas...

— Como sei que estão mentindo? Porque se trata de uma invenção desastrada, que não pode ser a verdade. Reflita! De acordo com a versão que nos foi apresentada, o assassino teve menos de um minuto, após perpetrar o crime, para tirar a aliança que se encontrava por baixo de outro anel no dedo do morto e para repor esse outro anel, coisa que naturalmente jamais fez. E, depois, para colocar aquele misterioso cartão ao lado da sua vítima. Isto seria evidentemente impossível. Você pode objetar, Watson, que a aliança tivesse sido tirada antes de o homem ter sido morto.

O fato de a vela ter estado acesa durante muito pouco tempo mostra que não houve uma entrevista prolongada. Pelo que sabemos do seu caráter intrépido, seria Douglas homem que entregasse a própria aliança com tanta facilidade? E poderemos imaginar que, de fato, ele a tivesse entregado? Não, Watson, o assassino permaneceu junto do morto, com a lâmpada acesa, por um período certamente mais longo. Sobre este ponto não tenho a menor dúvida.

Entretanto, o tiro foi aparentemente a causa da morte. Devia, por conseguinte, ter sido disparado antes do momento que nos declararam. Encontramo-nos, portanto, em presença de conivência deliberada por parte das duas pessoas que ouviram o disparo: Barker e a Sra. Douglas.

Além disso, estou apto a demonstrar que a pegada de sangue no peitoril da janela foi deliberadamente ali deixada por Barker a fim de lançar a Polícia numa pista falsa. Todos os indícios levam-nos a suspeitar desse homem.

Temos também de considerar a que horas o crime ocorreu. Até às dez e meia, os criados moviam-se pela casa; portanto não foi antes dessa hora. Às dez e quarenta e cinco, todos tinham-se recolhido aos seus quartos, com exceção de Ames que se encontrava na despensa.

Depois de você nos ter deixado, esta tarde, verifiquei que nenhum ruído feito por Mac Donald no gabinete podia ser ouvido por mim, na despensa, se todas as portas estivessem fechadas. Sucedeu o contrário, porém, em relação ao quarto da governanta. Conseguiu, aí, perceber vagamente uma voz, desde que o tom fosse alto. O estampido de um tiro pode ser relativamente abafado, quando a descarga é feita à queima-roupa, como o foi neste caso.

Podia não ter sido muito forte mas, mesmo assim, dado o silêncio da noite, devia ter sido ouvido no quarto da Sra. Allen. Esta é um pouco surda. No entanto, declarou ter ouvido algo semelhante ao bater de uma porta, meia hora antes de ser dado o alarme. Meia hora antes do alarme significa dez e quarenta e cinco. Estou certo de que foi o disparo da arma de fogo o estrondo por ela ouvido e de que foi o momento exato do crime.

Se assim é, precisamos determinar o que o Sr. Barker e a Sra. Douglas (admitindo não terem sido eles os verdadeiros assassinos) estavam fazendo, das dez e quarenta e cinco, ou seja, o instante em que o estrondo do tiro os fez descer, até às onze e um quarto, quando tocaram a campainha e chamaram os criados. Que estavam fazendo e por que não deram imediatamente o alarme? Este é o problema que temos de resolver e, quando o tivermos decifrado, estaremos próximos da solução final.

— Pessoalmente, também estou convencido de que entre os dois deve existir um entendimento. Ela deve ser uma criatura desalmada para rir poucas horas após o assassinato do marido.

— Exatamente. Ela não dá a impressão de uma verdadeira esposa, mesmo quando descreve os fatos ocorridos. Não sou admirador incondicional do belo sexo, como você bem sabe, Watson, mas a minha experiência da vida ensinou-me que é rara a mulher que, com um mínimo de consideração pelo marido, encontra consolação nas palavras de qualquer homem, a ponto de abandonar o cadáver do consorte.

Se algum dia me casar, Watson, espero ser capaz de inspirar à minha mulher sentimentos que não lhe permitam deixar-se levar docilmente por uma governanta, quando o meu cadáver estiver a poucos metros de distância.

A pantomima foi muito mal ensaiada, pois mesmo o mais imbecil dos investigadores deveria sentir-se chocado com a total falta do habitual pranto feminino. Se não houvesse mais nada, bastaria esta lacuna para criar a suspeita de uma prévia conjura.

— Você então está convencido de que Barker e a Sra. Douglas são culpados do homicídio?

— A sua maneira de fazer perguntas, Watson, é de uma crueza impressionante! — exclamou Holmes, brandindo o cachimbo, em tom de gracejo, na minha direção. — Dão-me a impressão de projéteis desfechados contra mim. Se me perguntar se a Sra. Douglas e Barker sabem a verdade acerca do crime e tentam escondê-la, posso nesse caso dar-lhe uma resposta positiva: estou certo disso. A sua conclusão mais drástica, todavia, não é tão clara. Reflitamos nas dificuldades que se apresentam à formulação de tal hipótese.

Suponhamos que este par está unido pelos laços de um amor culposo e que ambos decidiram desembaraçar-se do homem que lhes impedia a realização dos seus desígnios. É uma hipótese muito vaga, pois a indagação discreta feita junto dos criados e de outras pessoas não conseguiu corroborá-la. Pelo contrário, todas as testemunhas afirmam que os Douglas constituíam um casal muito unido, com afeição mútua.

— Afirmando que isso não pode ser verdade — interrompi, recordando o rosto sorridente da Sra. Douglas no jardim.

— Bom, pelo menos, davam essa impressão. Vamos supor, contudo, que formam um par habilíssimo que conseguiu iludir todos nesse ponto. Admitamos que planejaram o assassinato do marido. Acontece que este era um homem sobre cuja cabeça pairava um perigo...

— Mas, a esse respeito, só podemos basear-nos na palavra de ambos.

— Compreendo, Watson. Formulamos uma teoria, segundo a qual tudo quanto dizem, desde o princípio, é falso. De acordo com esta opinião nunca existiu qualquer ameaça oculta, ou sociedade secreta, ou Vale do Terror, ou grão-mestre Mac-Qualquer-Coisa. Mas isso é uma generalização bastante irresponsável. Vejamos ao que nos conduz. Inventam toda essa história para explicar o crime. Depois, para comprovar essa versão, abandonam uma bicicleta no parque a fim de provar a existência de alguém vindo de fora. A mancha de sangue no peitoral da janela reforça esta idéia. Para o mesmo fim serve o cartão deixado junto do morto, o qual bem pode ter

sido preparado em casa. Tudo isso se enquadra na nossa hipótese, Watson. Mas, por que motivo, entre tantas armas, foi utilizada uma espingarda de canos serrados e, além disso, de marca americana? Como podiam estar tão seguros de que o estrondo do tiro não fizesse com que alguém os surpreendesse em flagrante? Foi por mero acaso que a Sra. Allen não investigou a causa do “bater da porta”. Qual a razão que levou os dois culpados a fazer tudo isso, Watson?

— Confesso não poder dar uma explicação coerente.

— E outra coisa: se uma mulher e o próprio amante planejaram o assassinato do marido, como ousariam patentear a sua culpa, subtraindo a aliança do dedo deste último, após tê-lo assassinado? Acha isso provável, Watson?

— Não! Não acho.

— E ainda mais: se lhe ocorresse a idéia de deixar uma bicicleta escondida no exterior, valeria a pena fazê-lo, quando o mais estúpido dos policiais compreenderia tratar-se de um grosseiro estratagema, em virtude de a bicicleta ser a primeira coisa que o fugitivo necessitava para fugir?

— Não consigo encontrar explicações para isso.

— Entretanto, é pouco provável que haja uma maquinação para a qual o engenho humano não possa encontrar explicação. Apenas como exercício mental, sem pretender que seja exata, deixe-me indicar uma teoria provável.

Imaginemos que, na vida deste Douglas, existisse, de fato, um segredo culposos, verdadeiramente infamante. Isto induz ao seu assassinato por um suposto vingador estranho à casa. Este vingador, por motivos que ainda não consigo discernir, apoderou-se da aliança do morto. Presumivelmente a idéia da vingança podia datar da época do primeiro matrimônio de Douglas e a aliança poderia ter sido subtraída por qualquer causa com ele relacionada. Antes de o tal vingador se afastar, Barker e a Sra. Douglas entraram na sala. O criminoso devia tê-los convencido de que qualquer tentativa para prendê-lo apenas serviria para divulgar um escândalo odioso. Os dois, influenciados pelo temor, preferiram deixá-lo fugir. Provavelmente, com esse propósito, baixaram a ponte levadiça. O homem tratou de pôr-se em fuga e, por qualquer motivo, achou ser mais seguro fazê-lo a pé do que de bicicleta. Abandonou esta onde ninguém pudesse descobri-la até se encontrar em lugar seguro. Até aqui, estamos dentro dos limites da probabilidade, não lhe parece?

— É possível — concordei, com certa reserva.

— Devemos lembrar-nos, Watson, de que estamos diante de um caso verdadeiramente extraordinário, mas, para continuar a nossa hipótese, o par (não necessariamente culpado) percebeu, após a fuga do assassino, ter-se colocado numa posição que podia trazer dificuldades para ambos, pois, além de ser difícil provar que não tinham cometido o crime, tudo fazia crer serem dele coniventes. Assim, precipitadamente, enfrentaram a situação. Barker marcou o peitoril da janela com a impressão do seu chinelo sujo de sangue, a fim de fazer supor que o fugitivo escapara por ali. Evidentemente, foram eles as duas pessoas que ouviram o ruído do tiro e, desse modo, deram o alarme exatamente como deviam ter feito, mas apenas meia hora depois de tal ter ocorrido.

— E como se propõe provar tudo isso?

— No caso de tratar-se de um estranho, este podia ser descoberto e capturado. Esta seria a mais eficaz de todas as provas, mas, não sendo assim... Bem, os recursos da ciência ainda não estão esgotados. Creio que me seria útil passar uma noite sozinho naquele gabinete.

— Uma noite, sozinho!

— Estou disposto a ir imediatamente para lá. Combinei tudo com o precioso Ames que, diga-se de passagem, não tem a mínima simpatia por Barker. Sentarei na sala e verei se a sua atmosfera poderá me inspirar. Sou fervoroso crente do *genius loci*. ⁽³⁾ Pode rir, caro Watson. Rirá melhor, quem rir no fim. A propósito, trouxe aquele seu vasto guarda-chuva, não é verdade?

— Tenho-o comigo.

— Pode emprestar-me?

— Certamente... mas é uma arma desprezível! Se houver perigo...

— Não tenho medo, meu caro Watson; se correr algum risco, pedirei prontamente o seu auxílio. Contudo, ficarei com o guarda-chuva. Agora, estou apenas à espera de que os nossos colegas voltem de Tunbridge Wells, onde estão procurando o proprietário da bicicleta.

Era quase noite quando o inspetor Mac Donald e White Mason regressaram da sua expedição. Vinham exultantes, com notícias de grandes progressos nas nossas investigações.

⁽³⁾ *Gênio local do lar. (N. do T.)*

— Com os diabos! Admito ter tido as minhas dúvidas quanto à intervenção de uma pessoa estranha no caso — declarou Mac Donald —, mas, agora, estão completamente desvanecidas. Identificamos a bicicleta e temos uma descrição do homem, o que constitui um grande passo à frente.

— Isto parece para mim o princípio do fim — comentou Holmes — e congratulo-me com vocês de todo o coração.

— Pois bem! Partimos do fato do Sr. Douglas parecer agitado desde o dia anterior, quando estivera em Tunbridge Wells. Foi, pois, em Tunbridge Wells que pressentiu o perigo. Era evidente que, se alguém tivesse vindo de bicicleta, não podia ser senão de Tunbridge Wells. Levamos a bicicleta conosco e a mostramos a diversos hoteleiros. Foi identificada pelo gerente da Eagle Commercial, como pertencente a um certo Sr. Hargrave, que ali tinha ocupado um quarto, dois dias antes. Essa bicicleta e uma maleta de mão constituíam toda a sua bagagem. Registrara-se como procedente de Londres, sem dar, porém, o endereço. A maleta era de fabricação londrina e o seu conteúdo de marca britânica, mas o homem era, indiscutivelmente, americano.

— Muito bem — elogiou Holmes alegremente —, vocês realizaram um ótimo trabalho, ao passo que eu me deixei ficar aqui amontoando teorias, com o meu amigo. Isso é uma lição de senso prático, caro Mac.

— Isso mesmo, Sr. Holmes — exultou o inspetor.

— Tal fato, porém, pode enquadrar-se perfeitamente com a sua hipótese — observei.

— Pode e não pode. Mas, ouçamos o resto, Mac. Não encontraram nada que pudesse estabelecer a identidade desse homem?

— Encontramos tão pouco que nos faz acreditar que ele procurou eliminar todos os indícios que levassem à sua identificação. Não havia documento ou cartas, nem marca nenhuma nas suas roupas. Encontramos também um mapa turístico da região. Deixara o hotel de bicicleta. ontem, após a refeição matinal, e ninguém mais soube dele até o momento em que iniciamos a investigação.

— É isso que me deixa perplexo, Sr. Holmes — observou White Mason. — Se esse sujeito não desejava criar publicidade em torno da sua pessoa, seria lógico pensar que tivesse voltado ao hotel e ali permanecesse como qualquer turista anônimo. No entanto, agindo como o fez, devia imaginar que o gerente do hotel o denunciasse à Polícia e que o seu desaparecimento fosse considerado relacionado com o crime.

— É a suposição lógica! Contudo, até este momento, a sua argúcia justifica-se, pois ainda não foi preso. Mas ouçamos a descrição da sua sinalética.

Mac Donald consultou o livro de apontamentos.

— Aqui estão os dados que pudemos obter. Parece-me que ninguém deu atenção especial à sua pessoa; não obstante, o porteiro, o recepcionista e a criada de quarto são unânimes em afirmar tratar-se de um homem alto, de cerca de um metro e oitenta, de mais ou menos cinqüenta anos de idade, cabelos e bigode grisalhos, nariz aquilino e fisionomia antipática.

— Ora, excetuando a expressão, poderia ser a sinalética do próprio Douglas — observou Holmes. Tem pouco mais de cinqüenta anos, cabelos e bigode grisalhos e mais ou menos a mesma altura. Não souberam mais nada?

— Vestia jaquetão cinzento e trazia um sobretudo amarelo, curto, e boné.

— E a espingarda?

— Tem menos de sessenta centímetros de comprimento. Poderia caber perfeitamente na maleta ou podia trazê-la escondida debaixo do sobretudo.

— E, na sua opinião, que importância terá tudo isso na solução do caso?

— Bem, Sr. Holmes — respondeu Mac Donald —, quando tivermos capturado o nosso homem (e pode estar certo de que telegrafei a todos os pontos policiais do país indicando-lhes a sua sinalética), estaremos aptos a formular uma opinião. Contudo, sabemos que um americano, que se apresentava com o nome de Hargrave, chegou há dois dias a Tunbridge Wells, de bicicleta e maleta. Nesta última encontrava-se uma espingarda de canos curtos; veio, portanto, com o propósito deliberado de matar. Ontem de manhã, dirigiu-se para cá, de bicicleta, com a arma dissimulada no interior do sobretudo. Ninguém o viu chegar, mas o homem não necessitava atravessar a vila para chegar ao parque e, além disso, há sempre muitos ciclistas na estrada. Provavelmente, escondeu logo a bicicleta na moita de arbustos onde foi encontrada e ali se ocultou também, à espera de que Douglas saísse. A espingarda é um objeto injustificável para ser levado para dentro de casa. Portanto, pretendia usá-la no exterior e, nesse caso, oferecia vantagens indiscutíveis, pois não seria possível errar o alvo. Por outro lado, o ruído de tiros é tão comum nessas zonas de caça, que ninguém lhe teria dado grande atenção.

— Tudo isso é óbvio! — concordou Holmes.

— Contudo, o Sr. Douglas não apareceu. Então, o nosso homem, pela calada da noite, aproximou-se da casa. Deparou com a ponte descida e não avistou pessoa alguma nas vizinhanças. Aproveitou a ocasião propícia e penetrou na primeira sala que encontrou, escondendo-se atrás da cortina para o caso de aparecer alguém. Do seu esconderijo pôde ver a ponte já levantada e percebeu que a fuga só poderia efetuar-se através do fosso. Esperou até às onze e um quarto, ocasião em que o Sr. Douglas, no seu habitual giro noturno pela casa, entrou na sala. Disparou a arma e apressou-se a fugir como havia previsto. Anteviu que a bicicleta seria descrita pela gente do hotel. Por esse motivo, abandonou-a e foi para Londres ou para algum abrigo já por ele preparado. Que pensa desta teoria Sr. Holmes?

— Até aqui, Mac, considero-a muito clara. A minha conclusão é de que o crime foi cometido meia hora antes; que a Sra. Douglas e o Sr. Barker engendraram uma história a fim de ocultar qualquer coisa; que ajudaram o assassino a fugir ou entraram na sala, antes de ele fugir, e que foram os autores da prova da sua retirada através da janela, quando, com toda a probabilidade, eles próprios baixaram a ponte levadiça para permitir que fugisse. Esta é a minha interpretação da primeira parte do caso.

Os dois policiais abanaram a cabeça.

— Se isso é verdade, Sr. Holmes, saímos de um mistério para submergir noutro — observou o inspetor londrino.

— E esse segundo mistério é mais complexo e pior do que o primeiro — acrescentou White Mason. — O Sr. Douglas nunca esteve na América. Que ligação podia ter com um assassino americano, a ponto de protegê-lo?

— Concordo que a minha teoria dá margem a objeções — concedeu Holmes. — Estou decidido, esta noite, a fazer uma pequena investigação pessoal para contribuir para a causa comum.

— Podemos ajudá-lo, Sr. Holmes?

— Não. Só preciso da escuridão e do guarda-chuva do Dr. Watson. E do fiel Ames. Todo o curso dos meus pensamentos me conduz à mesma pergunta básica... Como é possível a um atleta desenvolver o físico com um instrumento tão inadequado como um único haltere?

A noite ia avançada, quando Holmes regressou da sua excursão solitária. Dormíamos num quarto de duas camas, o melhor da pequena estalagem de província. Eu já dormia e despertei com a sua entrada.

— Então, Holmes — titubeei —, descobriu alguma coisa?

Aproximou-se em silêncio, com a vela na mão, e inclinou-se sobre a cama.

— Você, Watson — sussurrou —, teria medo de dormir no mesmo quarto com um visionário, um homem cuja mente esteja perturbada?

— Claro que não — respondi, aturdido.

— Ainda bem! — concluiu.

E durante toda a noite não me foi possível arrancar-lhe coisa alguma.

CAPÍTULO 7 — A SOLUÇÃO

Na manhã seguinte, após a refeição matinal, encontramos o inspetor Mac Donald e White Mason, em animada conversa, sentados na saleta do sargento da Polícia local. Sobre a mesa, na sua frente, estavam empilhados numerosos telegramas e cartas, que cuidadosamente separavam e catalogavam. Três já tinham sido postos de lado.

— Ainda na pista do ciclista fugitivo? — indagou Holmes cordialmente.
— Que mais se sabe a respeito desse patife?

Mac Donald, com gesto melancólico, apontou para a volumosa correspondência.

— Neste momento, foi assinalado em Leicester, Nottingham, Southampton, Derby, East Ham, Richmond e em catorze outras localidades; em três destas, East Ham, Leicester e Liverpool, as provas contra ele são esmagadoras e até foi preso. O país parece estar repleto de fugitivos com sobretudos amarelos.

— Santo Deus! — exclamou Holmes. — E agora, meus amigos, desejo dar a ambos um conselho. Quando aceitei a incumbência de investigar este caso, estipulei que não pretendia apresentar teorias vagas, mas que elaboraria as minhas hipóteses pessoais até estar certo da sua exatidão. Por este motivo não pretendo, por ora, dizer tudo o que tenha em mente. Por outro lado, prometi atuar legalmente, lado a lado com vocês, e não acredito que seja honesto da minha parte deixá-los desperdiçar energias, ainda que por curto período numa empresa inútil. Por conseguinte, vim aqui esta manhã para aconselhar-vos, e o meu conselho resume-se a três palavras: abandonem este caso.

Mac Donald e White Mason fixaram, atônitos, o seu famoso colega.

— O senhor considera-o perdido?— espantou-se o inspetor.

— Considero perdido o *seu* caso. Não desisti, porém, de desvendar a verdade.

— Mas esse ciclista não é uma invenção! Temos a sua sinalética, a maleta, a bicicleta. O sujeito deve encontrar-se em qualquer lado! Por que não conseguiremos apanhá-lo?

— Não há dúvida de que ele se encontra em qualquer lugar, e é certo que o prenderemos; mas não gostaria que despendessem as suas energias em East Ham ou Liverpool. Tenho certeza de que podemos encontrar um atalho para solucionar o caso.

— Está escondendo-nos qualquer coisa. Não é muito correto da sua parte, Sr. Holmes — queixou-se o inspetor, aborrecido.

— Você conhece os meus métodos de trabalho, Mac. Não ficarei calado muito tempo. Desejo apenas verificar os meus dados de determinada maneira, o que pode ser feito muito prontamente, após o que apresentarei os meus respetos e regressarei a Londres, para agir de outro modo, pois, em toda a minha carreira, não me recordo de um caso mais singular.

— Já não percebo nada, Sr. Holmes. Ontem à noite quando voltamos de Tunbridge Wells, o senhor estava perfeitamente de acordo com os nossos resultados. Que sucedeu desde então para fazê-lo mudar tão completamente de idéia?

— Pois bem; como lhes disse que faria, passei ontem à noite algumas horas na mansão de Birlstone.

— Que aconteceu?

— Por ora só posso dar uma resposta muito genérica. A propósito, estive lendo uma descrição curta, mas clara, acerca do velho edifício, e que pode ser comprada pela modesta quantia de um penny na tabacaria aqui da terra.

Com isto, Holmes tirou do bolso uma pequena brochura, em cuja capa se via um desenho tosco da antiga mansão.

— Uma investigação, meu caro Mac, adquire sabor quando nos embrenhamos na atmosfera histórica do seu ambiente. Não assumo esse ar impaciente, pois asseguro-lhe que mesmo uma descrição tão simples como esta consegue despertar no leitor uma espécie de imagem viva do passado. Permita-me que lhe leia um trecho:

“Construída no quinto ano do reinado de Jaime e surgida dos alicerces de um edifício muito mais antigo, a Mansão de Birlstone oferece um dos mais belos exemplos que ainda restam de residência fortificada da era jacobita...”

— Está brincando conosco, Sr. Holmes!

— Calma, Mac! É o primeiro sinal de cólera que noto em você. Pois bem, não continuarei a ler palavra por palavra, já que isto o aborrece. Entretanto, quando lhe disser que há um relato da tomada do lugar por um coronel, enviado pelo Parlamento, em 1644; de como Carlos II aí se ocultou, por diversos dias, durante a Guerra Civil e, finalmente, da visita que ali fez Jorge II, terá de admitir que nessa antiga mansão se desenrolaram fatos dignos de nota.

— Não duvido, Sr. Holmes; mas esses fatos não nos interessam.

— Julga isso? Uma das coisas essenciais na nossa profissão, meu caro Mac, é uma ampla visão do problema. O entrelaçamento de idéias e uma boa bagagem de conhecimentos múltiplos oferecem sempre extraordinário interesse. Você vai desculpar estas observações da parte de quem, sendo mero diletante do crime é, contudo, um pouco mais velho e talvez um pouco mais experiente.

— Sou o primeiro a reconhecê-lo! — exclamou o policial. — O senhor alcança sempre os seus objetivos, mas faz sempre um rodeio dos diabos.

— Bem, deixemos a história antiga e passemos aos fatos atuais. Como já disse, estive ontem à noite na mansão. Não me avistei com o Sr. Barker, nem com a Sra. Douglas. Pareceu-me inútil incomodá-los mas tive o prazer de saber que esta última não se mostrava pesarosa e que, pelo contrário, tinha jantado com excelente apetite. A minha visita era particularmente destinada a Ames, com quem troquei algumas amabilidades, que culminaram com o seu consentimento em deixar-me permanecer durante algum tempo no gabinete, sem que ninguém soubesse.

— Com o cadáver? — admirei-me.

— Não, pois já se encontra tudo em ordem. Você, Mac, consentiu na remoção do cadáver; pelo menos, foi o que me disseram. A sala voltara ao seu estado normal e passei nela um instrutivo quarto de hora.

— Que esteve fazendo?

— Sem querer fazer mistério de uma coisa tão simples, limitei-me a procurar o haltere desaparecido, particularidade que sempre considerei de grande importância na estimativa do caso, e acabei por encontrá-lo.

— Onde?

— Aqui chegamos ao limite do inexplorado. Permitam-me que prossiga um pouco mais, e prometo compartilhar tudo quanto sei.

— Somos obrigados a aceitar as condições — reconheceu o inspetor —; mas quando nos aconselha a abandonar o caso... com mil diabos! Por que devemos abandoná-lo?

— Pela simples razão, meu caro Mac, de que não faz a mínima idéia daquilo que está investigando.

— Estamos investigando o assassinato do Sr. John Douglas, da Mansão de Birlstone!

— Sim, mas não percam tempo procurando o homem da bicicleta, pois de nada servirá.

— Que sugere que façamos?

— Direi exatamente o que devem fazer, desde que prometam obedecer-me.

— Bem, devo convir que, mau grado as suas estranhas maneiras, sempre verifiquei que habitualmente tem razão. Farei como me aconselha.

— E você, White Mason?

O policial da província olhou para um e para outro com ar perplexo. Holmes e os seus métodos eram novos para ele.

— Se o inspetor está de acordo, também estou — resmungou por fim.

— Ótimo! — exclamou Holmes. — E agora, recomendo-lhes um apazível passeio pelo campo. Disseram-me que o panorama que se descortina do alto de Birlstone, sobre o Weald, é magnífico. Naturalmente, podem almoçar em qualquer estalagem campestre, posto que a minha ignorância da região me impede de indicar-lhes uma em especial.

— Isto já começa a deixar de ser sério! — protestou Mac Donald, levantando-se da cadeira.

— Pois bem! Passem o dia como lhes aprouver — concedeu Holmes, jovialmente, batendo-lhe com a mão no ombro. — Façam o que quiserem e vão aonde lhes apetercer; contudo estejam de volta, antes do anoitecer... sem falta, Mac.

— Parece-me mais razoável.

— Pretendia apenas dar-lhes um ótimo conselho. Todavia, não insisto, contanto que se encontrem aqui, quando eu necessitar de vocês. Contudo, antes de nos separarmos, desejaria que escrevessem um bilhete ao Sr. Barker.

— Sim?

— Ditarei, se quiserem. Estão prontos?

“Caro Senhor:

Julgamos ser nosso dever esvaziar o fosso, na esperança de que possamos encontrá-lo...”

— É inútil — protestou o inspetor. — Já fiz as minhas pesquisas a esse respeito.

— Calma, meu caro amigo! Escreva o que estou dizendo, por favor.

— Bem, prossiga.

“ — na esperança de que possamos encontrar algo que facilite as nossas investigações. Já determinei tudo e os operários estarão trabalhando amanhã cedo a fim de desviar o curso do regato...”

— Impossível!

“ — ... a fim de desviar o curso do regato, razão por que resolvi avisá-lo de antemão.”

E, agora, assinem e mandem entregá-lo, em mãos, por volta das quatro horas. A essa hora, nos encontraremos novamente nesta sala. Até então, cada um de nós pode fazer o que bem entender, pois asseguro-lhes que esta investigação chegou definitivamente ao fim.

A noite começava a cair lentamente, quando voltamos a encontrar-nos. Holmes apresentava-se com aspecto grave, eu, cheio de curiosidade e os policiais, visivelmente céticos.

— Pois bem, meus senhores — começou então Holmes, em tom solene —, peço-lhes, agora, para me colocarem inteiramente à prova e, por si próprios, julgarem se as observações por mim feitas justificam as conclusões a que cheguei.

A noite parece que vai ser muito fria e não sei quanto tempo durará a nossa expedição; acho melhor vocês vestirem os sobretudos mais pesados. É de capital importância que estejamos a postos, antes da noite fechada; por isso, convém nos colocarmos a caminho imediatamente.

Atravessamos o extenso parque da mansão até atingirmos um ponto onde existia uma abertura na cerca que o rodeava. Enfiamo-nos por essa passagem e, ao lusco-fusco, acompanhamos Holmes até alcançarmos uma

moita de arbustos que se estendia quase em frente da porta principal e da ponte levadiça. Esta última ainda não tinha sido levantada. Holmes agachou-se atrás dos arbustos e seguimos o seu exemplo.

— Que vamos fazer agora? — perguntou Mac Donald, em tom um quanto ríspido.

— Enchamo-nos de paciência e procuremos fazer o menor ruído possível.

— Mas por que estamos aqui? Acho que podia tratar-nos com mais franqueza.

Holmes riu-se.

— Watson insiste em afirmar que eu sou o dramaturgo da vida real. Vibra dentro de mim certa inclinação artística e obstina-se em exigir uma representação bem encenada. A nossa profissão, caro Mac, seria verdadeiramente descolorida e sórdida se, às vezes, não dispuséssemos a cena com o intuito de exaltar os nossos resultados. A ilação rápida, a cilada sutil, a previsão inteligente de acontecimentos futuros, a prova triunfante de teorias arrojadas, não constituem o orgulho e a justificação da nossa vida de trabalho?

Neste momento, você palpita com a emoção e a ansiedade do caçador. Onde estaria essa emoção se eu tivesse sido preciso como um horário de ferrovia? Peço-lhe apenas um pouco de paciência, Mac, e em breve, tudo lhe parecerá claríssimo.

— Bem, espero que o “orgulho” e a “justificação” e tudo o mais cheguem antes de morrermos aqui de frio — resmungou o policial londrino, com cômica resignação.

A nossa vigília foi longa e tediosa. Pouco a pouco as trevas adensaram-se sobre a fachada extensa e sombria da velha casa. Uma evaporação fria e úmida, proveniente do fosso, enregelou-nos até os ossos e fez-nos bater os dentes. Brilhava apenas uma lâmpada sobre a entrada e um globo de luz firme clareava o gabinete fatal. Tudo o mais era escuridão e silêncio.

— Quanto tempo durará esta história? — indagou o inspetor. — E de que diabo estamos à espera?

— Não sei quanto tempo isto irá levar — replicou Holmes com certa aspereza. — Se os criminosos participassem a hora dos seus movimentos, como fazem os trens, seria certamente mais conveniente para todos nós. Quanto ao que... Eis o que esperávamos!

Enquanto assim falava, a brilhante luz amarela do gabinete foi obscurecida por alguém que lhe passou pela frente. A moita de arbustos em que nos

encontrávamos ocultos achava-se exatamente defronte da janela e a não mais de trinta metros de distância dela. Logo em seguida, esta foi aberta de par em par, com um rangido de dobradiças, e pudemos entrever a silhueta escura da cabeça e ombros de um homem, debruçado no peitoril a olhar na escuridão reinante cá fora.

Por alguns minutos pôs-se a perscrutar as trevas, em atitude furtiva e cautelosa, como se quisesse certificar-se de que não estava sendo observado. Depois, debruçou-se ainda mais para diante e, no silêncio da noite, percebemos um leve rumor de água agitada.

O vulto parecia estar remexendo no fosso com qualquer coisa que tinha na mão. Repentinamente, puxou algo para dentro, como um pescador retira da água um peixe que lhe vem fogado ao anzol. Era um objeto grande e redondo, que encobriu a luz ao passar pela janela aberta.

— Agora! — gritou Holmes.

Nos pusemos de pé cambaleando atrás dele com os membros paralisados, enquanto o nosso amigo se lançou velozmente através da ponte e começou a tocar furiosamente a campainha. Ouviu-se, do lado de dentro, o ranger dos ferrolhos que se abrem e, logo em seguida, surgiu a figura estupefata de Ames. Holmes afastou-o para um lado e, sem dizer palavra, precipitou-se para a sala ocupada pelo homem que estávamos espreitando.

O clarão, por nós observado do exterior, era representado por uma lâmpada de óleo colocada sobre a mesa. Essa lâmpada encontrava-se agora nas mãos de Cecil Barker, que a mantinha dirigida para nós, quando entramos. A luz refletia-se no seu rosto resoluto, perfeitamente barbeado, e nos seus olhos ameaçadores.

— Que demônio significa isto? — berrou. — Que querem aqui?

Holmes atirou-se imediatamente sobre um embrulho encharcado de água, atado com uma corda e que tinha sido atirado para debaixo da escrivaninha.

— Aqui está o que procuramos, Sr. Barker. Este embrulho que o senhor acaba de retirar do fundo do fosso e que contém um haltere.

Barker fixou Holmes, estupefato.

— Mas, com os diabos! Como teve conhecimento disso?

— Porque eu próprio o coloquei lá.

— O senhor? Colocou lá?

— Talvez devesse ter dito “recoloquei” — acrescentou Holmes. — Você deve lembrar-se, inspetor Mac Donald, de que a ausência de um haltere me havia impressionado particularmente. Chamei-lhe a atenção para essa

falta, mas a iminência de outros acontecimentos não lhe permitiram dar a este fato a consideração que lhe facultaria tirar deduções deveras interessantes.

Quando existe água próxima e desaparece um objeto pesado, não é natural supor que algo foi lançado nessa água? De qualquer maneira, valia a pena provar a hipótese e, assim, com a ajuda de Ames, que consentiu na minha entrada na sala, utilizando o cabo recurvo do guarda-chuva do Dr. Watson, foi-me possível, ontem à noite, pescar e examinar este pacote. Todavia, era da máxima importância que conseguíssemos demonstrar quem ali o pusera.

Recorremos, então, ao simples estratagema de anunciar que o fosso ia ser esvaziado amanhã cedo, o que, naturalmente, levaria a pessoa que tivesse escondido o embrulho a tentar retirá-lo, quando a escuridão da noite o consentisse. Não menos de quatro testemunhas viram quem se aproveitou da oportunidade e, por isso, Sr. Barker, julgo que lhe cumpre esclarecer-nos.

Sherlock Holmes colocou sobre a mesa, ao lado da lâmpada, o embrulho ensopado de água e desatou o nó da corda que o ligava. De dentro dele extraiu um haltere, que atirou para o canto onde se encontrava o outro. Depois, retirou um par de sapatos.

— Americanos, como vêem — observou, indicando as pontas quadradas.

Colocou sobre a mesa uma faca embainhada, longa e mortífera. Finalmente, tirou para fora um embrulho que continha um jogo completo de roupa branca, um par de meias, um casaco esportivo cinzento e um sobretudo curto, amarelo.

— A roupa é vulgar, com exceção do sobretudo, que nos fornece indícios sugestivos — comentou Holmes, aproximando-se da luz, enquanto os seus dedos compridos o afagavam.

Aqui, como podem notar, está o bolso interno, prolongado através do forro, de modo a deixar espaço para a caçadeira de canos serrados. O rótulo do alfaiate está na gola: “Neale. Roupas para homens, Vermissa. U.S.A.”.

Passei uma tarde instrutiva na biblioteca do pároco e aumentei os meus conhecimentos, verificando o fato de que Vermissa é uma cidadezinha florescente na embocadura de um dos vales mais conhecidos da região mineira de carvão e de ferro dos Estados Unidos.

Recordo-me vagamente, Sr. Barker, de que o senhor associou as zonas carboníferas com a personalidade da primeira esposa de Douglas e não me parece muito arriscado supor que as letras “V. V.” no cartão encontrado ao

lado do cadáver possam significar Vale Vermissa e que este vale, que expede emissários assassinos, seja o tal Vale do Terror. E agora, Sr. Barker, não quero demorar mais a sua explicação.

Valia a pena observar a expressão de Cecil Barker durante a exposição de Holmes. Cólera, espanto, consternação e incerteza, dominaram-lhe sucessivamente o semblante. Finalmente, refugiou-se numa acre ironia.

— Já que sabe tanto, Sr. Holmes, talvez fosse melhor contar-nos mais alguma coisa — troçou.

— Poderia contar muito mais coisas, Sr. Barker, contudo soarão melhor se forem relatadas por si mesmo.

— Pois bem, tudo quanto posso dizer é que, se existe algum segredo, não é meu e não sou homem para revelá-lo.

— Se toma essa atitude — interveio o inspetor calmamente —, devemos considerá-lo à nossa disposição até obtermos ordem de prisão contra o senhor.

— Podem fazer o que quiserem — replicou Barker em tom de desafio.

A situação parecia ter-se cristalizado definitivamente em relação a Barker, pois bastava observar-lhe a fisionomia para compreender que nenhuma *peine forte et dure* ⁽⁴⁾ iria movê-lo. Contudo, o ponto morto foi superado por uma voz feminina. A Sra. Douglas estivera à escuta, pela porta semi-aberta, e acabava de entrar na sala.

— Você já fez demasiado por nós Cecil — proferiu. — Aconteça o que acontecer no futuro...

— Tem toda a razão — observou gravemente Sherlock Holmes. — Compreendo perfeitamente os seus sentimentos e peço-lhe que deposite confiança na sensatez das nossas leis e se coloque nas mãos da Polícia. É possível que eu próprio tenha certa culpa por não ter acolhido a oferta que me fez, por intermédio do meu amigo Watson, mas nesse momento eu ainda pensava que a senhora estivesse diretamente envolvida no crime. Agora estou convencido do contrário. Ao mesmo tempo, ainda há muita coisa sem explicação. Peço-lhe que convença o Sr. Douglas a expor-nos os fatos.

Nesse instante, surgiu um homem que parecia ter emergido da parede. A Sra. Douglas voltou-se e correu a abraçá-lo. Barker apertava a mão que o homem lhe estendera.

⁽⁴⁾ Em francês no original; termo do formulário do Código Penal francês: *peña forte e dura*. (N. do T.)

— É melhor assim, Jack — repetia a esposa. — Tenho a certeza de que é a melhor solução.

— Também estou certo disso, Sr. Douglas — acrescentou Holmes.

O homem ficou alguns momentos a pestanejar com o olhar de quem sai repentinamente das trevas para a luz. Tinha os olhos cinzentos, bigodes fortes, curtos e grisalhos, queixo quadrado e saliente. Olhou-nos demoradamente e, depois, para meu grande pasmo, avançou para mim e entregou-me um rolo de papéis.

— Ouvi falar do senhor — disse-me com certa pronúncia americana. — O senhor é o historiador deste caso. Pois bem, Dr. Watson, é a primeira vez que uma narrativa deste gênero passa pelas suas mãos. Os fatos são esses; conte-os a seu modo e verá que agradarão aos seus leitores.

Estive fechado durante dois dias e empreguei as horas (se é que se pode falar em horas do dia naquela ratoeira) a colocar tudo em palavras. Essa é a história do Vale do Terror.

— Mas isso são coisas passadas, Sr. Douglas — observou Sherlock Holmes. — O que desejamos saber é a história atual.

— Estou às suas ordens — respondeu Douglas. — Posso fumar enquanto falo? O senhor, Sr. Holmes, também é fumante e pode imaginar o que significa passar dois dias com tabaco no bolso sem fumar, para não ser denunciado pelo cheiro.

Apoiou-se à lareira e aspirou avidamente o fumo do charuto que Holmes lhe estendera.

Entretanto, o inspetor Mac Donald estivera com os olhos fitos no recém-chegado.

— Com os diabos! Já não percebo nada! — exclamou, espantado. — O senhor é John Douglas, da mansão de Birlstone, cujo assassinato temos investigado? De onde raio surgiu o senhor?

— Meu caro Mac — interveio Holmes, em ar de reprovação —, você não quis ler esse guia local, que continha a descrição do esconderijo do Rei Carlos II. Naqueles tempos, as pessoas não se ocultavam senão em refúgios seguros e um esconderijo que serviu, no passado, também pode ser utilizado no presente. Estava convencido de que haveríamos de descobrir o Sr. Douglas debaixo deste teto.

— E há quanto tempo tem estado divertindo-se à nossa custa, Sr. Holmes? — explodiu o inspetor. — Desde quando nos deixou perder tempo numa pesquisa que, de antemão, sabia ser absurda?

— Não lhe fiz perder um minuto sequer, caro Mac. Apenas ontem à noite pude verificar a exatidão das minhas teorias e, como só hoje à noite podiam ser postas à prova convidei você e o seu colega a folgarem todo o dia. Que mais poderia fazer? Quando encontrei as roupas no fosso, compreendi que o corpo por nós encontrado não podia ser do Sr. John Douglas mas sim o do ciclista de Tunbridge Wells. Tinha, portanto, de acertar com o lugar onde se encontrava o Sr. Douglas e, pelo cálculo das probabilidades, pareceu-me que, com a convivência da esposa e do amigo, devia estar oculto num quarto, até poder fugir definitivamente.

— A sua teoria é quase perfeita — aprovou Douglas. — Tinha pensado em evitar as leis inglesas, pois não estava seguro da minha posição perante elas. Nada fiz que não estivesse pronto a fazer de novo. Estou pronto a prestar as minhas declarações sob juramento. Não vou começar pelo princípio. Esse está todo nesse rolo de papéis. Resume-se em poucas palavras: existem alguns homens com razões para me odiarem e que tudo fariam para me liquidarem. Enquanto eu e eles estivermos vivos não haverá neste mundo descanso para mim.

Perseguiram-me desde Chicago até a Califórnia; depois compeliram-me a abandonar a América: contudo, quando me casei e vim residir neste lugar sossegado, julguei que os meus últimos anos iam decorrer em paz. Nunca expliquei à minha mulher os pormenores de como as coisas eram realmente. Ela jamais teria um momento tranqüilo. Naturalmente, devia ter adivinhado qualquer coisa, mas, até ontem, ignorou sempre a verdadeira situação. Contou-lhes tudo quanto sabia, e o mesmo aconteceu com Barker, pois, na noite da tragédia, pouco tempo restou para explicações. Agora, porém, ela está ao par de tudo e talvez tivesse sido mais sensato da minha parte se lhe tivesse contado antes.

No dia anterior ao dos acontecimentos, encontrava-me em Tunbridge Well, quando vi, de relance, na rua, o vulto de um homem. Foi apenas uma visão fugaz, mas não duvidei, nem por um momento, de quem se tratava. Era o meu pior inimigo entre toda aquela gente, o que me tem perseguido durante todos estes anos, como um lobo esfaimado atrás de uma rena. Compreendi a iminência do perigo, voltei para casa e preparei-me para enfrentá-lo. Decidi lutar sozinho até o fim. Houve uma época em que a minha boa estrela era comentada em todos os Estados Unidos e não hesitei em acreditar que ela me valeria ainda desta vez.

Durante o dia seguinte, nem por um momento saí para o parque. Foi uma sorte, pois ele teria me liquidado com a caçadeira, antes que eu tivesse

tempo de puxar pela minha arma. Quando a ponte foi erguida esqueci as minhas preocupações. Jamais imaginei que ele pudesse introduzir-se nesta casa para preparar-me uma emboscada. Entretanto, ao fazer, já de roupão, a minha habitual ronda noturna, pressenti, mal pus os pés no gabinete, o sinal do perigo.

Creio que, quando um homem leva uma vida de aventuras, existe uma espécie de sexto sentido que o avisa da proximidade de qualquer risco. Percebi o sinal quase imediatamente, sem saber explicar por quê. Logo em seguida, vislumbrei a ponta de um sapato debaixo da cortina da janela e compreendi a gravidade da situação.

Só tinha uma vela que trazia nas mãos, mas a lâmpada do vestíbulo iluminava a sala, através da porta aberta. Pousei a vela na mesa e peguei no martelo que deixara sobre a lareira. Simultaneamente, o homem atirou-se a mim. Vi luzir um punhal e golpeei-o com o martelo. Devo tê-lo atingido, pois a arma caiu no chão. O homem esquivou-se para trás da mesa e tirou a espingarda de dentro do sobretudo. Ouvi-o armá-la e agarrei-a antes que ele pudesse disparar. Mantinha-a segura pelo cano e lutamos desesperadamente. O primeiro que a soltasse estava morto. Nem por um instante abandonou a arma, mas deixou a coronha virada para baixo. Talvez tivesse sido eu quem puxou o gatilho. É possível, também, que ambos o tivéssemos feito. De qualquer modo, foi Ted Baldwin quem recebeu no rosto a dupla carga. Estou habituado às piores coisas e no entanto o espetáculo que se deparava quase me agoniou.

Estava agarrado a um canto da mesa, quando Barker desceu as escadas, correndo, e entrou na sala. Ouvi os passos de minha mulher, que se aproximava, e dirigi-me rapidamente para a porta para impedir-lhe a entrada. Não era cena para uma mulher contemplar. Troquei algumas palavras com Barker e ficamos à espera de que os outros aparecessem. Contudo nada tinham ouvido. Foi nesse momento que entrevi uma solução. A manga do casaco de Ted arregaçara-se, exibindo a marca de fogo da “Loja”, gravada no antebraço. Olhem para cá.

Douglas levantou a manga do casaco e a da camisa e mostrou-nos um triângulo castanho dentro de um círculo, exatamente igual ao que tínhamos visto no braço do morto.

— Foi esse sinal que me inspirou. A estatura, os cabelos, o físico eram quase iguais aos meus. E quanto ao rosto, quem poderia reconhecê-lo? Fui

buscar esta roupa e, num quarto de hora, Barker e eu tínhamos vestido nele o meu roupão e o deixamos como os senhores o encontraram. Fizemos um embrulho com todas as coisas, amarramos a um haltere e atiramos pela janela.

O cartão que ele tencionava deixar junto do meu cadáver, jazia junto ao seu. Pusemos os meus anéis no seu dedo; contudo, quando chegou a vez da aliança... — e ao dizê-lo estendeu a mão musculosa — os senhores podem verificar que eu não seria capaz de tirá-la. Para isso seria preciso uma lima. Não sei se teria tido a coragem de me separar dela, mas, mesmo que o quisesse, não teria sido possível.

Fui buscar um adesivo e coloquei-o no rosto do morto, exatamente no lugar onde agora tenho um. Com toda a sua astúcia e inteligência, Sr. Holmes, deixou escapar este ponto, pois, se tivesse arrancado esse adesivo, veria que debaixo dele não havia nenhum corte.

Se eu pudesse conservar-me oculto, por algum tempo, e depois refugiar-me em lugar seguro, onde minha mulher viesse juntar-se a mim, poderíamos ter esperança de viver em paz o resto dos nossos dias. Aqueles malditos não me dariam tréguas, enquanto não estivesse debaixo da terra, mas, se lessem nos jornais que Ted Baldwin tinha me liquidado, terminaria a perseguição.

Não tive muito tempo para explicar com minúcias todos os meus pensamentos a Barker e à minha mulher, mas compreenderam o bastante para poderem ajudar-me. Sabia perfeitamente da existência deste esconderijo, como, de resto, Ames o sabia, mas não o relacionou com os acontecimentos. Escondi-me aí e Barker fez o resto. Abriu a janela e imprimiu a marca dos seus pés no peitoril, a fim de sugerir que o assassino fugira por ali. Agiu muito arriscadamente, mas a ponte estava levantada e não havia outro caminho.

Depois de tudo preparado, fez soar a campainha. O que aconteceu em seguida já todos sabem... Podem fazer o que quiserem. Disse-lhes a verdade, nada mais que a verdade, e que Deus me ajude! E pergunto-lhes agora: qual é a minha situação perante as leis inglesas?

Seguiu-se um silêncio, que Holmes interrompeu:

— A legislação inglesa é justa. Não será tratado com maior rigor do que o seu caso merece. Contudo desejava que me explicasse como esse homem descobriu que o senhor morava ali e, sobretudo, como agiu para entrar em sua casa e esconder-se num lugar em que pudesse atacá-lo?

— Acerca disso nada lhes sei dizer.

O rosto de Holmes estava pálido e grave, ao declarar:

— Receio que esta história ainda não tenha terminado, Sr. Douglas. Prevejo-lhe ameaças muito sérias. Siga o meu conselho: conserve-se sempre em guarda.

E agora, meus pacientes leitores, peço-lhes que me acompanhem por algum tempo, longe da mansão de Birlstone, no condado de Sussex, e mais longe ainda do ano da Graça em que realizamos a nossa viagem que terminou com a estranha narrativa de John Douglas. Desejo que retrocedam vinte anos, no tempo, viajando para o Ocidente, alguns milhares de milhas, de modo que lhes possa revelar uma história terrível; tão terrível que talvez tenham dificuldades em acreditá-la.

Não pensem que inicio uma história, antes de a anterior ter terminado. Ao prosseguir na leitura, verão que não é assim. E quando lhes tiver pormenorizado esses acontecimentos distantes, e lhes tiver desvendado esse mistério do passado, nos encontraremos, uma vez mais, nos aposentos da Baker Street, onde esta novela encontrará a sua conclusão.

SEGUNDA PARTE

OS VINGADORES

CAPÍTULO 1 — O HOMEM

Estávamos a 4 de Fevereiro do ano de 1875. O inverno fora rigorosíssimo e a neve permanecia acumulada nos desfiladeiros das montanhas de Gilmerton. Contudo, a via férrea estava desimpedida e o trem da tarde, que liga o extenso rosário de aldeias e minas de carvão e ferro, subia lentamente, soprando e rangendo, pelos íngremes planos inclinados que conduzem a Stageville; depois, ao longo da planície até Vermissa, cidade central do distrito situada no limite dos bosques do Vale Vermissa.

A partir da cidade, a via férrea descreve uma curva, para o vale, até a encruzilhada de Barton, seguindo depois para Helmdale e para Merton, região já essencialmente agrícola.

Era uma só linha de estrada de ferro, pelo que recebia, como afluentes, vias férreas de desvios que eram muitos, onde se viam, aguardando vez, longas fileiras de vagões atulhados de carvão e minério de ferro, o que revelava a riqueza oculta que atraía uma rude população e animara, com enorme movimento, esse desolado canto dos Estados Unidos da América.

Era uma terra realmente isolada e o primeiro homem que a atravessou não poderia imaginar que outros homens viriam a deixar abandonadas vastas pastagens que atravessavam para preferirem enterrar-se naquele canto sombrio de rochedos negros e densa floresta.

O comboio serpeava pela encosta acima, e no vagão dianteiro, destinado a passageiros, já se tinham acendido os candeeiros de petróleo. A maior parte dos passageiros era constituída por trabalhadores que regressavam a casa, no exterior do vale, muitos deles segurando na mão a lanterna de mineiro. Fumavam, conversavam em voz baixa, olhando, de quando em quando, para o lado oposto do vagão onde se viam dois homens com uniformes e distintivos da Polícia.

A um canto encontrava-se um vulto isolado, de quem passaremos a ocupar-nos.

Tratava-se de um jovem forte, de altura média, que ainda não atingira os trinta anos. Tinha grandes olhos cinzentos que piscavam por detrás dos

óculos. Parecia ser sociável, possivelmente desejoso de criar amigos. Mas quem melhor o observasse notaria que o seu olhar irônico era também astuto e que o seu queixo firme e os lábios tensos indicavam ser um lutador obstinado, tanto para o bem, como para o mal. Era irlandês e tinha cabelos castanhos.

Depois de ter tentado, em vão, falar com o parceiro do lado, e recebido respostas secas, resignou-se a olhar, em silêncio, para a paisagem indistinta.

Pela vidraça ia entrevendo intermitentes fornalhas acesas, depósitos de carvão, torres de minas. Aqui e além, grupos de casas miseráveis começavam a iluminar-se. Por toda a parte se viam sinais da brutal luta pela vida desses trabalhadores rudes de epiderme enegrecida pela labuta mineira.

Por vezes, o jovem consultava uma carta volumosa em cujas margens fazia anotações. A certa altura, tirou um revólver da algibeira. Vendo esse gesto, o seu vizinho exclamou:

— Que é isso? Parece estar com más intenções!

— Por vezes, no local de onde venho, temos necessidade disto — respondeu o jovem, sorrindo.

— De onde vem?

— De Chicago.

— É desconhecido nestas paragens?

— Sim.

— Pois talvez também tenha aqui necessidade dessa arma.

— Sim?

— Não ouviu o que tem acontecido por aqui?

— Não ouvi coisa alguma de extraordinário.

— Ah! Pensei que já se soubesse por todo o país. Que veio fazer aqui?

— Procuo trabalho.

— Está inscrito no Sindicato dos Trabalhadores?

— Certamente.

— Então, não terá dificuldade em arranjá-lo. Tem amigos por estas bandas?

— Ainda não, mas procuro arranjá-los.

— Como?

— Faça parte da “Antiga Ordem dos Homens Livres” e, como em todas as cidades já existe uma Loja, devo encontrar apoios.

O vizinho mostrou-se interessado, olhou em redor, notou que todos dormitavam, incluindo os dois policiais, e veio sentar-se ao lado do jovem.

Estendendo-lhe a mão convidou:

— Aperte estes ossos! Creio que fala a verdade — acrescentou —, mas cumpre-me verificá-lo.

Levou a mão à sobrançelha direita e o jovem respondeu com gesto semelhante, mas tocando na sobrançelha esquerda.

— As noites escuras são desagradáveis — recitou o operário.

— Sim, para os estranhos viajarem.

— Isso basta, amigo. Sou o irmão Scanlan, da Loja 341, do Vale Vermissa. Tenho prazer em vê-lo por aqui.

— E eu sou o irmão Mac Murdo, da Loja 29, de Chicago, cujo grão-mestre é J. H. Scott. Foi grande sorte a minha encontrar logo um irmão!

— Há muitos por aqui e a nossa Ordem do Vale de Vermissa é a mais próspera de todos os Estados Unidos. Só não compreendo como não conseguiu arranjar trabalho em Chicago.

— Trabalho não faltava — replicou Mac Murdo.

— Nesse caso, por que saiu de lá?

Apontando, com um gesto de cabeça, para os policiais, Mac Murdo respondeu:

— Creio que aqueles camaradas gostariam de sabê-lo.

— Está em apuros? — inquiriu Scanlan, em voz baixa.

— E de que maneira!

— Caso para prisão?

— Pior.

— Crime de morte?

— Ainda é cedo para falarmos disso. Basta que saiba que tive forte motivo para sair de Chicago.

— Para onde tenciona ir?

— Vou mesmo para Vermissa.

— É a terceira paragem. Onde tenciona hospedar-se?

Mac Murdo tirou um envelope do bolso e consultou-o à luz do candeeiro de petróleo.

— Jacob Shafter, Sheridan Street. É uma pensão que me foi aconselhada por um amigo.

— Não conheço, pois moro em Hobson's Patch... a próxima paragem. Aceite um conselho: se arranjar complicações, em Vermissa procure o chefe do Sindicato: Mac Ginty, “o Negro”. É ele quem manda em tudo. Até à vista. Provavelmente, nos veremos na Loja, uma noite destas.

Scanlan desceu do vagão, deixando Mac Murdo entregue aos seus pensamentos. Ao monótono ruído do trem seguira-se o estridor de cabrestantes e guindastes que se viam como vultos negros, movediços, recortando-se nas chamas das fornalhas.

— O Inferno deve ser assim — comentou um dos policiais.

— Sim — concordou o outro —, e não terá mais diabos do que os que andam por estas paragens.

Virando-se para Mac Murdo, inquiriu:

— Você é novo, por aqui?

— Sim, e depois? — retorquiu este, num tom insolente.

— Se é novo por estas bandas trate de escolher bem os seus amigos. Se eu fosse o senhor, não começaria por Mike Scanlan e pela sua seita.

— Que tem você a ver com os amigos que eu queira escolher? — retrucou Mac Murdo. — Estou-me nas “tintas” para os seus conselhos e não quero mais conversa.

Ao dizê-lo, mostrou uma fileira de dentes, como um cão raivoso, e todos os passageiros o fitaram espantados.

Os policiais, de boa índole, ficaram espantados com a reação de Mac Murdo e um deles replicou:

— Calma. Ninguém quis ofendê-lo. Apenas lhe foi dado um conselho, para seu bem.

— Não o pedi e acho que vocês, “chuis”, são iguais em todo o lado, sempre metendo o nariz onde não são chamados.

Um dos policiais comentou para o outro:

— Quem sabe se não teremos “chateações” com este tipo?

— Não me metem medo — desafiou o jovem. — Chamo-me Mac Murdo e vou instalar-me na pensão de Jacob Shafter, na Sheridan Street, em Vermissa. A qualquer hora do dia ou da noite, chego bem para qualquer um da sua espécie. Não se iludam comigo.

Ergueu-se um murmúrio de admiração entre os mineiros, pela ousadia do forasteiro, e os policiais encolheram os ombros.

Um pouco mais tarde, a maior parte dos passageiros apeou-se do vagão, visto que Vermissa era a localidade mais importante da linha. Mac Murdo levantou-se, pegou no seu saco de couro e ia afastar-se, quando um mineiro o interpelou:

— Você sabe falar com “chuis”! Gostei de ouvi-lo. Deixe-me levar a sua mochila e lhe mostrarei o caminho, já que, para ir para a minha cabana, tenho de passar pela pensão de Shafter.

Outros mineiros saudaram Mac Murdo que, antes de entrar na cidade, já se tornara uma personalidade importante.

Era uma cidade feia e suja, rodeada de colinas negras, escavadas pela maquinaria. A rua principal, devido ao tráfego, estava reduzida a uma pasta repugnante de neve e lama escura. Os passeios eram estreitos e irregulares. Os lampiões de gás apenas iluminavam as portas das casas de madeira, com varanda igualmente suja.

Contudo, o centro da cidade já estava mais iluminado, com lojas, bares e casas de jogo onde os mineiros acabavam por gastar todo o seu salário, embora este lhes fosse pago generosamente.

— Esta é a sede do Sindicato — informou o guia, apontando para um bar cujo edifício tinha três pisos, como uma hospedaria. — O chefe é Jack Mac Ginty.

— Que espécie de homem é ele?

— O quê? Nunca ouviu falar de Mac Ginty? Os jornais já têm-se referido a ele.

— Por quê?

— Por causa daqueles “negócios”.

— Que negócios?

— É espantoso como ainda não o saiba. Refiro-me aos “negócios” dos Vingadores.

— Sim... Lembro-me de ter lido qualquer coisa acerca dos Vingadores. São um bando de assassinos, não é isso?

— Fale baixo, homem, se tem amor à pele! — afligiui-se o mineiro. — Outros já têm sido “furados”, por menos.

Enquanto falava, o homem olhava ao redor, receoso. Depois, advertiu:

— Crimes por aqui não faltam, mas não se atreva a relacioná-los com Mac Ginty. Ele ou um outro do bando dará cabo de você... Olhe... Aquela

é a casa que procura. Está um pouco afastada da rua. Shafter é um dos homens mais honestos da cidade.

Mac Murdo agradeceu ao mineiro, com um aperto de mão, e foi bater à porta. Esta foi-lhe aberta por alguém muito diferente do que ele esperava.

Era uma jovem, invulgarmente bela, de tipo sueco, cujos cabelos de um loiro muito claro contrastavam com os lindos olhos negros que observavam o recém-chegado.

Mac Murdo, vendo-a emoldurada na porta, ficou tão impressionado com a sua beleza, que nem sequer explicou ao que vinha.

Foi ela quem quebrou o silêncio:

— Julguei que fosse meu pai — explicou, com um agradável sotaque sueco. — Veio falar com ele? Não deve demorar.

Mac Murdo continuava a fitá-la, sem esconder a admiração, e os olhos da jovem baixaram-se, confusos.

Por fim Mac Murdo respondeu:

— Não tenho pressa em falar com seu pai. Esta pensão foi-me recomendada por um amigo... e não estou nada arrependido!

A jovem sorriu, agradecida, e convidou:

— Queira entrar. Sou Ettie Shafter, filha de Jacob Shafter. Minha mãe morreu e agora sou eu quem toma conta da casa. Se quiser pode sentar-se junto da lareira, até meu pai chegar... Olhe, aí vem ele!

Era um homem já idoso e corpulento. Mac Murdo esclareceu-o de que um certo Murphy lhe indicara o endereço da pensão. Shafter não conhecia Murphy algum, mas talvez uma terceira pessoa lhe tivesse falado no assunto...

O recém-chegado parecia estar cheio de dinheiro e não discutiu condições. Pagou o arrendamento de um quarto, a doze dólares por semana, com comida e, assim, ficou residindo sob o teto dos Shafter, dando o primeiro passo numa série de ocorrências tenebrosas que viriam a terminar numa terra longínqua.

CAPÍTULO 2 — O GRÃO-MESTRE

Mac Murdo era um homem que despertava a atenção para onde quer que fosse. Ao fim de uma semana, era o hóspede mais importante da pensão Shafter, tanto mais que os outros

pensionistas eram gente modesta, bem diferentes do jovem irlandês. À noite, conversava animadamente, cantava canções agradáveis, mas o seu desrespeito pela Lei, tanto encantava alguns, como assustava outros.

Enamorara-se pela filha de seu hospedeiro. Desde o segundo dia que manifestara a ela, repetindo-lhe constantemente e mostrando-se alheio à indiferença com que ela lhe ouvia os galanteios, na intenção de desencorajá-lo.

— Existe um outro! — passou a exclamar Mac Murdo, logo acrescentando: — Terá de acautelar-se comigo. Você, Ettie, pode dizer “não” quantas vezes quiser, mas acabará por dizer “sim” e eu sou bastante jovem para esperar.

Era insinuante e sabia conquistar uma mulher. Por vezes, falava-lhe dos doces vales do condado de Managhan, de onde viera, e da fronteira ilha distante; outras vezes descrevia-lhe a vida nas cidades do Norte, do Estado de Detroit; falava-lhe das zonas de madeiras de Michigan, de Buffalo e finalmente de Chicago, onde trabalhara, numa serralharia.

Pouco a pouco, Ettie foi-se também enamorando dele.

Como era instruído, Mac Murdo obtivera um emprego como guarda-livros e, ocupado quase todo o dia, não tivera ainda ocasião de apresentar-se ao chefe da Loja da Antiga Ordem dos Homens Livres.

Certa noite, apareceu-lhe Scanlan que ele não via desde a viagem de trem. Era um homenzinho baixo, nervoso, com olhos vivos, que manifestou alegria em vê-lo.

— Tomei a liberdade de visitá-lo, Mac Murdo — principiou Scanlan. — Estou surpreso por você ainda não ter se apresentado a Mac Ginty.

— Precisei arranjar emprego e tenho andado muito atarefado.

— Pois terá de arranjar tempo para ir vê-lo. Já devia ter-se registrado no Sindicato local. Se cai no desagrado de Mac Ginty...

— Sou membro da Ordem há mais de dois anos — replicou Mac Murdo —, e nunca me informaram que esse dever fosse tão urgente.

— Talvez, em Chicago, o não seja...

— Mas, aqui, a “sociedade” não é a mesma?

— Talvez não seja bem igual — insinuou Scanlan com um olhar sinistro.

— Qual a diferença?

— Você dirá, daqui a um mês. Soube que discutiu com os “chuis” que vinham no trem...

— Como soube disso?

— As notícias correm depressa... tanto as boas como as más.

— Pois bem, disse a esses cães o que pensava deles.

— Olá! Você também é da espécie de Mac Ginty?

— Por quê? — inquiriu Mac Murdo. — Ele também odeia a Polícia?

Scanlan soltou uma gargalhada e aconselhou:

— Vá vê-lo, amigo. Se não o fizer, será ele e não a Polícia quem lhe tratará da saúde.

Despediu-se e, à saída, acrescentou:

— Siga o meu conselho: vá vê-lo o mais depressa que possa.

Ora, naquela tarde, Mac Murdo teve um encontro mais urgente que o levou a apressar-se a seguir o conselho de Scanlan. As suas atenções para com Ettie tinham-se tornado evidentes e Shafter decidiu intervir:

— Parece que o senhor se interessa pela minha filha. Isso é verdade?

— Sim.

— Pois aviso-o de que perde o seu tempo. Já outro chegou primeiro.

— Foi o que a sua filha me deu a atender.

— Mas não lhe disse quem estava por detrás... decerto para não o amedrontar.

— Amedrontar-me, a mim? Quem diabo é ele?

— O chefe dos Vingadores.

— Já ouvi falar nisso. Por que raio têm medo desses Vingadores? Que gente é essa?

— São a Antiga Ordem dos Homens Livres — esclareceu Shafter, em voz baixa, como todos faziam ao se referirem a eles.

— Também sou membro dessa Ordem — respondeu Mac Murdo.

— Pois, se o soubesse, não lhe teria consentido a entrada nesta casa!

— Não compreendo. A Ordem dedica-se à caridade e à harmonia entre os homens. É o que consta dos seus estatutos.

— Talvez noutros lugares, mas não aqui.

— Por quê?

— Porque, aqui, é uma sociedade criminosa.

— Tem provas disso?

— Bastam mais de cinquenta assassinatos para testemunhá-lo. Que foi feito de Milman e de Van Shart, da família Nicholsan, do velho Hyam, do pequeno Billy James e de tantos outros? Toda a gente o sabe, neste vale.

— Pois bem — declarou Mac Murdo, gravemente. — Coloque-se no meu lugar. Sou um estranho nesta cidade. Pertencço realmente a uma sociedade que sei ser honesta e inofensiva, hoje já espalhada por todos os Estados Unidos. É a primeira vez, agora que vim instalar-me aqui, que ouço alguém dizer que a mesma Ordem, sob o título de “Vingadores”, é uma agremiação de criminosos. Preciso que me dê uma melhor explicação, Sr. Shafter.

— Só posso dizer-lhe o que toda a gente já sabe: que o chefe da Ordem é o chefe dos Vingadores.

— Isso não me basta. Quero provas.

— Se permanecer por aqui, mais algum tempo, terá todas as provas que deseja. Já me basta que um daquela corja tenha vindo fazer a corte à minha Ettie. Não tenho outro remédio, Sr. Mac Murdo, senão pedir-lhe que saia desta casa. Esta será a última noite em que dorme aqui.

Nessa mesma tarde, Mac Murdo foi falar a Ettie, na saleta.

— O seu pai acaba de pôr-me na rua. Não me aflijo por perder o quarto, mas sim por deixar de vê-la tão amiudadamente. — Confesso-lhe que já não posso viver sem você.

— Por favor, Sr. Mac Murdo, não me fale nesses termos! Eu já lhe dissera que chegou demasiado tarde. Existe um outro e, embora eu não tenha prometido desposá-lo, imediatamente, a verdade é que não posso comprometer-me com qualquer outra pessoa.

— E se eu tivesse chegado primeiro, Ettie, poderia ter esperanças de ser o escolhido?

A jovem escondeu o rosto nas mãos.

— Bem desejaria que tivesse chegado primeiro! — confessou, sufocando um soluço.

Mac Murdo pegou-lhe as mãos e pediu-lhe que seguisse o que lhe ditava o coração. Afirmou-lhe a sua paixão e suplicou:

— Diga que será minha e ambos enfrentaremos a situação.

— Mas não aqui!

— Por que não? Aqui mesmo, sim.

Mac Murdo tomou-a nos braços, enquanto ela protestava:

— Não, Jack! Aqui, seria impossível. Só se você me levasse para outro lugar.

— Aqui mesmo — exaltou-se Mac Murdo. — Não devemos ter medo. Nunca mais eu andaria de cabeça erguida. Não somos livres, num país livre? Se nos amamos, quem ousará interpor-se?

— É que você, Jack, está aqui há pouco tempo e não conhece Baldwin, nem Mac Ginty e os seus Vingadores.

— Não os conheço, nem os temo. Se realmente esses homens cometeram tantos crimes, como disse seu pai, como se explica que ninguém ainda os tenha denunciado à Polícia?

— Porque toda a gente está apavorada. Eu detesto Mac Ginty, mas tenho medo dele... não só por mim, mas principalmente por causa de meu pai. É por isso que tenho iludido Baldwin, com promessas... Se ao menos você quisesse levar-me para outro lugar, poderíamos levar o meu pai conosco, para nos libertarmos do domínio desses homens perversos.

O rosto de Mac Murdo endureceu.

— Verá, Ettie, como não correrá o menor perigo. Quanto a homens perversos, pode crer que sou bem pior que todos eles.

— Oh, não! — exclamou a jovem, duvidosa. — Tenho a maior confiança em você.

— Porque mal me conhece e a sua alma é inocente.

Nesse momento, a porta abriu-se e um jovem entrou na saleta, com ares de dono da casa.

Devia ter a mesma idade e estatura de Mac Murdo. Sem tirar o chapéu, estacou, enfurecido, ao ver o par junto da lareira.

Ettie pôs-se de pé, confusa e assustada.

— Chegou mais cedo do que eu esperava — titubeou. — Queira sentar-se aqui, Sr. Baldwin.

Numa atitude hostil, os dois homens trocaram um seco aceno de cabeça.

Baldwin foi o primeiro a falar:

— Espero que a Srta. Ettie já lhe tenha referido as relações que existem entre nós.

— Não me consta que hajam quaisquer relações entre os dois — retrucou Mac Murdo.

— Pois fica desde já a sabê-lo. Aviso-o de que esta jovem me pertence e de que a noite é apropriada para o senhor e eu darmos um passeio.

— Não tenho a menor vontade de passear.

Os olhos de Baldwin exprimiam cólera.

— Nesse caso, talvez tenha vontade de lutar comigo, senhor pensionista?
Pondo-se de pé, Mac Murdo sorriu.

— É a primeira coisa inteligente que o senhor proferiu, até agora.

— Não, Jack! — interveio Ettie. — Pelo amor de Deus!

— Já lhe chama de Jack? — enfureceu-se Baldwin. — Já chegaram a esse ponto?

— Oh, Ted! — interpôs-se Ettie. — Se me ama, mostre-se generoso e perdoe-lhe.

Mac Murdo proferiu calmamente:

— Se nos deixasse a sós, Ettie, creio que poderíamos liquidar melhor este assunto.

Virando-se para Baldwin, acrescentou:

— Afinal, a noite está linda e existe um terreno baldio, para além do quarteirão vizinho.

— Não precisarei sujar as mãos, para ajustar contas consigo — retorquiu Baldwin. — Lamentará ter posto os pés nesta casa, antes de eu ter dado cabo de si.

— Nenhum momento será mais oportuno do que este — observou Mac Murdo.

— O momento serei eu a escolhê-lo. Olhe para aqui...

Arregaçando a manga, mostrou o antebraço onde se via um sinal que parecia ter sido marcado a fogo: um triângulo inscrito num círculo.

— Sabe o que isto significa? — inquiriu com ar de desafio.

— Não, nem me interessa.

— Mas virá a sabê-lo. Então, compreenderá à sua própria custa. Talvez a Srta. Ettie possa esclarecê-lo a este respeito... E quanto a você, Ettie, virá procurar-me de joelhos. Ouviu, rapariga? De joelhos. Depois lhe direi qual o castigo que lhe darei.

Fitou ambos, enraivecido, e saiu, batendo com a porta.

Ettie atirou-se para os braços de Mac Murdo, ofegante.

— Oh, Jack! Foi tão corajoso! Mas, agora, terá de fugir. Esta mesma noite. Não terá a menor probabilidade de salvar-se, contra uma dúzia de homens, como Baldwin, com Mac Ginty e todo o poder da Loja a apoiá-los!

Mac Murdo soltou-se brandamente dos braços da jovem e procurou tranqüilizá-la:

— Tenha calma, Ettie. Ainda agora disse a seu pai que também sou um Homem Livre. Fica odiando-me por isso?

— Odiá-lo, Jack! Nunca! Sei que, noutros lados, ser Homem Livre pode não ter mal algum, mas aqui... Se realmente pertence a essa organização, vá ter com Mac Ginty e faça-se seu amigo... Vá depressa, Jack, antes que aqueles cães surjam no seu caminho.

— Já tencionava falar com Mac Ginty — respondeu Mac Murdo. — Diga ao seu pai que, amanhã cedo, irei procurar um outro alojamento.

O bar do estabelecimento de Mac Ginty estava, como sempre, apinhado de gente, pois era o ponto de encontro dos piores elementos da cidade.

Mac Ginty parecia ser jovial mas infundia o terror por trinta quilômetros ao redor, cidade, vale e montanhas. Todos pretendiam estar nas boas graças dele.

Além do poder secreto que exercia de maneira implacável, desempenhava as funções de conselheiro municipal e de encarregado da conservação das estradas, cargos estes que conquistara pelos votos de uns quantos patifes que, dessa maneira, pretendiam receber favores lucrativos.

Os impostos e as taxas na cidade eram exorbitantes, os serviços públicos estavam visivelmente descuidados e as contas públicas andavam falsificadas por contabilistas e fiscais subornados, de maneira que o cidadão honesto, coagido pelo terror, via-se obrigado a pagar, para que nada de pior lhe acontecesse.

Por esse motivo, de ano para ano, Mac Ginty ostentava mais anéis e alfinetes de brilhantes e a corrente de ouro do relógio, que lhe ornava o colete, ia-se tornando mais comprida e pesada. O bar era ampliado, todos os anos, ocupando uma casa vizinha, e parecia ameaçar absorver toda uma face da Praça do Mercado.

Com um empurrão, Mac Murdo abriu a porta de vaivém do bar e penetrou no salão por entre os homens que o enchiam, num ambiente saturado de fumaça e de cheiro de álcool.

O vasto bar estava brilhantemente iluminado e os enormes espelhos dourados, espalhados ao redor, nas paredes, multiplicavam a luz dos lustres.

Vários criados, de mangas arregaçadas, atarefavam-se servindo os clientes ociosos que se alinhavam no balcão ou se achavam espalhados pelas mesas.

Num dos cantos do balcão, via-se um homem alto, musculoso e maciço, com um charuto nos dentes, num dos lados da boca. Não podia ser outro, senão o famoso Mac Ginty.

Era um gigante de cabeleira negra, com barba até as maçãs do rosto. Uma mecha de cabelo caía-lhe sobre o colarinho. Era tão escuro como um italiano e os seus olhos negros, estranhamente sem brilho e ligeiramente estrábicos, davam-lhe um aspecto sinistro.

Quem não o conhecesse poderia considerá-lo um homem honesto, embora rude. Só os seus olhos indicavam ser desapiedado e possuir uma coragem e uma astúcia que tornavam a sua capacidade para o mal ainda mais perigosa.

Depois de tê-lo estudado atentamente, Mac Murdo avançou para o pequeno grupo de aduladores que o rodeava, rindo estrepitosamente aos seus menores gracejos.

Subitamente, Mac Ginty notou os olhos cinzentos de Mac Murdo fitando-o, através das lentes dos óculos.

— Olá, jovem, não me lembro de tê-lo visto por aqui.

— Sou novo na terra, Sr. Mac Ginty.

Este replicou, com um ar de censura:

— Não é tão novo que não saiba dar a uma pessoa o título conveniente.

Uma voz do grupo, sublinhou:

— Conselheiro Mac Ginty.

Mac Murdo manteve-se calmo e explicou:

— Ainda não conheço as hábitos da terra. Desculpe, Conselheiro, mas sugeriram-me que viesse visitá-lo.

— Aqui me tem. Que tal me acha?

— Ainda é cedo para formular uma opinião, mas se o seu coração é tão grande como o corpo e a sua alma tão bela como a fisionomia, nada pode ser melhor.

— Com os diabos! Você tem a soberba de um irlandês! — apreciou Mac Ginty, não sabendo se devia indignar-se com o insolente, ou manter a dignidade. — Aprova, realmente, esta minha aparência?

— Naturalmente!

— E disseram-lhe que me procurasse?

— Precisamente.

— Quem?

— O irmão Scanlan, da Loja 341, de Vermissa. Bebo à sua saúde, Conselheiro, e à nossa melhor amizade — proferiu Mac Murdo, erguendo o copo que acabavam de meter-lhe na mão. Enquanto bebia, ergueu o dedo mínimo.

Perante aquele sinal convencional da Ordem, Mac Ginty arqueou as espessas sobancelhas.

— Ah, então é isso, hein? Terei de verificar... Como disse chamar-se?

— Ainda não disse. Sou Mac Murdo.

— Pois fique sabendo, Sr. Mac Murdo que, aqui por estas bandas, não confiamos em ninguém, só pelo que dizem. Venha aqui, por um momento, atrás do bar.

Entraram numa pequena divisão onde se empilhavam vários barris, encostados às paredes. Mac Ginty fechou a porta e sentou-se num dos barris, mastigando o charuto e inspecionando o jovem com olhos inquietantes.

Mac Murdo suportou calmamente o exame silencioso do Conselheiro que, subitamente, sacou de um enorme revólver da Marinha.

— Ouça, seu gracejador: se pretende pregar-me uma peça, pode, desde já, encomendar a alma ao Diabo!

— Parece-me uma recepção bastante estranha, da parte do grão-mestre de uma Loja de Homens Livres, a um irmão recém-chegado — criticou Mac Murdo, com certa dignidade.

— É isso que você tem de provar. Onde foi “iniciado”?

— Na Loja 29, em Chicago.

— Quando?

— Em 24 de Julho de 1872.

— Quem era o grão-mestre?

— James H. Scott.

— E o dirigente da zona?

— Bartholomew Wilson.

— Parece ter as respostas bem estudadas. Que veio fazer aqui?

— Trabalhar, mas num emprego menos bem remunerado que o seu.

— Realmente, tem as respostas na ponta da língua.

— Tive sempre a palavra rápida.

— E é também rápido para agir?

— Tenho essa fama entre aqueles que me conhecem bem.

— Talvez o ponhamos à prova, mais cedo do que pensa. Por que motivo abandonou Chicago?

— Prefiro que me matem, a dizê-lo.

— Por quê?

— Porque um irmão não deve mentir a outro irmão.

— A verdade é assim tão má, para que possa revelar-me?

— Pense o que quiser acerca dela.

— Você não vai esperar que eu, como grão-mestre, receba na minha Loja um homem por cujo passado não possa responder.

Mac Murdo simulou perplexidade e, após uma breve hesitação, tirou da algibeira um recorte de jornal, amarrotado.

— Seria capaz de trair um irmão?

— Parto-lhe a cara se se atreve a repetir isso — gritou Mac Ginty, furioso.

— Tem razão, Conselheiro. Falei sem refletir. Estou certo de que estarei seguro nas suas mãos. Leia este recorte.

Mac Ginty passou os olhos sobre o relato do assassinato a tiros de um certo Jonas Pinto, ocorrido em Chicago, no Lake Saloon, durante a semana de Ano-Novo de 1874.

— É obra sua? — sondou, devolvendo o recorte a Mac Murdo.

Este fez, com a cabeça, um sinal afirmativo.

— Por que motivo o matou?

— Eu ajudava o Banco do Estado a fazer dólares, embora os da minha lavra não tivessem um ouro tão bom como os dele. Mas eram perfeitos na forma e a sua fabricação saía-me mais barata. Esse Pinto cooperava comigo, colocando-os em circulação.

— Que aconteceu?

— Esqueceu-se de dividir os lucros comigo. Quando dei por isso, prometeu pagar-me num futuro próximo mas, como nunca se sabe o que será o dia de amanhã, achei melhor eliminá-lo e fugir para esta região carbonífera.

— Por que, para cá?

— Porque li nos jornais que, nestas paragens, ninguém se metia na vida dos outros.

Mac Ginty soltou uma gargalhada.

— Estou vendo. Você começou por ser falsário, tornou-se assassino e veio para cá porque pensou que seria bem recebido. Foi assim?

— Mais ou menos — confessou Mac Murdo.

— Talvez consiga ir longe... Ainda sabe fabricar dólares?

Mac Murdo tirou do bolso meia dúzia de moedas que pareciam de ouro.

— Estes nunca passaram pela Casa da Moeda de Washington — afirmou.

— A sério? — estranhou Mac Ginty, pegando num “dólar de ouro”, com a mão peluda como a de um gorila.

Não noto a menor diferença! Com os diabos, Mac Murdo, creio que será um irmão utilíssimo. Precisamos de pessoas ativas, pois há momentos em que é necessário agir. Temos de reagir contra os que nos atacam.

— Creio que, na ação, serei tão bom como qualquer outro.

— Realmente, parece ter bons nervos. Nem pestanejou, quando lhe apontei o revólver.

— Não era eu quem corria perigo.

— Então quem era?

— O senhor, Conselheiro — esclareceu Mac Murdo, tirando uma pistola do bolso do casaco, onde mantivera a mão, enquanto falara. — Quando me apontou o revólver, estive sempre atento ao seu dedo indicador. Se notasse que tencionava desfechar o gatilho, o meu tiro seria, pelo menos, tão rápido como o seu.

Subitamente, Mac Ginty ficou vermelho de cólera, mas logo explodiu numa sonora gargalhada.

— Raios! Há muito que não se vê, por estas bandas, um diabo da sua estirpe! Julgo que a Loja virá a orgulhar-se de você.

Um criado abriu a porta e enfiou a cabeça.

— Que quer aqui? Não posso falar em paz com um cavalheiro durante cinco minutos?

— Perdoe-me, Conselheiro — desculpou-se o criado. — Trata-se do Sr. Baldwin. — Diz que necessita falar-lhe imediatamente.

O recado tornou-se desnecessário, visto que Baldwin assomou à porta, apontando para Mac Murdo, por cima do ombro do criado.

— Com que então, você chegou primeiro, hein?... Quero falar com o senhor, Conselheiro, a respeito desse homem — gritou Baldwin, exaltado.

— Diga-o já e na minha presença — desafiou Mac Murdo.

— Falarei quando me convier e como entender.

— Calma! — interveio Mac Ginty, levantando-se do barril. — Deixe de questões, Baldwin. Temos entre nós um novo irmão, Sr. Mac Murdo. Não é decente de sua parte, Baldwin, recebê-lo desta maneira. Se porventura questionaram, façam já as pazes.

— Nunca! — bradou Baldwin, fora de si.

Mac Murdo, calmamente, explicou:

— Há pouco, ofereci-me para lutar com ele, caso se sentisse ofendido, mas o Sr. Baldwin recusou-se a isso, talvez porque precisasse proteção de mais alguém para defrontar-se comigo. Estou pronto a lutar desarmado, ou como ele preferir. Agora, Conselheiro, deixo a resolução ao seu critério, como compete a um grão-mestre.

— Que questão foi essa?

— De uma jovem... que tem o direito de escolher livremente quem lhe agrada.

— Era o que faltava! — gritou Baldwin, furioso.

— Pois acho que, entre dois irmãos da Loja, não há outra maneira de proceder. Como estão em igualdade, a jovem poderá decidir quem prefere.

— Com que então, é essa a regra?

— É essa a *minha* regra, Ted Baldwin. Você pretende discuti-la?

— E você põe de lado quem anda consigo, há cinco anos, para favorecer um tipo que nunca viu na sua vida? Fique sabendo, Jack Mac Ginty, que você não é grão-mestre perpétuo. Verá que nas próximas eleições...

— O conselheiro atirou-se a Baldwin, agarrando-lhe o pescoço com a mão descomunal e atirou-o de encontro a um barril. Começou a socá-lo e o teria matado, se Mac Murdo não intervisse, puxando-o para trás.

— Calma, Conselheiro.

Mac Ginty suspendeu o ataque e Baldwin, assustado e ofegante, como se tivesse antevisto a morte, sentou-se no barril que se achava mais perto.

Também arquejante, Mac Ginty rugiu:

— Você, Baldwin, estava precisando disto, há muito tempo. Talvez pensasse em tirar-me o cargo de grão-mestre, hein? Cabe à Loja decidir, mas enquanto eu o ocupar, não permitirei que ninguém levante a voz contra mim e, muito menos, discuta as minhas ordens.

— Nada tenho contra o senhor — murmurou Baldwin, esfregando o pescoço.

Retomando imediatamente o seu tom de rude jovialidade, Mac Ginty pôs:

— Tornemo-nos bons amigos e ponhamos ponto final nesta questão.

Tirou, de uma prateleira, uma garrafa de champanhe e fez saltar a rolha. Depois, encheu três taças e brindou:

— Bebamos contra as querelas entre membros da Loja. Bem sabem que não pode correr sangue entre nós. É da regra. E neste momento, com a mão esquerda sobre o meu pomo de Adão, recitou:

— Pergunto-lhe, Ted Baldwin: qual é a ofensa?

— As nuvens estão carregadas — respondeu Baldwin com as palmas das mãos viradas para cima.

— Mas desaparecerão para sempre! Eu o juro.

Os três homens beberam, repetindo-se a mesma cerimônia entre Baldwin e Mac Murdo.

— Muito bem — apoiou Mac Ginty. — Evitamos derramamento de sangue. Se isto tornar a acontecer, a disciplina da Loja entrará em ação. Como o irmão Baldwin já sabe e você, Mac Murdo, não tardará a saber, eu aqui exerço a disciplina com mão de ferro. Não venha criar complicações.

Mac Murdo estendeu a mão a Baldwin, replicando:

— Estou sempre pronto para lutar, quando me desafiam, mas também estou sempre disposto a perdoar. Deve ser do meu sangue irlandês. Por mim, a questão está arrumada e não guardo qualquer rancor.

Baldwin teve de aceitar a mão que Mac Murdo lhe estendia, pois o olhar do conselheiro e grão-mestre mantinha-se atento às suas reações.

Contudo, a expressão de Baldwin não conseguia esconder a fúria interior, como se não tivesse sido sentido o juramento feito.

Mac Ginty bateu com as mãos nos ombros dos jovens e proferiu sonoramente:

— As moças! As moças criam problemas do diabo. E logo, neste caso, as mesmas saias a intrometerem-se entre dois irmãos da Loja! Pois que a dona dessas saias resolva a questão da maneira que melhor lhe aprouver. Este assunto excede a competência do grão-mestre. Já temos muito que fazer, para, ainda por cima, nos preocuparmos com questões de mulheres!

Virando-se para Mac Murdo, informou:

— Você agora, irmão, terá de filiar-se na Loja 341. Os nossos sistemas e meios de ação, aqui, são diferentes dos de Chicago. A nossa próxima reunião será no próximo sábado. Se você comparecer, Mac Murdo, será proclamado *“livre, para sempre, no Vale Vermissa”*.

CAPÍTULO 3 — LOJA 341, VERMISSA

No dia seguinte, Mac Murdo mudou-se da pensão do velho Jacob Shafter, para a casa da viúva Mac Namara, nos limites da cidade. Como, por essa altura, Scanlan viesse viver em Vermissa, encontraram-se e passaram a morar juntos.

Não havia ali outros pensionistas e a dona da casa, uma velha irlandesa, compreensiva, deixava-os à vontade, para que falassem a sós, um com o outro, o que convinha a homens pertencentes a uma sociedade secreta.

Pouco a pouco, Shafter foi abrandando a sua intolerância e, a dada altura, consentiu que Mac Murdo passasse a tomar, na pensão, as suas refeições, sempre que o desejasse. Desta maneira, as relações entre o jovem e Ettie tornaram-se ainda mais íntimas.

Entretanto, Mac Murdo na nova casa verificou que poderia servir-se do seu quarto de dormir, para nele utilizar os cunhos de moedas, sem que ninguém o incomodasse. Certos irmãos da Loja, depois de solene juramento de guardarem segredo, tiveram permissão para ir vê-lo trabalhar, ajudado por Scanlan. Saíram de lá com alguns exemplares de moedas falsas, mas tão perfeitas, que não tiveram a menor dificuldade em passá-las.

Os companheiros perguntavam por que motivo Mac Murdo, dominando com tanta perfeição aquela maravilhosa arte, se empenhava em trabalhar num emprego fixo. E o jovem respondia que se vivesse sem trabalhar para angariar meios de sustento, em breve atrairia as atenções da Polícia.

Na realidade, havia um policial à procura de Mac Murdo, mas o incidente que provocou foi mais benéfico do que prejudicial para o jovem aventureiro.

Rara era a noite em que não aparecia no bar de Mac Ginty, com o intuito de estreitar relações com os rapazes, como reciprocamente se chamavam os componentes da perigosa turma. As suas maneiras e linguagem e também a maneira hábil como dominava um adversário, numa rixa, conquistaram o respeito daquela rude comunidade. Um novo incidente viria, agora, elevá-lo mais, no conceito geral.

Certa noite, precisamente na hora de maior movimento, entrou no salão um homem envergando o discreto uniforme azul e capacete da Polícia do Carvão e do Ferro.

Esta corporação especial era subvencionada pelos proprietários das linhas de trens particulares e destinava-se não só a vigiá-las, mas também a auxiliar a Polícia oficial que se reconhecia impotente perante o banditismo organizado que assolava a região.

A entrada do policial foi acentuada com um demorado silêncio, mas, nos Estados Unidos, as relações entre “chuis” e criminosos são características e o próprio Mac Ginty, atrás do balcão, não manifestou a menor surpresa, quando o recém-chegado se reuniu aos outros clientes.

— Um uísque puro — pediu o policial —, pois a noite está gelada! Creio que ainda não nos conhecemos, Conselheiro...

— Você é o novo chefe, nomeado para esta região?

— Precisamente. Contamos com o senhor, Conselheiro, e com outros cidadãos influentes, para nos ajudarem a manter a ordem e a lei nesta cidade.

— Estamos habituados a agir diretamente sem a intervenção da Polícia — respondeu aquele, friamente.

— Sou o capitão Marvin, da Polícia do Carvão e do Ferro — apresentou-se o novo chefe — e a minha obrigação...

— Temos a nossa própria Polícia, capitão Marvin — cortou Mac Ginty —, e não precisamos de nenhuns outros “importados”, pagos pelos capitalistas, para perseguirem à cacetada e aos tiros os nossos concidadãos mais pobres.

— Então, Conselheiro! Deixemos de discussões — respondeu o policial, bem humorado. — Acredito que todos cumprimos o nosso dever, consoante a nossa própria opinião... Só é pena que as nossas opiniões nem sempre sejam iguais.

Já esvaziara o copo e preparava-se para sair, quando reparou em Jack Mac Murdo que se achava a seu lado com ar carrancudo.

— Olá! Aqui está um velho conhecido! — exclamou o capitão Marvin. Mac Murdo afastou-se dele, resmungando:

— Nunca fui seu amigo, nem de nenhum “chui”, em toda a minha vida.

— Ser conhecido, não é ser amigo — observou o policial. — Você é Mac Murdo, de Chicago, e não vale a pena negá-lo.

Mac Murdo encolheu os ombros.

— Não o nego. Pensa que me envergonho do meu nome?

— Mas tem bons motivos para isso.

— Que raio quer insinuar com essas palavras? — retrucou o jovem, já com os punhos fechados.

— As suas bravatas não me intimidam, Jack. Estive no serviço da Polícia de Chicago, antes de vir para esta miserável carvoeira. Reconheço sempre um fora-da-lei, mal o vejo.

Mac Murdo ficou espantado.

— Você é o Marvin, da Polícia Central de Chicago?

— Em pessoa e... às suas ordens. Ainda não me esqueci do assassinato de Jonas Pinto...

— Não fui eu quem o matou — replicou Mac Murdo.

— Tem certeza? Provavelmente, o seu testemunho está sendo muito imparcial! Em todo o caso, a morte desse patife foi bastante conveniente para você, pois, de outro modo, teria sido preso por “passar” moeda falsa. Mas esqueçamos o passado, porque, sempre lhe digo, que não conseguiram reunir provas contra você. Portanto, se quiser, pode voltar para Chicago, amanhã mesmo.

— Sinto-me bem onde estou.

— Como queira, mas há de convir que lhe prestei uma informação preciosa e você, se não fosse de granito, devia até mostrar-se agradecido.

Num tom pouco gentil, Mac Murdo resmungou:

— Agradeço-lhe, Marvin.

— Por mim, está tudo bem, desde que você proceda corretamente. Contudo, se “pisar o risco” — ameaçou o capitão —, teremos muito que conversar... Boa noite para você... e para o senhor também, Conselheiro.

Ao afastar-se do bar, tinha criado um herói local.

As façanhas de Mac Murdo na distante Chicago causaram murmúrios de admiração. Os clientes do bar rodearam-no e vieram apertar-lhe a mão. A partir dali, teria o apoio da comunidade.

Embora Mac Murdo agüentasse muito álcool, naquela noite, se não fosse Scanlan estar presente, o jovem em vez de ir para casa teria ficado dormindo atrás do balcão, tão entusiasmadamente tinham festejado o “novo herói”.

Num sábado à noite Mac Murdo foi admitido na Loja.

Como já fora “iniciado” em Chicago, pensara que poderia filiar-se em Vermissa, sem qualquer cerimonial. Contudo, ali existiam ritos particulares a que todo o postulante deveria submeter-se. A assembléia reuniu-se no vasto salão do Sindicato. Estavam presentes sessenta membros, embora o número de filiados fosse muito maior, pois havia Lojas disseminadas por todas as localidades da região. Dessa maneira, quando o grão-mestre ordenava que se cometesse qualquer crime, este era sempre executado por indivíduos de outra localidade, dificilmente identificáveis, já que os da terra apresentavam sempre álibis sólidos. No total, os filiados da Loja de Vermissa eram mais de quinhentos, dominando a zona carbonífera.

A sala de reuniões do Sindicato, sem quaisquer adornos, tinha duas mesas. Uma, comprida, onde se sentavam os sessenta homens, e outra, mais curta e larga, para a qual aqueles olhavam sequiosos, pois estava repleta de bebidas.

Mac Ginty ocupava a cabeceira, com um gorro de veludo negro sobre os cabelos encrespados e não menos negros. Usava uma estola cor de púrpura que lhe dava o aspecto de um sacerdote, presidindo a um qualquer ritual diabólico.

À sua esquerda e direita, sentavam-se os altos graduados da Loja, um dos quais era Ted Baldwin, de feições atraentes, embora cruéis.

Cada qual ostentava, como emblema do seu cargo, uma chapa metálica, ou um medalhão. Na sua maioria, eram homens de idade madura, mas viam-se jovens, certamente destinados a executarem as ordens mais ativas. Alguns já tinham expressões de bandidos, mas, outros, mostravam um ar tão cândido, que ninguém pensaria que se sentissem orgulhosos de ser assassinos, perversos paladinos do Mal.

Para os seus ânimos corrompidos, tornara-se uma atitude cavalheiresca oferecerem-se para abater uma pessoa que nunca lhes fizera mal e nem sequer tinham visto em toda a vida. E vangloriavam-se entre eles dos seus crimes, descrevendo a maneira como os tinham praticado e os sofrimentos, gritos e contorções das suas vítimas.

A princípio, ainda mantinham um certo sigilo na preparação de um crime, mas, presentemente, como ninguém ousasse testemunhar contra eles e possuíssem um cofre bem recheado para comprar cúmplices, sentiam-se à vontade, dominadores.

Em dez anos de violência ininterrupta, não fora sentenciada uma única condenação e o único perigo que os Vingadores corriam só poderia provir das próprias vítimas que, num ato de autodefesa, lograssem ferir algum deles.

Mac Murdo fora prevenido de que teria de prestar uma prova, mas ninguém lhe dissera qual a natureza dessa prova. Foi levado para uma sala anexa, por dois irmãos de aspecto solene. Através do tabique de madeira, podia ouvir um rumor grave de vozes, mas as palavras proferidas na assembléia chegavam-lhe indistintas. Contudo, por várias vezes ouviu mencionar o seu nome e compreendeu que se discutia a sua candidatura.

Depois, entrou nessa sala anexa um irmão, com uma faixa verde e ouro, que desempenhava as funções de membro da guarda interna. Solenemente indicou:

— O grão-mestre ordena que lhe vendem os olhos e o façam entrar no salão.

Logo os três homens tiraram o casaco de Mac Murdo e arregaçaram-lhe a manga da camisa do braço esquerdo. Depois, passando-lhe uma corda pelos cotovelos, apertaram-na fortemente. Enfiaram-lhe, na cabeça, um espesso capuz negro que lhe pendia até à boca, de maneira que nada pudesse ver. Então, foi conduzido para a sala da reunião.

Sentia-se como cego e quase sufocado com o capuz. Ouviu o rumor das vozes em seu redor e, sobrepondo-se a estas, a de Mac Ginty, que através do tecido lhe chegava abafada aos ouvidos.

— Jack Mac Murdo, você já é membro da Antiga Ordem dos Homens Livres?

O jovem fez um aceno afirmativo com a cabeça.

— A sua Loja é a número 29, de Chicago?

Novo sinal afirmativo.

— As noites escuras são desagradáveis — continuou a voz.

— Sim, para pessoas estranhas viajarem — respondeu.

— As nuvens estão pesadas.

— Aproxima-se uma tempestade.

— Estão os irmãos satisfeitos? — inquiriu o grão-mestre.

Ouviu-se um murmúrio geral de assentimento.

— Verificamos, Irmão, pela senha e contra-senha que acaba de dar-nos, ser realmente um dos nossos — declarou Mac Ginty. — Queremos, porém, que saiba que, tanto nesta região, como noutras vizinhas, temos certos ritos e também certos deveres peculiares que requerem homens valorosos. Está pronto para a prova?

— Estou.

— Tem coração forte?

— Tenho.

— Dê um passo à frente para demonstrá-lo.

Enquanto essas palavras eram pronunciadas, sentiu sobre os olhos duas pontas agudas, que os comprimiam tanto, a ponto de parecer-lhe não poder avançar um milímetro sem correr o risco de os perder. Não obstante, reuniu todas as suas forças e adiantou-se resolutamente. Nesse mesmo instante a pressão diminuiu e desapareceu e ouviram-se aplausos.

— Tem um coração forte. Sabe suportar a dor?

— Tão bem como qualquer outro — replicou Mac Murdo.

— Sujeite-o à prova!

Tudo o que pôde fazer foi conter-se para não soltar um berro, pois uma dor lancinante lhe atravessou o antebraço. Por pouco não desmaiou, mas mordeu os lábios e apertou os punhos para esconder o sofrimento.

— Ainda posso suportar mais — proferiu.

Desta vez os aplausos foram estrondosos. Nunca alguém se comportara na primeira apresentação na Loja de maneira tão estóica. Várias mãos lhe bateram nas costas, o capuz foi-lhe tirado da cabeça e ele ficou aturdido com a luz, sorrindo rodeado pelas congratulações dos correligionários.

— Ainda uma última palavra, irmão Mac Murdo — interveio Mac Ginty. — Você já pronunciou o juramento de sigilo e fidelidade e sabe, portanto, que a punição, por qualquer quebra de tal juramento, é a morte imediata e inevitável!

— Sei — confirmou Mac Murdo.

— E aceita a regra do grão-mestre em qualquer circunstância?

— Aceito.

— Então, em nome da Loja 341, de Vermissa, eu lhe concedo todos os seus privilégios e o direito de tomar parte em todos os debates. Ponha as bebidas na mesa, Irmão Scanlan, para que possamos brindar à saúde do nosso digno irmão.

Tinham-lhe trazido o casaco, mas, antes de vesti-lo, Mac Murdo examinou o braço direito, que ainda lhe doía intensamente. Na carne viva do antebraço, estava gravado, nitidamente, um triângulo inscrito num

círculo, profundo e rubro, como tinha deixado o ferro incandescente. Alguns dos irmãos, que estavam mais próximos dele, arregaçaram as mangas e mostraram marcas idênticas.

— Todos nós a temos — disse um deles —, mas nem todos a receberam com tanta bravura como você.

— Agüenta-se bem — respondeu Mac Murdo —, mas a dor e o calor da queimadura incomodam bastante.

Quando as libações, que sucediam à cerimônia de iniciação, terminaram, começaram as discussões dos trabalhos da Loja. Mac Murdo, habituado às atividades prosaicas de Chicago, ouvia, surpreso, o que adiante se transcreve e relata.

— O primeiro assunto da ordem do dia — começou Mac Ginty — consiste na leitura da seguinte carta do Chefe de Divisão Windle, do Condado de Merton, Loja 249.

“Prezado Senhor:

Há um trabalho para executar com relação a Andrew Rae, da firma Rae & Sturmash, proprietário de minas de carvão próximas desta zona. O senhor deve lembrar-se de que a sua Loja está em débito para conosco, pelos serviços de dois dos nossos irmãos no caso do policial de ronda, no último outono. Peço-lhe que nos mande dois homens capazes, que ficarão às ordens do tesoureiro desta Loja, cujo endereço é do seu conhecimento. Ele lhes dirá quando e onde devem agir. Seu irmão na liberdade.

J. W. Windle, C. D. A. O. H. L.”

— Windle nunca se recusou a ajudar-nos quando tivemos necessidade de pedir-lhe a cooperação de um ou dois homens. Não podemos, portanto, deixar de atendê-lo.

Mac Ginty fez uma pausa e percorreu a sala com os seus olhos maldosos e baços.

— Quem se oferece espontaneamente para este trabalho? — perguntou.

Diversos rapazes levantaram a mão. O grão-mestre fitou-os com um sorriso de aprovação.

— Você tem-se portado bem, Tigre Cormac. Se se sair tão bem como da última vez, não será esquecido. E você também, Wilson.

— Não tenho revólver — advertiu o voluntário, de menos de vinte anos.

— É a sua primeira missão, não é verdade? Mais tarde ou mais cedo teria de sofrer o batismo de sangue. Será um bom início para você. Quanto ao revólver, estou certo de que o encontrará à sua espera. Se estiverem prontos na segunda-feira, será mais do que suficiente. Terão um belo acolhimento quando regressarem.

— Desta vez não haverá recompensa? — indagou o jovem Cormac, corpulento, de rosto sombrio e aspecto rude, cuja ferocidade lhe valera a alcunha de Tigre.

— A recompensa não importa. Vocês atuarão pela honra do empreendimento. Todavia, é possível que, no fim de tudo, haja alguns dólares extras no fundo da caixa à espera de vocês.

— Que fez o homem? — indagou o inexperiente Wilson.

— Não lhe compete perguntar o que ele tenha feito. Foi julgado lá, e o resto não nos interessa. Cabe-nos apenas levar a cabo a empresa por conta deles, como eles fariam por nós. Já agora informo que dois irmãos da Loja de Merton estarão entre nós, na próxima semana, para realizarem uma tarefa nesta zona.

— Quem são? — perguntou alguém.

— É melhor ignorar. Se não souberem coisa alguma não serão chamados como testemunhas e, desse modo, ficarão livres de qualquer perigo. Trata-se de homens que sabem fazer um trabalho limpo, quando se apresenta a ocasião.

— Até que enfim! — interveio Ted Baldwin. — Há muita gente que tem escapado ao devido castigo, por estes lados. Ainda na semana passada, três dos nossos homens foram despedidos pelo capataz Blaker. Há muito que ele merece um castigo e não tarda que o tenha.

— Que castigo? — sussurrou Mac Murdo ao seu vizinho.

— Uma bala no lombo! — exclamou o homem, com sonora gargalhada. — Que acha dos nossos métodos, Irmão?

A alma criminosa de Mac Murdo parecia já estar imbuída do espírito da infame sociedade de que se tornara membro.

— Agradam-me muito.

Alguns dos que se encontravam perto ouviram-lhe as palavras e aplaudiram-nas.

— O que é? — berrou o grão-mestre, do extremo da mesa.

— Este nosso novo Irmão considera os nossos métodos muito do seu agrado.

Mac Murdo levantou-se e declarou:

— Queria afirmar, Venerável Chefe, que ficarei honrado se for escolhido para auxiliar a Loja numa missão deste gênero.

Todos tinham aplaudido com a sensação de que um novo sol despontava no horizonte. Alguns, dentre os mais idosos, sentiam que o sucesso fora demasiado rápido.

— Desejaria sugerir — disse o secretário Harraway, um velho de cara de abutre e barba grisalha, sentado ao lado do presidente —, que o irmão Mac Murdo aguardasse até que a Loja decida servir-se dele.

— Ponho-me inteiramente nas suas mãos — replicou Mac Murdo.

— Chegará a sua hora, irmão — acrescentou o presidente. — Já o distinguimos como homem de boa vontade e estamos certos de que será um elemento útil nesta zona. Temos uma missão, hoje à noite. Se quiser, poderá tomar parte nela.

— Prefiro esperar por algo de mais importante.

— Em todo o caso, pode acompanhar-nos. Isso o ajudará a conhecer os nossos propósitos nesta comunidade. Farei a comunicação mais tarde. Entretanto — continuou, lançando o olhar para a agenda —, tenho mais um ou dois assuntos para apresentar à assembléia. Antes de mais, pedirei ao tesoureiro que nos informe acerca do nosso saldo bancário. Devemos pensar numa pensão para a viúva de Jim Carnaway. Foi abatido ao serviço da Loja e cabe-nos evitar que ela fique numa situação precária.

— Jim foi morto no mês passado quando tentava liquidar Charles Wilcox, de Marley Creek — explicou um vizinho a Mac Murdo.

— A situação financeira, neste momento, é boa — anunciou o tesoureiro, consultando a caderneta do banco aberta na sua frente. — As firmas têm sido generosas nos últimos tempos. *Max Linder & C.º* pagou quinhentos dólares para não ser incomodada. A firma *Walker Brothers* enviou-nos cem; decidi, porém, restituí-los e pedir-lhes que nos mande quinhentos. Se não receber resposta até quarta-feira talvez os seus negócios venham a correr mal. Fomos obrigados a queimar-lhe o triturador mecânico a fim de induzi-la a ser razoável. Por outro lado, a *West Section Coaling Company* pagou a sua contribuição anual. Temos em nosso poder o bastante para fazer face a qualquer obrigação.

— E que nos diz de Archie Swindon? — perguntou um irmão.

— Vendeu tudo e abandonou a zona. O velho deixou-nos um recado em que dizia preferir ser varredor de ruas, livre, em Nova Iorque, do que proprietário de uma grande mina, sob o domínio de um bando de chantagistas. Teve sorte em desaparecer, antes de o bilhete chegar às nossas mãos! Creio que nunca mais terá coragem de voltar a este vale.

Um homem idoso, bem barbeado e de aspecto cordial, ergueu-se na outra extremidade da mesa, de frente para o presidente.

— Senhor Tesoureiro, permita-me que lhe pergunte quem comprou a propriedade do homem que escorraçamos da zona?

— Perfeitamente, Irmão Morris. Foi adquirida pela *State & Merton County Railroad Company*.

— E quem comprou as minas de Todman e de Lee, que foram postas no mercado no ano passado, por idêntico motivo?

— A mesma companhia, Irmão Morris.

— E quem adquiriu as fábricas metalúrgicas de Manson, de Shuman, de Van Dher e de Atwood, que foram também abandonadas ultimamente?

— Foram todas compradas pela *West Gilmerton General Mining Company*.

— Não percebo, Irmão Morris — interveio o presidente —, a importância que possa ter quem as comprou, desde que ninguém seja capaz de transportá-las para fora desta zona.

— Com todo o respeito que lhe é devido, Venerável Chefe, julgo que importa muito saber tudo isso. Há dez longos anos que, pouco a pouco, estamos afastando do comércio todos os pequenos proprietários. Ora, qual é o resultado? Encontramos, em vez deles, grandes companhias como a *Railroad* e a *General Iron*, que têm diretores em Nova Iorque ou Filadélfia; pessoas que não fazem caso algum das nossas ameaças. Podemos tornar razoáveis os seus chefes locais, mas isso apenas significa que outros virão substituí-los. Estamos tornando a situação perigosa para nós próprios.

Os pequenos proprietários não podiam fazer-nos mal; não tinham nem o dinheiro, nem a força para o fazer. Uma vez que não os sugássemos demasiado, continuariam sob o nosso domínio. Mas, se essas grandes companhias se capacitarem de que nos interpomos entre eles e os seus lucros, não pouparão despesas para nos levarem a tribunal.

A estas palavras pouco tranquilizadoras seguiu-se um silêncio. Todos os rostos se sombream com olhares apreensivos. Tão onipotentes e impunes

tinham sido, até então, que não tinham imaginado a hipótese de sofrerem um fracasso. Por isso aquele futuro ameaçador preocupou-os.

— Sou de opinião — prosseguiu o orador —, que não devemos tratar com tanto rigor os pequenos proprietários. No dia em que forem banidos, o poder da nossa sociedade será nulo.

A verdade crua nunca é bem recebida. No momento em que o orador voltava a sentar-se, soaram coléricos protestos. Mac Ginty levantou-se com a expressão alterada e proferiu:

— Irmão Morris, você sempre foi uma ave agourenta. Enquanto os membros da Loja se mantiverem unidos, não haverá neste país quem possa atingi-los. Não temos, por acaso, demonstrado isso nos tribunais? Espero que as grandes companhias verifiquem ser mais fácil pagar do que lutar conosco, como fazem as pequenas. E agora, irmãos — continuou Mac Ginty tirando o gorro de veludo negro e a estola —, a Loja terminou os trabalhos desta noite, com exceção de um pequeno assunto, de que falaremos quando nos separarmos. Chegou o momento de bebermos pela nossa fraterna amizade e de tocarmos um pouco de música.

A natureza humana é verdadeiramente estranha. Encontravam-se ali homens para os quais o delito era familiar, que em repetidas ocasiões tinham assassinado chefes de família, pessoas contra as quais não nutriam o menor rancor pessoal, sem a mais leve sombra de remorso ou de compaixão pela viúva e pelos filhos desamparados e, no entanto, a doçura e o patético da música eram capazes de comovê-los.

Mac Murdo possuía uma bela voz de tenor e, se já não tivesse angariado a estima da Loja, ninguém a teria negado depois de ouvi-lo cantar *I'm sitting on the Stile, Mary* e *On the Banks of Allan Water*. A partir daquela primeira noite, o novo recruta tornara-se muito popular entre os seus irmãos e já era apontado para acesso a um alto cargo. Havia, porém, outras qualidades necessárias, além das de boa camaradagem, para se tornar digno do título de Homem Livre. A garrafa de uísque já tinha dado muitas vezes a volta à mesa e os homens estavam com os rostos afogueados e prontos para todas as iniquidades, quando o grão-mestre se ergueu novamente.

— Rapazes — principiou —, existe certa pessoa nesta cidade que necessita de uma boa lição e cabe a vocês tomar providências a fim de que a receba. Refiro-me a Jones Stranger, do *Herald*. Já viram como ele começou a escrever contra nós?

Um murmúrio de assentimento percorreu a sala. Mac Ginty tirou do bolso do colete um recorte de jornal.

— Ouçam como ele começa o artigo:

“JUSTIÇA E ORDEM!

Reino do terror na zona do carvão e ferro. Doze anos são já decorridos, desde os primeiros assassinatos que vieram provar a existência, entre nós, de uma associação de criminosos. A partir dessa ocasião jamais cessaram as transgressões à lei que, agora, chegaram ao cúmulo de converter-nos na desonra do mundo civilizado.

É para alcançar tais resultados que a nossa grande nação acolhe no seu seio os estrangeiros fugidos dos despotismos da Europa? É para que eles próprios se transformem em tiranos dos cidadãos que lhes deram abrigo e se instaure um estado de terrorismo e ilegalidade, justamente à sombra da bandeira listrada e estrelada da liberdade? Os homens são conhecidos. A organização é pública e patente. Até quando iremos suportar este estado de coisas? Podemos viver constantemente...”

— Creio que já li bastante desta imundície! — vociferou o presidente, atirando o papel para cima da mesa.

— Isto é o que James Stranger diz de nós. Que devemos responder-lhe?

— Acabemos com ele! — gritaram em coro várias vozes furibundas.

— Protesto contra essa decisão — objetou o irmão Morris. — Afirmo-lhes, Irmãos, que a nossa mão está se tornando muito pesada neste vale e que chegará o momento em que, como defesa própria, todos se reunirão para nos esmagar. James Stranger é idoso e respeitado, tanto na cidade como em toda a zona. O seu jornal é o defensor de todas as boas causas no vale. Se esse homem for morto, haverá tal agitação neste Estado, que só terminará com a nossa destruição.

— E que farão para destruir-nos, senhor Obstáculo? — berrou Mac Ginty. — Com o auxílio da Polícia? Como o conseguirão, se metade dos agentes está a nosso soldo, e a outra metade tem medo de nós? Com a ajuda dos tribunais e dos juízes? Já experimentamos isso e que perigo nos ameaçou?

— O juiz Lynch talvez venha a julgar o caso — objetou o Irmão Morris.

Um coro de protestos indignados acolheu essa sugestão.

— Bastará que eu levante um dedo — urrou Mac Ginty —, e poderei reunir duzentos homens nesta cidade, que a varreriam de ponta a ponta.

Depois, erguendo a voz e arqueando as espessas sobrancelhas negras, acrescentou:

— Ouça, Irmão Morris: há muito que o tenho na mira. Você não tem coragem e procura tirá-la dos que a tem. Será um mau dia para você, Irmão Morris, aquele em que o seu nome figurar na ordem do dia e creio ser isso o que merece.

Morris fizera-se extremamente pálido e os joelhos pareceram-lhe ceder ao cair, sentado, na cadeira. Levantou o copo com a mão trêmula e bebeu antes de poder responder:

— Peço-lhe desculpa, Venerável Chefe, bem como a todos os Irmãos desta Loja, se disse mais do que devia. Sou um membro leal e apenas receio que um desastre possa atingir a Loja. Entretanto, deposito mais fé no seu julgamento que no meu, Venerável Chefe, e prometo não voltar a ofender o sentimento dos meus Irmãos.

O rosto carregado do grão-mestre desanuviou-se ao ouvir essa prova de submissão.

— Muito bem, Irmão Morris. Lamentaria muito se tivesse necessidade de dar-lhe uma lição. Mas, enquanto me sentar nesta cadeira, seremos uma Loja unida, em palavras e em ações. E agora, rapazes — continuou percorrendo os circunstantes com o olhar —, direi apenas isto: se Stranger receber o castigo merecido não correremos perigo maior de quanto nos é inevitável.

Esses jornalistas formam uma classe unida e todos os jornais dos Estados Unidos se poriam a invocar a proteção da Polícia e do Exército. Portanto creio ser preferível limitarmo-nos a fazer-lhe uma advertência bastante severa. Pode encarregar-se disso, Irmão Baldwin?

— Perfeitamente! — respondeu o jovem prontamente.

— De quantos vai precisar?

— De meia dúzia e mais dois para ficarem de guarda à porta. Venha você, Gower, e você, Mansel, e você, Scanlan, e os dois Willaby.

— Prometi ao novo Irmão que ele iria com vocês — observou o presidente.

Ted Baldwin fixou Mac Murdo com uns olhos que demonstravam claramente que ainda não esquecera a querela.

— Pois bem! Pode vir, se quiser — resmungou de mau modo. — Por ora, basta. Quanto mais cedo nos pusermos a trabalhar, melhor.

A companhia dissolveu-se entre gritos e trechos de canções avinhadas. O bar ainda estava repleto de notívagos e muitos dos irmãos ali se deixaram ficar. Os que tinham sido escolhidos para a empresa, saíram para a rua em grupos de dois ou três, a fim de não chamarem a atenção. A noite estava fria e a meia-lua cintilava luminosa num céu límpido, cravejado de estrelas. Os homens reuniram-se num pátio, defronte de um alto edifício. Entre as janelas, profusamente iluminadas, lia-se o letreiro "*Vermisss Herald*", em caracteres dourados. Do interior, provinha o ruído da máquina impressora.

— Ei! Você — indicou Baldwin a Mac Murdo —, pode colocar-se junto à porta e avisar-nos se a rua está desimpedida. Artur Willaby ficará com você. Os outros acompanham-me. Não tenham medo, rapazes, pois temos doze testemunhas para provar que, neste momento, nos encontramos no bar do Sindicato.

Era quase meia-noite e a rua estava deserta, salvo um ou dois retardatários a caminho de casa. O grupo atravessou a rua e, empurrando a porta da redação do jornal, Baldwin e seus homens irromperam no interior e subiram rapidamente a escada. Mac Murdo e o outro permaneceram em baixo.

Da sala do pavimento superior ouviu-se um berro, um brado de socorro e, depois, o ruído de cadeiras caídas. Um instante depois, um homem de cabelos grisalhos correu até o patamar da escada, mas foi agarrado antes de poder ir mais além e os seus óculos caíram, tilintando, aos pés de Mac Murdo. Seguiu-se um golpe seco e um gemido. O homem caíra de bruços e logo meia dúzia de bastões começaram a espancá-lo. Contorcia-se e os seus membros estremeciam sob os golpes. Quando todos se fartaram, só Baldwin, com um sorriso no rosto cruel, continuava a golpear a cabeça do desgraçado que, em vão, tentava defendê-la com os braços. Os seus cabelos brancos estavam empapados de sangue.

Baldwin, ainda sobre o velho, procurava acertar mais uma pancada, sempre que se lhe apresentava uma parte indefesa, quando Mac Murdo se precipitou pela escada acima e afastou-o com um empurrão.

— Você acaba por matá-lo — advertiu. — Pare com isso!

Baldwin fitou-o, enraivecido.

— Maldito! — exclamou. — Quem é você para intrometer-se nisto?... Você que é novo na Loja? Afaste-se!

Levantou o bastão, mas, com um gesto rápido, Mac Murdo tinha tirado o revólver do bolso.

— Afaste-se você! — ordenou. — Estouro-lhe os miolos se ousar tocar-me. E quanto à Loja, a ordem do grão-mestre foi de não matar este homem. Que está você fazendo, senão liquidando-o?

— É verdade o que ele diz — observou um dos homens.

— Com os diabos, apressem-se! — gritou o que estava de guarda na rua. — As janelas estão todas iluminando-se e, em menos de cinco minutos, a cidade inteira virá atrás de nós.

Realmente já se ouviam gritos e um pequeno grupo de tipógrafos e impressores reunia-se no vestíbulo preparando-se para entrar em ação.

Abandonando o corpo exausto e inerte do redator no alto da escada, os criminosos desceram precipitadamente e puseram-se em fuga ao longo da rua. Próximo da sede do Sindicato, alguns deles misturaram-se com o grande número de pessoas que se encontravam no bar de Mac Ginty e segredaram aos ouvidos do chefe, através do balcão, que a empresa tinha sido levada a cabo com inteiro êxito. Outros, e entre estes Mac Murdo, embrenharam-se por vielas laterais, alcançando, assim, as suas casas.

CAPÍTULO 4 — O VALE DO TERROR

Quando, na manhã seguinte, Mac Murdo acordou tinha fortes motivos para recordar-se da sua iniciação na Loja. A cabeça doía-lhe devido às excessivas libações e o braço, onde o tinham marcado a ferro em brasa, estava em carne viva e inchado. Graças às suas fontes particulares de rendimento, podia permitir-se o luxo de trabalhar quando lhe aprouvesse. Portanto, ficara em casa, ocupado em escrever uma longa carta a um amigo. Em seguida, pôs-se a folhear o *Daily Herald*. Em coluna especial, incluída à última hora, leu:

“VIOLÊNCIA NA REDAÇÃO DO HERALD
REDATOR GRAVEMENTE FERIDO”

Era um breve relato dos fatos que terminava com a seguinte declaração:

“O assunto encontra-se agora nas mãos da Polícia. Contudo não existem esperanças de que os seus esforços sejam coroados de maior êxito do que no passado. Alguns dos assaltantes foram reconhecidos e espera-se obter provas concretas da culpabilidade dos acusados. A procedência do ataque foi, sem a menor dúvida, a infame sociedade que há tanto tempo escraviza esta comunidade e contra a qual o

Herald assumiu tão desassombrada atitude. Os inúmeros amigos do Sr. Stranger ficarão satisfeitos ao saber que, conquanto brutalmente atacado e apresentando graves ferimentos na cabeça, não se encontra em perigo de vida imediato.”

Por baixo lia-se a comunicação de que a guarda da Polícia do Carvão e do Ferro, armada de espingardas *Winchester*, tinha sido requisitada para a defesa do prédio da redação.

Mac Murdo pusera de lado o jornal e acendia o cachimbo com a mão ainda trêmula dos excessos da noite anterior, quando bateram à porta do quarto e a dona da casa entrou com um bilhete que acabava de ser-lhe entregue por um garoto. Não estava assinado e dizia o seguinte:

“Gostaria de falar-lhe mas preferiria não o fazer em sua casa. Poderá encontrar-me junto do pau da bandeira no Miller Hill. Venha o mais depressa possível, pois tenho algo de importante para contar-lhe.”

Mac Murdo leu o bilhete surpreendido, pois não fazia idéia do seu significado, nem de quem fosse o autor. Se a letra fosse feminina, poderia imaginar tratar-se do início de mais uma das muitas aventuras galantes, tão comuns na sua vida passada. A caligrafia, entretanto, era de homem e, além disso, de homem culto. Finalmente, após certa hesitação, decidiu esclarecer o assunto.

Miller Hill é um parque público, mal cuidado, no centro da cidade. No verão é muito procurado, mas durante o inverno, está sempre deserto.

Do alto da colina é possível avistar, não só a cidade, com as suas casas fuliginosas, esparsas e irregulares, mas também todo o vale tortuoso, com as suas minas e fábricas enegrecendo a neve que o cobre de ambos os lados, assim como os cumes dos montes, ora verdejantes, ora esbranquiçados, que o circundam.

Mac Murdo subiu vagarosamente a vereda serpeante cercada por cercas de arbustos, até atingir o restaurante deserto que, no verão, constitui o centro de todas as reuniões festivas. Junto deste ergue-se um pau de bandeira vulgar, sob o qual se encontrava um homem com o chapéu desabado sobre os olhos e a gola do sobretudo cobrindo-lhe o queixo. Mac Murdo verificou tratar-se do Irmão Morris que, na véspera, incorrera na ira do grão-mestre. Ao saudarem-se trocaram o sinal da Loja.

— Queria conversar com você, Mac Murdo — explicou o velho, falando com indecisão, o que indicava que pisava terreno delicado. — Estou-lhe grato por ter vindo.

— Por que não assinou o bilhete?

— Ninguém se perde por ser prudente, amigo. Nos tempos que correm nunca se sabe em quem se pode confiar.

— Penso, contudo, que entre irmãos da Loja deve existir confiança recíproca.

— Nem sempre! — exclamou Morris com veemência. — Tudo o que dizemos, ou apenas pensamos, parece ir parar nos ouvidos de Mac Ginty.

— Não se esqueça — advertiu Mac Murdo com ar severo —, de que, ainda ontem à noite, jurei fidelidade ao grão-mestre. Você vai pedir-me que quebre o meu juramento?

— Se toma a coisa por esse lado — disse Morris tristemente —, lamento o incômodo de ter vindo encontrar-se comigo. A situação é realmente lamentável, se dois cidadãos livres não podem trocar idéias francamente.

Mac Murdo, que estivera observando o seu interlocutor com toda a atenção, abrandou o rigor da atitude.

— Como sabe, sou novo aqui e completamente estranho a esta situação. Não serei eu quem vá denunciá-lo, Morris, se julga oportuno comunicar-me alguma coisa.

— Não vai repeti-la a Mac Ginty? — inquireu Morris.

— Está sendo injusto comigo — protestou Mac Murdo. — Pessoalmente sou fiel à Loja, mas seria um miserável se fosse repetir o que você me disser. O seu segredo permanecerá comigo, mesmo que o advirta de que talvez não venha a obter o meu acordo.

— Já renunciei à possibilidade de ser compreendido — replicou Morris. — É quase certo que estou arriscando a minha vida, colocando-a nas suas mãos, mas, ontem à noite, pareceu-me que a sua consciência, por ora, não se tornou tão insensível como a dos outros. Foi por isso que julguei poder falar-lhe.

— Que tem para dizer?

— Se me atraiçoar, que Deus o amaldiçoe!

— Já lhe disse que não o faria.

— Queria perguntar-lhe se, quando se filiou na Sociedade dos Homens Livres de Chicago e fez votos de caridade e lealdade, lhe passou pela cabeça a idéia de que a instituição pudesse um dia conduzi-lo ao crime?

— Se acha que isto é crime! — foi a resposta de Mac Murdo.

— Você ainda viu pouco para poder falar desse modo! É ou não é crime o que foi cometido ontem à noite, quando um homem, suficientemente idoso para ser seu pai, foi espancado até o sangue lhe empastar os cabelos brancos?

— Alguns diriam — respondeu Mac Murdo —, que se trata de uma luta de classes.

— E você pensou nisso, ao tornar-se membro da Sociedade dos Homens Livres, em Chicago?

— Não. Confesso que o ignorava totalmente.

— Da mesma forma que eu, quando me filiei em Filadélfia. Era apenas uma sociedade benemérita, ponto de reunião de amigos. Ouvi, mais tarde, falar deste lugar e vim para cá, melhorar a vida com a minha mulher e três filhos. Instalei-me na Praça do Mercado com um negócio de arminho e prosperei bastante. Descobriram que eu era Homem Livre e fui forçado a associar-me à Loja local, exatamente como você o fez ontem à noite. Trago no braço o sinal infamante e algo bem pior gravado no coração, pois verifiquei estar sob as ordens de um miserável patife e preso numa rede inextrincável de crimes.

Que podia fazer? Tudo o que dissesse para mitigar a crueldade dos meus companheiros era considerado traição, como você testemunhou ontem. Não posso sair daqui, pois tudo o que possuo está investido no meu negócio. Se abandonar a sociedade, sei perfeitamente que isso significará a morte para mim e sabe Deus que horrores para minha mulher e filhos.

Cobriu o rosto com as mãos e o seu corpo foi sacudido por soluços convulsivos.

Mac Murdo encolheu os ombros.

— Você é muito brando para desempenhar tais serviços — disse. — Não foi talhado para eles.

— Tinha consciência e crença religiosa, mas eles fizeram de mim um criminoso. Fui destacado para uma empresa. Se me recusasse, sabia muito bem o que poderia acontecer-me. Talvez seja um covarde. É possível que a causa disso seja a inquietação pela minha família.

Creio que esse pesadelo me acompanhará pelo resto da vida. Era uma casa isolada, a vinte milhas daqui, do outro lado das montanhas. Foi-me dado o encargo de vigiar à porta, exatamente como lhe ordenaram a noite passada. Não confiavam em mim para desempenhar a missão que nos fora

atribuída. Os outros entraram. Ao abandonarem a casa, tinham as mãos tintas de sangue até os pulsos. No momento em que nos afastávamos, uma criança saiu atrás de nós gritando, banhada em pranto. Era um menino de cinco anos que tinha assistido ao assassinato do próprio pai.

Quase desmaiei de horror e, no entanto, tive de conservar o rosto impassível e sorridente, pois sabia que, se não o fizesse, seria de minha casa que eles sairiam com as mãos manchadas de sangue e o meu pequeno Fred teria de lamentar a perda do pai. Contudo tinha-me então tornado cúmplice de um homicídio.

Sou bom católico, mas o sacerdote não me quis ouvir, quando soube que eu era *um Vingador*, e excomungou-me. Eis a minha situação. E, agora, vejo-o rojar-se no mesmo abismo e pergunto: Está pronto para também se transformar num assassino insensível?

— Que quer fazer? — perguntou Mac Murdo subitamente. — Tornar-se delator?

— Pelo amor de Deus! — protestou Morris. — Decerto, a simples idéia de traição custaria a minha vida.

— Tanto melhor! — replicou Mac Murdo. — Sabe o que penso? Que você é demasiado brando e preocupa-se com coisas sem importância.

— Sem importância! Espere até ter vivido aqui um pouco mais e verá. Observe o vale lá em baixo. Veja que nuvem de fumaça de centenas de chaminés o obscurece. Pois afirmo-lhe que a nuvem de crimes paira sobre os seus habitantes, muito mais negra do que a das fábricas. É o Vale do Terror... o Vale da Morte. Reina o terror no coração do povo desde o crepúsculo até à aurora. Espere, meu rapaz, e irá convencer-se desta verdade à sua própria custa.

— Bem, direi o que penso quando estiver mais a par dos fatos — replicou Mac Murdo num tom indiferente. — O que me parece evidente é este lugar não lhe convir e que, quanto mais cedo liquidar o seu negócio, se conseguir obter dez por cento do seu valor, tanto melhor para você. Quanto ao que me disse, pode ficar certo de que não o transmitirei a ninguém. Mas, se souber que é um delator...

— Não! — gritou Morris lastimosamente.

— Muito bem! Lembrarei as suas palavras e talvez um dia voltemos ao assunto. Creio que me falou com a melhor das intenções. Agora, preciso voltar para casa.

— Mais uma palavra, antes de nos separarmos — implorou Morris. — É possível que nos tenham visto juntos e, nesse caso, queiram saber do que estivemos falando.

— Tem razão...

— Ofereci-lhe emprego no meu negócio.

— E eu recusei-o. Foi o assunto da nossa conversa. Bem, até breve, Irmão Morris, e esperemos que tudo lhe corra melhor, no futuro.

Naquela mesma tarde, estava Mac Murdo sentado fumando, imerso nos seus pensamentos, quando a porta se escancarou, surgindo o vulto enorme de Mac Ginty.

Depois de ter trocado o sinal da Loja com Mac Murdo, sentou-se e fitou-o, por algum tempo, com um olhar resolutivo que foi correspondido pelo jovem.

— Não sou de muitas visitas, Irmão Mac Murdo — prefaciou Mac Ginty finalmente —, talvez por estar sempre muito ocupado com os que me procuram. Contudo, julguei conveniente abrir uma exceção e dar um pulo à sua casa.

— Sinto-me orgulhoso de vê-lo por aqui, Conselheiro — replicou Mac Murdo cordialmente, indo buscar uma garrafa de uísque no armário. — É uma honra inesperada.

— Como vai o braço?

Mac Murdo fez uma careta.

— Ainda não o pude esquecer, mas valeu a pena.

— Sim, vale sempre a pena — respondeu o outro —, para os que são leais, mantêm a palavra e ajudam a Loja. Qual era o assunto da sua conversa com o Irmão Morris, hoje de manhã, no Miller Hill?

A pergunta surgiu tão bruscamente, que foi bom Mac Murdo ter a resposta já preparada. Soltoou uma gargalhada.

— Morris ignora que eu possa ganhar a vida aqui em casa. E é melhor que não o saiba, porque tem demasiada consciência para um tipo como eu. Entretanto, é um velhote de bom coração. Supunha que eu me encontrava em dificuldade e resolveu auxiliar-me, oferecendo-me trabalho no seu negócio.

— Oh! Era isso?

— Exatamente.

— E você recusou?

— Naturalmente. Não acha que posso ganhar dez vezes mais, no meu próprio quarto, trabalhando apenas quatro horas por dia?

— É claro, mas é melhor para você não se arriscar a ser visto na companhia de Morris.

— Por quê?

— Porque eu não quero. Esse motivo é suficiente para muita gente.

— Talvez o seja para muita gente, mas não o é para mim, Conselheiro. Se conhece bem os homens, irá me compreender.

O gigante lançou um olhar furioso e a sua enorme mão peluda cerrou-se ao redor do copo, como se pensasse em atirá-lo à cabeça do companheiro, mas, quase imediatamente, soltou uma das suas características gargalhadas, ruidosas e falsas.

— Francamente, você é um tipo estranho! — exclamou. — Pois bem, se deseja saber os motivos, eu lhe direi. Morris não fez nenhuma referência contra a Loja?

— Não.

— Nem contra mim?

— Não.

— É possível que não tenha ousado confiar em você. De qualquer modo, ele não é um irmão fiel aos seus compromissos. Sabemos bem e, por isso, o vigiamos e aguardamos o momento de dar-lhe uma boa lição. Ora, creio que esse momento está muito próximo. Não há lugar para ovelhas sarnentas no nosso curral. Se você andar na companhia de um homem desleal, podemos supor que também o seja, não lhe parece?

— Não há probabilidades de tornar-me amigo dele, porque me aborrece — redarguiu Mac Murdo. — E quanto a ser desleal, se fosse outro homem, e não o senhor, não me diria essa palavra duas vezes.

— Bom, isso é o bastante — proferiu Mac Ginty, sugando o último gole do copo. — Vim apenas avisá-lo a tempo.

— Gostaria de saber como teve conhecimento do meu encontro com Morris — sondou Mac Murdo.

Mac Ginty riu-se.

— É meu dever manter-me informado de tudo o que sucede nesta cidade. Aconselho-o também a contar-me tudo o que souber.

Contudo, a despedida foi cortada de maneira totalmente imprevista. Com um baque súbito a porta escancarou-se e três rostos carrancudos e atentos os fitaram com olhar penetrante, sob os bonés da Polícia. Mac Murdo pôs-se de pé num salto e quase chegou a tirar a pistola, mas deteve-se ao ver duas espingardas *Winchester* apontadas para sua cabeça. Um homem de uniforme entrou na sala armado de revólver. Era o capitão Marvin, anteriormente de Chicago e atualmente a serviço do Comissariado do Carvão e do Ferro. Esboçando um sorriso, abanou a cabeça para Mac Murdo.

— Sabia que você ia meter-se em complicações, Mac Murdo — principiou. — Pegue o chapéu e venha conosco.

— Creio que irá pagar caro por isso, capitão Marvin — interveio Mac Ginty. — Quem é você para irromper desta maneira pela casa alheia e importunar homens honestos e cumpridores da lei?

— O senhor nada tem a ver com este negócio, Conselheiro Mac Ginty — replicou o capitão da Polícia. — Não estamos à sua procura, mas sim deste homem. Cabe-lhe ajudar e não dificultar o cumprimento do nosso dever.

— Mac Murdo é meu amigo e respondo pelo seu modo de agir — retrucou o chefe.

— De qualquer modo, Sr. Mac Ginty, talvez qualquer dia destes tenha de responder pelo seu próprio comportamento — respondeu o capitão. — Este indivíduo era um bandido antes de vir para cá, e ainda o é. Atenção, Cabo, enquanto o desarmo.

— Eis o meu revólver — cedeu Mac Murdo friamente. — Duvido, Capitão Marvin, de que, se nos encontrássemos frente a frente, a sós, conseguisse me prender com tanta facilidade.

— Onde está o mandado de prisão? — inquiriu Mac Ginty. — Com os diabos! Nem parece que estamos em Vermessa, quando vemos gente como você encarregada do serviço da Polícia. É um insulto que não passará em branco, garanto-lhe.

— Cumpra o que julga ser o seu dever como melhor lhe aprouver, Conselheiro. Nós procuraremos cumprir o nosso.

— De que sou acusado? — perguntou Mac Murdo.

— De estar envolvido no assalto ao velho jornalista Stranger, na redação do *Herald*. Tem sorte de não se tratar de acusação de homicídio.

— Ora, se isso é tudo quanto têm contra ele — gritou Mac Ginty com uma gargalhada —, podem evitar muitos aborrecimentos, deixando-o já

em liberdade. Esse homem esteve na minha companhia, jogando pôquer até à meia-noite, no meu bar, e posso apresentar uma dúzia de testemunhas que o comprovem.

— Isso é assunto seu e acredito que possa expô-lo amanhã, no tribunal. Por enquanto, Mac Murdo, acompanhe-nos calmamente, a menos que queira levar uma bala na cabeça. Não se intrometa, Sr. Mac Ginty, pois aviso-o de que não admito resistência, quando estou em serviço.

A atitude do capitão era tão decidida que, tanto Mac Murdo como o seu chefe, foram forçados a aceitar a situação. Este último conseguiu trocar algumas palavras em voz baixa com o preso antes de se separarem.

— A propósito... — lembrou, apontando para o andar de cima, onde se encontrava a máquina de moedas falsas.

— Tudo em ordem — murmurou Mac Murdo, que já arranjara um esconderijo seguro sob o soalho.

— Até breve — despediu-se Mac Ginty, apertando-lhe a mão. — Vou procurar o advogado Reilly e encarregar-me das testemunhas. Dou-lhe a minha palavra de que não serão capazes de condená-lo.

— Eu não apostaria nisso — retrucou Marvin. — Vigiem o preso e atirem nele se tentar fugir. Vou fazer uma busca na casa, antes de sair.

Marvin não encontrou qualquer indício da máquina oculta. A noite caía e soprava uma violenta tempestade de neve, de maneira que as ruas se encontravam desertas. No entanto, um pequeno número de vadios começou a acompanhar o grupo e, animados pela invisibilidade, insultavam o preso.

— Linchem esse maldito Vingador! — gritavam. — Linchem-no! — E troçavam dele, no momento em que era impelido para dentro do edifício da Polícia.

Após um breve interrogatório formal, por parte do inspetor de serviço, foi mandado para a cela comum. Já ali se encontravam Baldwin e três outros assaltantes da noite anterior, todos presos naquela tarde, à espera do julgamento na manhã seguinte.

Porém, mesmo no mais íntimo recesso do baluarte da lei, os longos tentáculos dos Homens Livres eram capazes de penetrar. Noite alta, apareceu um carcereiro com um molho de palha, que lhes devia servir de cama, de dentro do qual extraiu duas garrafas de uísque, alguns copos e um baralho de cartas. Passaram o tempo alegremente, sem a menor preocupação pelo que lhes estava reservado na manhã seguinte.

Na realidade, o juiz, perante as provas testemunhais, não pôde dar uma sentença que pudesse levar o caso a tribunal superior. Por outro lado, tipógrafos e impressores foram obrigados a admitir que a luz era frouxa, que eles próprios se encontravam muito perturbados e que lhes era difícil jurar com plena convicção qual fora a identidade dos assaltantes, apesar de acreditarem que o acusado estava entre eles. Inquiridos pelo hábil advogado contratado por Mac Ginty, caíram em contradições e incertezas, cada vez mais nebulosas. A vítima já declarara que, surpreendida pelo imprevisto do ataque, só podia afirmar que o seu agressor usava bigode. Declarara ainda que sabia tratar-se dos Vingadores, pois ninguém na comunidade era seu inimigo e além disso já tinha sido ameaçado por causa dos seus artigos desassombrados. De resto, ficou cabalmente provado, pelos testemunhos inabaláveis de seis cidadãos, incluindo-se o do alto funcionário municipal, Conselheiro Mac Ginty, que os homens tinham estado jogando cartas, na sede do Sindicato, até uma hora muito mais avançada do que aquela em que fora cometido o crime. É inútil acrescentar que foram postos em liberdade com palavras que mais pareciam desculpas, por parte do juiz, pelo incômodo sofrido, juntamente com uma censura implícita ao capitão Marvin e à Polícia pelo seu zelo excessivo.

O veredicto foi saudado com intensos aplausos por uma assistência, entre a qual Mac Murdo reconheceu muitos rostos familiares. Irmãos da Loja sorriam e acenavam com as mãos. Outros, entretanto, permaneceram sentados, com lábios cerrados e olhar pensativo, enquanto os absolvidos abandonavam o banco dos réus. Um deles, homenzinho de barba escura e ar resoluto, exprimiu por palavras o próprio pensamento e o dos seus companheiros, no momento em que os ex-presos lhe passavam em frente.

— Malditos assassinos! — proferiu. — Ainda haveremos de ajustar contas com vocês.

CAPÍTULO 5 – O INVERNO NEGRO

Bastou o fato de Mac Murdo ter sido julgado e absolvido para aumentar ainda mais a sua popularidade junto dos companheiros. Na realidade, era caso ímpar ter um homem, precisamente no mesmo dia da sua filiação na loja, desempenhado uma missão que o levasse à presença de um juiz.

Mac Murdo tinha a reputação de não só ser sociável e jovial, com os amigos, mas também irascível quando tentavam humilhá-lo, não aceitando um insulto sequer do próprio grão-mestre da Ordem.

Os mais experientes do grupo diziam a seu respeito:

“É o homem adequado para um ‘trabalho’ limpo.”

E todos esperavam a oportunidade de vê-lo entrar em ação. Mac Ginty, que já contava com muitos elementos ativos, com provas dadas, sentia, desta vez, que tinha um verdadeiro mastim, pronto a saltar sobre uma presa, mal ele o soltasse da corrente.

Contudo, um pequeno número de membros da Loja, entre os quais se destacava Baldwin, tinha começado a odiar Mac Murdo, movidos pela inveja que lhes causava uma tão rápida ascensão. Mas não deixavam também de evitar irritá-lo, pois Mac Murdo tão facilmente ria, como estava disposto a lutar.

Por outro lado, o pai de Ettie Shafter já não lhe permitia a entrada na pensão e, embora a jovem estivesse demasiado enamorada para cortar relações com ele, não deixava de imaginar o que seria casar-se com um homem que tinha a reputação de assassino.

Certa manhã, após uma noite de insônia, Ettie resolveu ir à casa de Mac Murdo para dissuadi-lo de continuar na maléfica organização. Ao entrar na saleta que antecedia o quarto do jovem, viu-o de costas, sentado, lendo uma carta. Aproximou-se, para fazer-lhe uma surpresa, e ficou aterrorizada quando ele se voltou e, bruscamente, com uma mão, agarrara-lhe a garganta e, com a outra, amarrotara a carta.

Ao vê-la, logo a expressão de Mac Murdo serenou.

— Ah, é você, Ettie! Desculpe a minha reação, mas não tinha ouvido você entrar. Venha cá, minha querida...

E estendeu-lhe os braços. Contudo, a jovem vira-lhe no rosto sinais de culpa e de pavor.

— Que lhe aconteceu, Jack? Que se passa na sua consciência? Por que se assustou, dessa maneira, com a minha entrada?

— Porque não ouvi os seus passos de fada... e estava pensando noutra coisa...

— Não foi só isso, Jack. Trata-se, decerto, dessa carta que estava lendo. Deixe-me vê-la, por favor...

— Não, Ettie. Isso não é possível!

— É uma carta de outra mulher? Como posso ter a certeza de que não é casado?

— Não sou, Ettie! Você é a única mulher que existe para mim.

— Nesse caso, por que não me mostra a carta?

— Porque jurei não dar conhecimento do assunto de que se trata. São negócios da Loja que tenho de manter secretos. Assustei-me com a sua vinda, porque pensei que fosse a Polícia.

Ettie convenceu-se de que ele falava a verdade e não demorou a deixá-lo beijá-la longamente. Momentos depois, começaram a conversar e Ettie contou:

— Imagine que, ontem, um dos pensionistas lhe chamou de “Mac Murdo, o Vingador”. Senti-me como se ele tivesse me apunhalado!

— “Palavras leva-as o vento...”

— Mas são verdadeiras e corre o rumor de que você é um assassino.

— Não, minha querida. Apenas tenho o direito de defender os meus interesses...

Ela tornou a abraçá-lo e suplicou:

— Pelo amor de Deus, pelo amor que você jura ter-me, abandone essa gente. Imploro-lhe... se quiser, de joelhos!

— Não sabe o que está pedindo-me, meu amor. Não posso quebrar o juramento que fiz perante a Ordem... Nem a Loja me deixaria partir, levando comigo os seus segredos. É uma questão de honra...

— Em certos assuntos, não se pode falar de honra — cortou Ettie.

— Tudo depende, meu amor, da maneira como encaramos a honra... e os assuntos. De qualquer maneira, dentro de seis meses, passarei a proceder de outro modo e poderei sair daqui, de cabeça levantada, sem ter vergonha de encarar as pessoas de frente.

— Seis meses!... Mas promete o que me diz?

— Sim... Seis meses, oito, talvez um ano. Mas, nessa altura, poderemos sair daqui para sempre.

Com o coração mais aliviado, Ettie saiu e voltou para a pensão.

Mac Murdo verificou que a organização a que agora pertencia era muito mais vasta e complexa do que inicialmente pensara. Mesmo Mac Ginty ignorava muitas coisas que estavam, entretanto, acontecendo. Por exemplo,

havia em Hobson's Patch uma espécie de delegado territorial (hipócrita, de cabelos grisalhos e olhar maldoso, com que focava as pessoas, de esguelha) que mantinha a sua autoridade sobre diversas Lojas, sem dar contas a Mac Ginty que, na verdade, sentia por ele a mesma desconfiança receosa que Danton sentira por Robespierre. Esse delegado era Evans Pott.

Certo dia, Scanlan, o companheiro de pensão de Mac Murdo, recebeu um recado de Mac Ginty. Evans Pott tinha enviado dois homens com instruções para agirem nas vizinhanças; o objetivo destes era secreto e não convinha sequer que a sua presença na cidade fosse conhecida no Sindicato. Por isso Mac Ginty pedia a Scanlan, para alojar esses dois homens, Andrews e Lawler, com todas as comodidades, até chegar o momento de ação.

Nessa mesma noite, apresentaram-se os dois enviados de Evans Pott, cada qual equipado com uma mochila. Lawler já não era novo; envergava uma velha sobrecasaca preta que, juntamente com o chapéu de feltro de abas largas e a barba grisalha e comprida, lhe dava o aspecto de pregador itinerante. O seu companheiro pouco mais era do que um garoto aparentemente despreocupado, como quem anda por aí, a passeio, e pretende gozá-lo integralmente.

Tanto um como outro não bebiam álcool e portavam-se como membros exemplares da sociedade. Contudo, eram assassinos a serviço da associação criminosa a que pertenciam. Lawler já contava, no seu ativo, catorze homicídios e, Andrews, três.

Mac Murdo notou que, embora falassem das suas façanhas anteriores, nenhum se referia à que vinham executar na presente missão. A dada altura, Lawler achou dever explicar:

— Fomos escolhidos, porque nem este rapaz nem eu somos dados à bebida. Não levem a mal o fato de guardarmos silêncio, quanto ao que nos cumpre fazer. Mas recebemos ordens do delegado territorial nesse sentido.

— Compreendo — disse Scanlan —, mas estamos todos no mesmo barco.

— Estamos sim e é por isso que contei a vocês como, da última vez, matamos Charlie Williams; também diremos o que viemos fazer, depois de tê-lo feito.

Estavam os quatro ceando sem pressa, e Mac Murdo observou:

— Há por aqui meia dúzia de pobres diabos, com quem eu gostaria de ajustar umas contas. Se é Jack Knox quem vocês procuram, até gostaria de acompanhar-vos, só para vê-lo esperneando no estertor da agonia.

— Ainda não chegou a vez desse.

— O outro que eu gostaria de ver no matadouro é Herman Strauss.

— Também não.

Mac Murdo compreendeu que não conseguiria induzi-los a falar, mas, apesar da reserva dos seus hóspedes, tanto Scanlan como Mac Murdo estavam dispostos a assistir àquilo a que aqueles tinham chamado “brincadeira”. Portanto, quando na madrugada seguinte os ouviram descer mansamente a escada, Scanlan e Mac Murdo vestiram-se apressadamente e, ainda à luz dos lampiões da rua, seguiram-nos cautelosamente sobre a neve espessa.

Como a pensão da velha irlandesa se situava no limite da cidade, não tardaram a chegar à encruzilhada das estradas onde viram outros três homens com quem Lawler e Andrews se encontraram, seguindo depois todos juntos.

Os cinco forasteiros enveredaram por um atalho que conduzia à vasta região mineira de Josiah Dunn, oriundo da Nova Inglaterra, que a dirigia com mão de ferro, mantendo-a ordeira durante aquele reinado de terror.

O dia começara a despontar e já se viam pequenos grupos de trabalhadores a caminho das minas. Mac Murdo e Scanlan juntaram-se tanto quanto possível a estes, para melhor seguirem os assassinos.

Até a névoa que se levantara e os cercava estava impregnada de partículas de carvão, parecendo negra. De dez em dez minutos, ouvia-se o apito que indicava a descida do elevador com mineiros para o ventre da terra. Ao chegarem à clareira do poço, viram uma centena de homens aguardando o transporte para as entranhas da mina. Quem fazia soar o apito era um escocês enorme e barbudo, Menzies, que saía da casa das máquinas batendo com os pés no chão e esfregando as mãos, pois o frio era intenso.

Nesse mesmo instante, Andrews avançou para ele seguido dos outros quatro.

— Quem são vocês? — inquiriu Menzies. Não pôde proferir mais coisa alguma, porque Andrews desfechou-lhe um tiro no estômago. O escocês ainda tentou dar alguns passos, mas os outros acabaram por abatê-lo a tiro, até o verem rebolar sobre um monte de resíduos de carvão.

Como os mineiros soltassem um murmúrio de revolta, os cinco homens começaram a disparar por cima das suas cabeças, para afastá-los do elevador.

Estabelecido o pânico, todos dispersaram, fugindo em direção às suas casas no Vale Vermessa.

Então, penetrando na casa das máquinas, os cinco homens tornaram a abrir fogo e Scanlan e Mac Murdo, compreendendo que o bando já tinha assassinado o administrador, Josiah Dunn, decidiram voltar para trás. Ainda ouviram os gritos da mulher do administrador, mas nada podiam fazer.

Scanlan ia perturbado, pois aquela fora a primeira matança a que assistira, e Mac Murdo tentou animá-lo:

— Isto é como uma guerra, Irmão. Trata-se de uma luta de classes. Temos de abater os patrões, a menos que nos paguem para se manterem vivos.

Nessa noite, no salão da Loja, na sede do Sindicato, organizou-se uma grande festa para comemorar o duplo assassinato do administrador e do maquinista da mina de Crow Hill. Estes crimes iriam aterrorizar os outros proprietários mineiros de Vermessa, que não deixariam de pensar duas vezes antes de se mostrarem relutantes em pagar a “segurança” aos Vingadores.

Só então se soube que, ao mesmo tempo que aqueles cinco homens tinham vindo atuar no vale, outros três, enviados por Mac Ginty, tinham ido atuar na zona de Gilmerton, com a missão de assassinar William Hales, proprietário da mina de Stake Royal, uma das mais prósperas da região, sob o controle de Evans Pott.

A execução de Hales fora levada a cabo por Ted Baldwin e por outros dois irmãos da Loja de Mac Ginty. Tinham passado a noite nas montanhas e ainda conservavam a mesma roupa, suja pela intempérie. Baldwin tinha o rosto vermelho e os olhos vítreos injetados de sangue. Contou, animadamente, como os três tinham feito a espera a Hales que, ao passar por uma vereda onde era forçoso meter o cavalo a passo, fora abatido a tiro de espingarda. Vinha tão encapotado contra o frio que nem sequer tivera tempo de puxar pelo revólver.

Nenhum deles conhecia a vítima; portanto, tinham-na assassinado sem rancor, mas, ao mesmo tempo, haviam sentido o prazer de matar. Só se verificara um pequeno contratempo. Um homem e uma mulher, que passavam perto, tinham assistido ao assassinato. Baldwin ainda quisera massacrá-los, mas os companheiros convenceram-no a limitar-se a intimidar o casal, pois era gente humilde que facilmente se aterrorizaria. A missão não os abrangia, pelo que puderam seguir caminho.

Fora um grande dia para os Vingadores e, no fim da festa, quando quase todos se achavam embriagados, Mac Ginty chamou Mac Murdo à parte, ao quarto interior dos barris, e comunicou-lhe:

— Tenho finalmente, meu rapaz, um serviço digno de você. Terá de executá-lo sozinho.

— Sinto-me honrado com a sua escolha — respondeu Mac Murdo.

— Contudo, irão dois homens consigo, para o que der e vier, compreende? Já escolhi Manders e Reilly. Temos de liquidar Chester Wilcox e todas as Lojas da região carbonífera lhe ficarão gratas, se você der boa conta do recado.

— Quem é esse Wilcox e onde poderei encontrá-lo?

Mac Ginty tirou do canto da boca o seu charuto, meio fumado, meio mastigado, pegou um lápis e começou a traçar um diagrama numa página arrancada do seu bloco de notas.

— É o primeiro capataz da *Iron Dyke Company* — elucidou. — É um osso duro de roer, pois foi sargento porta-bandeira na guerra, está cheio de cicatrizes e tem cabelos grisalhos. Fizemos duas tentativas para eliminá-lo e, numa delas, o nosso Jim Carnaway perdeu a vida.

A casa dele fica completamente isolada, na encruzilhada de Iron Dyke, como pode ver aqui, neste mapa. Não há nenhuma outra ao alcance de tiro, de onde possam disparar contra você. Em todo o caso, não se arrisque a ir de dia, porque esse diabo anda sempre armado e não ensaia para abrir fogo, seja contra o que for.

De noite, lá está só com a mulher, três filhos e uma criada. Evidentemente, você terá de dar cabo de todos, ou de nenhum. Não podemos deixar testemunhas vivas. Se você conseguisse deixar-lhe à porta um bom saco com dinamite, com uma mecha lenta...

— Que fez esse Wilcox?

— Já lhe disse que matou Jim Carnaway.

— Por quê?

— Que raio lhe interessa saber isso? Jim acercou-se, de noite, da casa desse tipo e levou um balázio. É tudo quanto importa.

— E as duas mulheres e os três pequenos terão também de ser abatidos?

— Naturalmente. De outra maneira, como conseguirá matá-lo, sem correr o risco de vir a ser enforcado?

— Calma, Conselheiro! Não pretendo subtrair-me às ordens do grão-mestre da minha Loja. O senhor decide.

— Aceita a missão?

— Certamente.

— Quando vai executá-la?

— Convém estudar um plano de ação e vigiar a casa, durante duas noites.

— Muito bem — exultou Mac Ginty, apertando-lhe a mão. — Deixo tudo a seu cargo. Este último golpe porá todos os patrões de joelhos, prontos a pagarem o que exigirmos.

Mac Murdo refletiu longamente nesta missão que tão inesperadamente lhe fora confiada.

A casa isolada de Chester Wilcox ficava a uma légua de distância, num vale adjacente. Na primeira noite, Mac Murdo foi estudar o local, para planejar o ataque; na segunda, encontrou-se com os seus dois subordinados, Manders e Reilly, dois grandalhões que se mostravam tão entusiasmados como se se tratasse de uma caçada aos veados.

Finalmente, na terceira noite, reuniram-se fora da cidade, bem armados e com um saco de explosivos. Chegaram à casa isolada, às duas horas da manhã, quando um vento forte fazia deslizar as nuvens sob uma lua pálida, em quarto crescente.

Como lhes tinha sido dito que se acautelassem com os cães de guarda, avançavam silenciosamente, empunhando os revólveres. Tudo era silêncio. Se havia cães, deveriam estar dentro de casa, por causa do frio.

Mac Murdo aproximou-se da porta, com o saco de dinamite; abriu neste um furo com a faca e introduziu-lhe a mecha. Depois de estendê-la, cerca de dois metros, pôs fogo na extremidade. Então correu para junto dos seus companheiros que já tinham-se abrigado num fosso.

Mal Mac Murdo saltara para o abrigo, ouviu-se uma tremenda explosão, seguida do ruir de pedras e de um enorme clarão de labaredas. As paredes tinham ruído e todo o interior de madeira se incendiara.

Contudo, todo esse trabalho foi em vão. Chester Wilcox, vendo o que estava sucedendo aos seus semelhantes, decidira mudar-se daquela casa, dias antes. Vivia agora, noutro local, guardado dia e noite por um corpo de policiais. Desta maneira, o velho sargento continuava a impor a disciplina aos mineiros de Iron Dyke.

— Deixem a caso comigo — declarou Mac Murdo. — Vou abater esse tipo, nem que tenha de esperar um ano.

A Loja aprovou, por unanimidade, uma moção de confiança a Mac Murdo e, quando poucas semanas depois os jornais anunciaram que Chester Wilcox fora morto numa emboscada, todos concluíram que Mac Murdo terminara a missão que lhe fora confiada.

Estes eram os métodos da Sociedade dos Homens Livres, cuja atividade maçônica, sob o título de Vingadores, estabelecia o terror, a fim de forçar os proprietários das minas de carvão e de ferro a pagarem-lhe a “segurança”.

Esses fatos vêm narrados na História da América e há registros onde podem ler-se pormenores acerca do assassinato, por exemplo, dos policiais Hunt e Evans quando iam prender um membro da Loja; e de inúmeros outros homicídios, como o da Sra. Larbey, enquanto tratava do marido, mandado espancar por Mac Ginty; do assassinato dos irmãos Jenkins; da mutilação de James Murdoch; do extermínio completo da família Staphouse e a matança dos Stendals, metodicamente, um a um, nesse mesmo inverno sangrento.

Sob um manto tenebroso, Vermissa passara a ser o Vale do Terror e já ninguém, homens e mulheres, tinha esperança de dias melhores, quando despontou o verão de 1875.

CAPÍTULO 6 — PERIGO

O reinado do terror atingiu o auge. Mac Murdo, que fora promovido a subchefe com todas as probabilidades de vir, um dia, a suceder a Mac Ginty como grão-mestre da Loja, tornara-se tão imprescindível às reuniões na sede do Sindicato, que nada era feito sem os seus conselhos.

Contudo, quanto mais aumentava a sua popularidade entre os Irmãos Homens Livres, mais hostis eram as expressões dos habitantes que o viam atravessar as ruas de Vermissa.

Apesar de viverem cheios de pavor, os moradores da cidade começavam a adquirir coragem, com o objetivo de formarem uma aliança contra os seus opressores.

Já tinham chegado à Loja rumores de que, na redação do *Herald*, se realizavam reuniões secretas e até se fazia distribuição de armas de fogo entre os cidadãos que respeitavam a Lei. Porém, Mac Ginty e os seus comparsas não pareciam perturbar-se com tais notícias. Sabiam-se em grande número, eram corajosos e estavam bem armados. Em contrapartida, os seus presumíveis adversários encontravam-se dispersos e, comparativamente, eram muito mais fracos.

Na opinião dos membros maçônicos da Ordem, tudo acabaria como no passado, com falatório vão e, possivelmente, com algumas prisões. Era essa a opinião de Mac Ginty e de Mac Murdo.

Numa noite de sábado do mês de maio, efetuava-se, como normalmente, a reunião ordinária da Loja. Mac Murdo preparava-se para sair de casa, quando Morris, o membro prudente da Ordem, veio procurá-lo, muito preocupado, com uma expressão de abatimento receoso.

— Posso falar-lhe abertamente, Mac Murdo?

— Como sempre.

— Não me esqueci de que, depois de ter-lhe explicado a minha opinião e mesmo depois de o grão-mestre o ter interrogado a esse respeito, você não me denunciou...

— Nunca trairei quem deposita confiança em mim — cortou Mac Murdo. — Mas isso não significa que tenha concordado com aquela sua opinião.

— Bem sei... como sei que posso desabafar com você. Tenho um segredo que me devora o peito! Preferiria que outro qualquer estivesse a par dele, em vez de mim, pois, se o revelar, a minha informação provocará um homicídio e, se calar este segredo, talvez seja o fim de todos nós.

Mac Murdo notou que Morris tremia dos pés à cabeça. Serviu-lhe um trago de *whisky* e animou:

— Isto costuma dar coragem aos tipos da sua espécie. Desabafe.

Morris bebeu e o seu rosto afogueou-se. Depois, sussurrou, como se receasse que o ouvissem:

— Sei que há um policial na nossa pista.

Mac Murdo fitou-o, estupefato.

— Você não está bom da cabeça! Todos sabemos que isto está cheio de policiais e que, até à data, nada puderam fazer contra nós.

— Mas não se trata de nenhum desta zona. Já ouviu falar dos homens da Agência de Investigações *Pinkerton*?

— Sim. Já li qualquer coisa a esse respeito. São detetives particulares.

— Mas trabalham com a Polícia e levam os seus inquéritos a sério. Não estão para brincadeiras e, se um agente deles começa a investigar as nossas atividades... estamos todos perdidos, pois podem intervir os “Federais”.

— Nesse caso, temos de descobri-lo e eliminá-lo.

— Pois era isso que eu receava. Se transmito a informação à Loja, teremos novo assassinato.

— E isso que tem? Já não é coisa trivial por estas bandas?

— Sim, mas não quero ser eu a denunciar o homem à Loja. Seria mais um terrível peso na minha consciência.

— Mas, se começou por dizer que as nossas cabeças estavam em perigo...

— Pois disse... e não sei o que devo fazer!

Mac Murdo, vendo-o indeciso, sacudiu-o pelos ombros:

— Resolva-se, homem. De nada vale estar aqui a lastimar-se. Relate os fatos. Quem é esse tipo? Onde se encontra? Como soube da sua existência? Por que motivo veio procurar... *a mim*?

— Porque o considero a única pessoa capaz de aconselhar-me. Como lhe disse, há tempos, possuí uma pequena casa comercial no Leste, antes de vir para cá. Deixei lá bons amigos e um deles trabalha nos serviços de telégrafo. Está sempre a par de grandes e pequenas notícias e... Bem, ontem recebi uma carta dele. Aqui a tem. Leia esse trecho, logo no início dessa página.

Mac Murdo pegou o papel e leu:

“Como vão os Vingadores, por aí? Temos lido muita coisa a seu respeito nos jornais mas também gostaria de ter notícias suas sobre o mesmo assunto.

Sei que cinco companhias mineiras e ferroviárias já encararam seriamente o caso. Resolveram pôr fim a essa organização criminosa e pode crer que o conseguiram. Vão envidar todos os seus esforços e capitais nesse sentido. Contratarem os serviços da Agência Pinkerton e o melhor agente dessa organização, Birdy Edwards, já entrou em ação...”

— Agora, Mac Murdo, leia o *post-scriptum*:

“Evidentemente, esta minha informação é confidencial, pois tomei conhecimento dela no desempenho da minha atividade profissional. Há um grande número de telegramas cifrados com que temos de lidar cotidianamente, muitos dos quais nada nos dizem, pois ignoramos a chave criptográfica. Outros, porém, já fazem sentido, porque estamos a par da cifra. Foi este o caso...”

Mac Murdo manteve-se calado, por alguns segundos, com a carta nas mãos. Antevia um verdadeiro perigo e sondou:

— Mais alguém sabe disto?

— Ninguém, a não ser eu e... agora, você.

— Tem certeza de que esse seu amigo não escreveu a qualquer outra pessoa desta região?

— Não sei, mas é possível que conheça mais pessoas daqui. Somos tantos milhares nestas zonas de carvão e ferro...

— Sabe se ele conhece alguém da Loja?

— É provável.

— Se o seu amigo fez, a esse alguém, uma descrição de Birdy Edwards, não será muito difícil identificá-lo.

— Não é impossível, mas não creio que o meu amigo o conheça. Só teve acesso à informação pelo telégrafo. Portanto, não poderá saber qual a sinalética do agente da *Pinkerton*.

Subitamente, Mac Murdo animou-se:

— Já sei quem ele é! Com os diabos, estamos cheios de sorte! Vou fazer com que o tipo não nos prejudique. Escute, Morris: deixe este assunto a meu cargo e não o transmita a mais ninguém.

— Certamente. Espero que consiga livrar-me de qualquer responsabilidade...

— Fique descansado, Morris. Tratarei de tudo e o seu nome não precisa ser mencionado. Faça de conta que essa carta foi dirigida a mim diretamente. Está satisfeito agora?

— Era justamente isso que eu tencionava pedir-lhe.

— Então, fica assim combinado, “bico” calado, hein? Vou até a Loja, para a reunião de hoje, e farei com que a *Pinkerton* se arrependa de ter-se encarregado de uma investigação contra nós.

— Vai matar esse agente?

— Quanto menos souber a esse respeito, Morris, tanto melhor para você. Não faça perguntas e deixe o caso comigo.

Morris despediu-se cabisbaixo.

— Receio tornar-me moralmente responsável pela morte desse homem!

— Se for uma morte em legítima defesa, não poderá ser considerada crime — observou Mac Murdo. — Esse homem poderia destruir toda a nossa organização. Portanto, trata-se de uma luta pela sobrevivência. Ou ele... ou nós. Você, Irmão Morris, devia ser eleito grão-mestre, pois acaba de salvar a Loja!

Apesar de mostrar-se animado, a verdade é que Mac Murdo ficara intimamente apreensivo. Quando o capital de grandes empresas industriais se empenha a levar uma missão para diante, difícil é fazer-lhe frente.

Antes de sair de casa, deu-se ao cuidado de eliminar todos os documentos que pudessem comprometê-lo. Em seguida, saiu e dirigiu-se para a pensão do velho Shafter. Contudo, em vez de entrar, já que sabia ser mal recebido pelo dono da casa, bateu à janela e Ettie correu a abri-la.

Vendo o namorado apreensivo, inquiriu:

— Aconteceu-lhe alguma coisa, Jack?... Corre perigo?

— Nada de grave, mas convém agirmos, antes que tudo piore.

— Agirmos? Que quer dizer com isso?

— Lembra-se de ter-lhe dito que chegaria a hora em que iria embora daqui? Creio que chegou o momento, pois antevejo a iminência de uma desgraça.

— A Polícia?

— Mais ou menos... Um agente da *Pinkerton*... Mas você, meu amor, não deve saber o que isso significa. O que interessa é saber se você ainda se lembra de que me prometeu partir comigo, quando chegasse esta ocasião.

— Certamente, se isso representa a salvação para você.

— Sim e pode crer que, sob certos aspectos, sou um homem honesto. Confia em mim?

Ela estendeu-lhe a mão, apaixonadamente, sem precisar de mais palavras para confirmá-lo.

— Então, Ettie, faça o que vou indicar-lhe, pois é a única maneira de nos salvarmos. Provavelmente, cumprirá a mim ficar de vigia aos acontecimentos que irão suceder neste vale, mas chegará o momento em que terei de partir. Então, seja de noite ou de dia, gostaria que você viesse comigo.

— Certamente, Jack. Estou disposta a tudo.

— Ainda bem que confia em mim. Conheço uma boa mulher, no lugar de onde vim, e tenciono pedir-lhe que cuide de você, Ettie, até podermos nos casar. Quando chegar o momento propício, minha querida, mandarei a você um recado. Mal o receba, abandone tudo e corra à sala de espera da estação. Fique lá, até eu aparecer.

— Eu o farei, Jack, seja de dia ou de noite.

Mais tranqüilo, embora cogitando nos preparativos de fuga, Mac Murdo dirigiu-se à Loja. Os membros da Ordem já estavam reunidos e só pôde passar pelos guardas exteriores e internos, depois de formular as senhas e contra-senhas de acesso à reunião.

A sua chegada foi saudada com boas-vindas. Sentou-se, naquele ambiente abafado pela fumaça dos cigarros e charutos e olhou para a cabeleira negra de Mac Ginty, o rosto desumano de Baldwin, as feições de abutre de Harraway e as fisionomias mais ou menos desagradáveis dos restantes membros Irmãos da Ordem.

Agradou-lhe verificar que estavam todos presentes, pois dessa maneira poderiam discutir, sem adiamentos, a notícia que ia transmitir-lhes.

— Ainda bem que veio, Irmão — saudou Mac Ginty —, pois estamos perante um caso que exige a justiça de Salomão.

O vizinho de Mac Murdo segredou-lhe:

— Trata-se de Lander e Egan. Ambos reclamam a devida recompensa pelo assassinato do velho Crabbe, de Stylestown, mas não é possível saber-se qual deles desfechou o tiro mortal.

Mac Murdo ergueu a mão, pedindo para falar. Mac Ginty fez um sinal de assentimento e o jovem declarou, em tom solene:

— Venerável Chefe, trata-se de um assunto de máxima urgência, que deverá ter prioridade.

— Um pedido de urgência tem sempre prioridade, segundo as leis da Loja. Queira expô-lo, Irmão Mac Murdo.

Este tirou a carta da algibeira e informou:

— Venerável Chefe, caros Irmãos: sou hoje portador de más novas. Contudo, convém que todos as conheçam e as discutam, antes de sermos destruídos. Afirmo-lhes que uma séria ameaça impende sobre as nossas cabeças.

Fui informado de que as mais poderosas empresas deste Estado se reuniram para liquidar-nos e já enviaram um agente da *Pinkerton*, um tal Birdy Edwards, para reunir provas entre a população capazes de levar alguns de nós à forca. Outros, não escaparão à prisão... Talvez todos, se não tomarmos as devidas precauções.

O silêncio que se seguiu a essas declarações foi quebrado por Mac Ginty, que inquiriu:

— Que provas tem do que afirma, Irmão Mac Murdo?

— As que constam desta carta que me veio parar às mãos.

E o jovem leu o trecho que interessava, em voz alta. Perante a estupefação geral, Mac Murdo acrescentou:

— Por uma questão de honra, não posso fornecer outros pormenores acerca desta carta. Consegui-a sob palavra de honra e um Homem Livre nunca pode faltar a ela, desde que não constitua prejuízo para a Loja. Este é o caso. O resto da carta é puramente particular e não se refere à nossa Ordem.

Um dos presentes interveio:

— Permita-me, senhor Presidente, que informe esta assembléia de que já ouvi falar em Birdy Edwards. Tem fama de ser o melhor detetive a serviço da Agência *Pinkerton*.

— Alguém de vocês já o viu? — indagou Mac Ginty.

— Eu conheço-o — declarou Mac Murdo. Um murmúrio de estupefação ecoou pela sala.

— Creio que poderemos deitar-lhe a mão e, se agirmos com decisão e rapidez, conseguiremos cortar o mal pela raiz — prosseguiu Mac Murdo, firmemente.

— Liquida-se o homem — rouquejou Baldwin. — Não poderemos deixá-lo sair deste vale.

Mac Murdo fez um aceno de cabeça, concordante, e acrescentou:

— Tem razão, irmão Baldwin. Temos tido as nossas divergências, mas, neste ponto, estou plenamente de acordo com você.

— Onde está esse “chui”? Como poderemos reconhecê-lo?

Mac Murdo virou-se para o grão-mestre:

— Venerável Chefe. Permita-me que sugira que, antes de o presente assunto ser tratado em assembléia geral, seja previamente discutido por uma comissão de alguns membros escolhidos da Loja. Proponho que, sob a presidência do grão-mestre, se reúnam Baldwin e cinco outros Irmãos. O assunto é tão grave que, só nessa pequena assembléia, poderei falar livremente.

A proposta foi imediatamente aprovada e Mac Ginty escolheu a comissão. Além do grão-mestre e de Baldwin, participavam nela Harraway, o secretário com expressão de abutre; Tigre Cormac, o jovem assassino de temperamento brutal; o tesoureiro Carter e os dois Irmãos Willaby, indivíduos temíveis que não recuavam no desempenho da mais medonha missão.

O habitual festejo após a reunião da assembléia foi dessa vez muito breve, pois todos vislumbravam já a possibilidade de as malhas da Justiça virem a cair sobre eles.

Os horrores que tinham infligido a outrem faziam de tal maneira parte da sua cômoda existência, que nunca tinham imaginado uma reviravolta do destino, nem que fosse possível sofrerem o merecido castigo. Cada qual foi para seu lado, deixando os mais responsáveis na reunião privada.

— Fale, Mac Murdo — convidou Mac Ginty, num tom que mais parecia uma intimação.

— Declarei, há momentos, que conhecia Birdy Edwards. Inútil será comunicar a vocês que não se encontra aqui, sob esse nome. É um homem muito corajoso e nada tem de tolo. Faz-se passar por Steve Wilson e está hospedado em algum lugar, em Robson's Patch.

— Como sabe isso?

— Porque tive a oportunidade de falar com ele. Nessa altura, não dei importância ao fato, mas esta carta deu-me a certeza de que se trata, realmente, de um agente da *Pinkerton*”

Encontrei-o, por acaso, no trem quando na quarta-feira passada fui a Robson's Patch. Disse-me ser jornalista e, nesse momento, acreditei. Estava interessado em saber o que se passava por aqui, com os Vingadores e com aquilo a que ele chamava “violências perpetradas contra pessoas inocentes”. Tencionava escrever um artigo a esse respeito, no *New York Press*.

Como é natural, fui respondendo às suas perguntas, mas com a maior diplomacia. Então, prometeu: “Pagarei bem, a quem me der matéria que satisfaça o meu diretor.”

Contei-lhe aquilo que já é do conhecimento de toda a gente e, mesmo assim, deu-me uma nota de vinte dólares.

“Se me arranjar novas informações que me conduzam a provas absolutas, pagarei dez vezes mais” — propôs, vivamente.

— Que lhe contou, Mac Murdo?

— Nada de especial, com alguns fatos verdadeiros à mistura, para dar-lhe a idéia de que os Vingadores procuravam fazer justiça à sua maneira, numa luta de classes, do proletariado explorado, contra os patrões exploradores. Não fiz qualquer referência à Ordem dos Homens Livres,

nem às nossas reuniões neste Sindicato... mas há muita gente que está a par do assunto e que não deixará de dar com a língua nos dentes. Esse é o perigo que antevejo.

— Como descobriu que ele não era jornalista?

— Porque desceu, tal como eu, em Hobson's Patch, e porque o vi sair do telégrafo, no preciso momento em que eu ali entrava. Logo que se afastou, conversei com o telegrafista e este observou que os telegramas do gênero que aquele tipo expedira deveriam ser cobrados com uma taxa em dobro. Era um telegrama cifrado. Mostrou-me e não me foi possível interpretá-lo.

Achei conveniente dizer ao telegrafista que o tipo era jornalista e que transmitia notícias ao seu jornal, de maneira que mais ninguém as entendesse, para não perder a prioridade da publicação. O telegrafista concordou que devia ser esse o motivo, pois o homem mandava telegramas naquele formulário, quase todos os dias.

— Tem razão, Mac Murdo. Esse tipo nunca foi jornalista.

— Por que não vamos já a Hobson's Patch? — propôs Harraway.

— Exatamente — apoiou Baldwin. — Quanto mais depressa o matarmos, tanto melhor.

— Sim, mas não sabemos onde se encontra, neste momento. Contudo, concebi um plano...

— Diga qual é, então! — impacientou-se Mac Ginty.

— Vou a Hobson's Patch, amanhã cedo. O telegrafista vai saber localizá-lo. Logo que contate com ele, confessarei que sou Homem Livre e farei a proposta de vender-lhe todos os segredos da Ordem por um bom preço. Estou certo de que se interessará, pois lhe direi que tenho documentos valiosos em minha casa, mas que a minha vida correrá perigo, se ele for visto visitando-me durante o dia. Combinarei um encontro, às dez da noite.

— E depois?

— Podem planejar o resto. A casa da viúva Mac Namara fica, como sabem, num local retirado. Ela é discreta e surda como uma porta. Os seus únicos hóspedes somos Scanlan e eu. Se eu conseguir que esse Birdy caia na armadilha, aceitando o encontro em minha casa, avisarei vocês sem demora.

Seria conveniente que vocês já estivessem lá, uma hora antes... Às nove. Entrará vivo, mas, quanto à saída...

— Vai abrir-se uma vaga nas fileiras da *Pinkerton* — caçou Mac Ginty.
— Está combinado, Mac Murdo. Logo que nos avise, iremos ter consigo às nove da noite. Basta que você feche a porta, depois de tê-lo lá dentro. O resto correrá por nossa conta.

CAPÍTULO 7 — BIRDY EDWARDS CAI NA ARMADILHA

Como Mac Murdo lembrara, a casa ficava no limite da cidade, totalmente isolada, e tornava-se, assim, local propício para a execução capital que tinham planejado. Se assim não fosse, poderiam ter caído sobre a presa, num outro lugar qualquer, mas seria mais arriscado quanto à possibilidade de surgirem testemunhas ocasionais.

Por outro lado, convinha interrogá-lo, para averiguar-se até que ponto já estava informado das atividades dos Vingadores e que informações já transmitira à *Pinkerton*. Esse interrogatório não poderia ser efetuado no exterior.

Se a agência estivesse já demasiado informada de fatos reais, restava ainda a oportunidade de se vingarem na pessoa do agente investigador. Aquela era uma hipótese que não lhes parecia muito provável, visto que, se Birdy não precisasse de informações mais precisas, não teria interrogado Mac Murdo no trem, nem viria à sua casa.

Logo que o caçassem, saberiam obrigá-lo a falar. Não seria a primeira vez que se davam ao prazer de torturarem uma testemunha relutante.

Na manhã seguinte, Mac Murdo partiu para Hobson's Patch e notou que a Polícia se mostrava mais ativa do que de costume. Na estação, encontrou o capitão Marvin que veio ao seu encontro, com intenção de falar-lhe, mas Mac Murdo virou-lhe as costas, recusando-se a responder, fosse ao que fosse.

Ao regressar da sua missão, foi transmitir os resultados a Mac Ginty.

— O tipo vem.

— Ótimo!

O gigante estava em mangas de camisa; a corrente de ouro cintilava-lhe no colete e, por entre as barbas, luzia o brilhante do seu alfinete de gravata. A senda do crime tinha-o transformado num indivíduo poderoso, de maneira que, agora, a visão da força incomodava-o mais do que nos tempos em que nada tinha a perder.

— Acha que ele já sabe muita coisa? — inquiriu com ansiedade.

— Já está aqui, pelo menos, há seis semanas e não veio para admirar a paisagem. Se tem podido utilizar o dinheiro dos capitalistas, deve ter comprado muitas informações.

— Em todo o caso, nenhum de nós falou. Na Loja não existe um traidor... a não ser que o patife do Morris... Só ele poderia trair-nos. Vou mandar um dos nossos rapazes ferrar-lhe uma sova, antes de anoitecer. Com uns ossos partidos, é capaz de confessar...

— Não vejo inconveniente nisso — respondeu Mac Murdo —, mas não creio que Morris tenha-se atrevido a trair-nos. É demasiado covarde para tanto. Se for espancado, antes do anoitecer, o fato é capaz de chamar a atenção da Polícia. Morris deve estar em casa e tem lá a família... Vão gritar para pedirem socorro e será dado um alarme geral... Ora, de qualquer modo, Morris é Irmão da Ordem... Mas o senhor é o chefe e só ao senhor lhe compete decidir...

— Tenho de tratar da saúde daquele velho imbecil. Há um ano que ando pensando nisso...

— Compreendo... Mas não seria melhor adiar isso para amanhã? Creio que seria melhor mantermo-nos tranquilos até resolvermos, esta noite, o caso da *Pinkerton*. Convinha-nos não alertar a Polícia... antes do tempo.

— Tem razão, Mac Murdo. De resto, quando interrogarmos Birdy, ficaremos sabendo quem diabo o informou. Tem certeza de que ele não desconfia de uma cilada?

Mac Murdo soltou uma gargalhada.

— Nem pensar nisso. Caiu como um pato e já me deu algum dinheiro adiantado, por conta dos documentos que julga poderem dar-lhe uma boa pista dos Vingadores.

— Que documentos?

— Imaginários. Não existem, mas convenci-o de que possuo estatutos, regulamentos e fórmulas de admissão no bando.

— E ele não lhe perguntou por que motivo não levou os documentos consigo, quando foi procurá-lo?

— Sim, mas respondi-lhe que não podia andar pela rua, carregado com tudo aquilo, e que, ainda esta manhã, o capitão Marvin me abordara na estação.

— Sim — resmungou Mac Ginty. — Ouvi falar nesse seu encontro com Marvin. Ele sabe que você foi esta manhã a Hobson's Patch... Receio, Mac Murdo, que esta história ainda vá prejudicá-lo. Mesmo que atiremos o cadáver de Birdy para o fundo de um poço... A Polícia não deixará de suspeitar de você.

Mac Murdo encolheu os ombros e replicou:

— Se operarmos como deve ser, ninguém poderá provar quem assassinou o agente da *Pinkerton*. O meu plano é este: vocês virão ao mesmo tempo; Birdy chegará às dez e dará três pancadas na porta. Vou abrir e meto-o dentro de casa. A partir de então, ficará inteiramente à sua mercê.

— Parece fácil de executar.

— Parece, sim... mas não se esqueça, Conselheiro, de que ele anda armado até os dentes e sabe servir-se das armas. Tentarei iludi-lo o melhor possível, mas é natural que nutra algumas desconfianças. Se o faço entrar numa sala, onde já estão sete homens quando ele pensava vir falar a sós comigo, é capaz de começar aos tiros... e as balas, geralmente, provocam ferimentos graves.

— Tem razão.

— Além disso, mesmo ficando a casa distanciada da cidade, um tiroteio à noite ouve-se a distância. Ora, nem todos os policiais dormem a essa hora e, que se saiba, não são completamente surdos.

— Tem razão — repetiu Mac Ginty, apreensivo.

— Acho que a melhor maneira de agirmos é a seguinte: vocês ficam na sala grande e eu recebo-o na saleta da entrada. Com o pretexto de ir buscar a documentação, deixo-o só e vou avisá-los. Em seguida, regresso à saleta com uns papéis quaisquer e salto-lhe em cima. Vocês entram imediatamente para me ajudarem a imobilizá-lo.

— A idéia é boa, Mac Murdo, e a Loja ficará grata a você por tudo quanto tem feito por ela. Quando tiver de abandonar o meu cargo, vou propor que você venha a substituir-me.

— Nem pense nisso, Conselheiro! Estou longe de ter o seu estofo para vir a ser grão-mestre. E não vejo motivo para que pense em abandonar o cargo.

E ambos ficaram lisonjeados com as palavras que mutuamente se tinham dirigido.

Chegando em casa, Mac Murdo iniciou os preparativos para a noite sinistra em perspectiva. Começou por limpar e carregar o revólver *Smith & Wesson* que sempre o acompanhava. Depois inspecionou a sala onde o policial ia ser caçado. Tinha uma comprida mesa de pinho, ao centro, e uma grande lareira ao fundo. De um e de outro lado, havia janelas que davam para o exterior, da frente e das traseiras. As vidraças estavam apenas cobertas por cortinas, sem portas interiores de madeira. Apesar de ficar longe da estrada, não estava tão insonorizada como conviria... mas talvez isso fosse um pormenor secundário.

Apesar de ser também um Vingador, Scanlan não era um indivíduo audaz e, conquanto cumprisse as ordens que lhe davam, horrorizava-se intimamente quando se lhe deparavam missões sangrentas. Portanto, Mac Murdo decidiu mentalizá-lo para o que iria suceder e, em breves palavras, explicou-lhe o plano concebido.

Vendo o parceiro profundamente aturdido, Mac Murdo sugeriu:

— Se eu fosse você, Mike Scanlan, passaria a noite fora, mantendo-me alheio a tudo quanto aqui suceder. Mostre-se bem por outro lado qualquer, porque nesta casa vai correr muito sangue antes do amanhecer.

— Para ser franco, Mac — confessou o outro, titubeante —, não é a vontade de ajudar vocês que me falta, mas a coragem. Quando assisti a matança do administrador Dunn e do capataz da mina... fiquei apavorado! Não tenho a sua têmpera, Mac, nem a de Mac Ginty, para atos de violência extrema. Se a Loja não me julgar mal, vou seguir o seu conselho... e deixá-los a sós esta noite.

Os sete Vingadores compareceram pontualmente à hora marcada. Exteriormente, apresentavam-se como cidadãos respeitáveis, bem trajados e bem escanhoados. Contudo, um perito em fisionomias pouca esperança de salvação daria a Birdy Edwards, perante o olhar cruel e inexorável comum a todos eles.

Eram homens calejados em assassinar seres humanos, como um açougueiro abate as rezes no matadouro.

Mesmo o tesoureiro Carter, com o seu ar impassível, tinha alma de carniceiro. E ali estavam reunidos para liquidarem o agente da *Pinkerton*.

Mac Murdo colocara uma garrafa de uísque, em honra dos seus hóspedes, e todos se apresentaram servindo-se dela, para temperarem os nervos. Baldwin e Comarc já estavam meio embriagados e o álcool fizera recrudescer

neles a íntima crueldade. Comarc, para aquecer as mãos porque a noite gelara, colocara-as sobre a lareira, mas queimando-se apressou-se a retirá-las, e lembrou:

— Isto serve.

Baldwin, logo compreendendo a intenção do parceiro, completou a idéia:

— Perfeitamente! Se o amarrarmos aí, não deixará de falar.

— Há de falar, dê lá por onde der — replicou Mac Murdo, calmamente.

Parecia ter nervos de aço e Mac Ginty elogiou-o:

— Você é realmente a pessoa talhada para lidar com ele! Esse Birdy só perceberá o que está acontecendo, quando você lhe deitar as mãos à garganta. É pena que estas janelas não tenham portas de madeira.

Mac Murdo foi fechar melhor as cortinas e tranqüilizou-os:

— Não é natural que, a esta hora, esteja alguém observando a casa. De resto, o tipo não tarda.

— E se ele não vier? — admitiu o secretário. — Pode ter suspeitado de qualquer coisa...

— Há de vir. Está tão impaciente por levar consigo os documentos, como vocês o estão por agarrá-lo... Agora escutem...

Imobilizaram-se nas cadeiras, alguns com os copos no ar, a caminho da boca, ao ouvirem três pancadas espaçadas, na porta.

— Nenhuma palavra — recomendou Mac Murdo —, se têm amor à vida. Esse Birdy é tipo para atirar a matar.

Saiu, fechando a porta cuidadosamente atrás dele.

Os assassinos ficaram à espera, com os ouvidos atentos. Ouviram os passos de Mac Murdo no corredor e a porta da entrada se abrindo. Depois, chegou-lhes o rumor de umas palavras de cumprimentos e, logo a seguir, passos estranhos e o som de uma voz desconhecida.

— Então, um ruído metálico anunciou-lhes que a porta exterior da saleta fora fechada à chave.

A presa caíra na armadilha e Tigre Cormac não reprimiu uma rouca gargalhada que, embora em surdina, lhe custou uma bofetada na boca, desfechada por Mac Ginty que sussurrou:

— Imbecil! Quer estragar tudo?

Parecia-lhes que o diálogo entre o recém-chegado e Mac Murdo não tinha fim, até que este surgiu na sala, com um dedo nos lábios.

A sua expressão era agora ligeiramente diferente, ao fitá-los, um a um.

— Então? — resmungou Mac Ginty. — Esse Birdy Edwards já está aqui, ou não?

— Está sim — respondeu Mac Murdo, vagarosamente. — Birdy Edwards está aqui, na sua frente. Sou eu!

Fez-se um silêncio tão profundo que se ouvia nitidamente o chiar de uma chaleira, num outro aposento. Então, subitamente, com um ruído de vidros quebrados, vários canos de espingarda penetraram pelas janelas.

Mac Ginty soltou um urro de urso ferido. Correu para a porta, mas foi detido pelo capitão Marvin que lhe apontou um revólver entre os olhos. O grão-mestre recuou e deixou-se cair, pesadamente, numa cadeira.

— É melhor ficar onde está — aconselhou o homem que eles tinham conhecido como sendo Mac Murdo. — E você, Baldwin, se não afastar já a mão da coronha desse revólver, nem terá tempo de ver os seus próprios miolos salpicarem as paredes da sala. Coloquem as armas em cima da mesa. Estão quarenta homens ao redor da casa, de maneira que já podem calcular a sorte que espera por vocês.

Sem deixar de vigiá-los, acrescentou para Marvin:

— É melhor recolher essas armas que estão sobre a mesa... para nossa maior segurança.

Sob a ameaça de tantos canos de espingarda, não seria possível aos Vingadores, agora desarmados, oferecerem a mínima resistência. Completamente aturdidos, permaneciam em silêncio sentados em volta da mesa.

— Antes de nos separarmos — proferiu o pseudo Mac Murdo —, quero dizer umas breves palavras. Creio que só nos tornaremos a ver no tribunal, quando eu for chamado a depor no banco das testemunhas. Quero informar-lhes de que o meu verdadeiro nome é, realmente, Birdy Edwards, da organização *Pinkerton*. Fui incumbido de dissolver o seu bando e, por aqui, ninguém, a não ser o Capitão Marvin, estava a par da minha missão... que, graças a Deus, terminou esta noite.

Os sete rostos lívidos, rígidos de raiva, fitavam-no com um ódio implacável.

— Talvez julguem — prosseguiu Edwards —, que ainda não estejam perdidos e que arranjarão maneira de conseguirem escapar, entre este momento e aquele em que o carrasco irá desempenhar a sua função. Pois bem, aceito esse risco. Para já, esta noite, além de vocês, outros sessenta Vingadores irão empilhar-se na cadeia de Vermissa.

Para levar a cabo esta missão, tive de filiar-me nos Homens Livres de Chicago e, nessa altura, pensei que a sua relação com a Ordem não passava de uma fantasia. Só quando cheguei aqui é que compreendi que não se tratava de boato falso. Evidentemente, nunca na minha vida assassinei um passador de moeda falsa, nem nunca fui falsário. Os dólares que mostrei eram tão verdadeiros como os da Casa da Moeda, pois tinham vindo de lá.

Quando entrei para a sua Loja, é possível que tenham pensado que eu era tão ruim como qualquer de vocês e, nisso, terão de reconhecer o meu mérito.

Na noite em que espancaram o velho Stranger, não tive tempo de avisá-lo do que ia suceder-lhe, mas intervim a tempo, para que Baldwin não o matasse.

Se apoiei vocês verbalmente quando se sugeriam incursões punitivas, fi-lo apenas para conservar o meu lugar... e não me foi possível salvar Dunn e Menzies. Mas avisei Chester Wilcox, para que se mudasse antes de eu lhe atirar com a casa pelos ares...

— Miserável traidor! — cortou Mac Ginty, com dentes cerrados.

— Pode chamar-me como quiser, se isso lhe abrande a cólera. Vocês foram, nestas paragens, inimigos de Deus e dos homens. Alguém teria de travar as suas mãos criminosas. Que me importa que vocês, Assassinos, me chamem de *traidor*; se muitos milhares de pessoas me chamarão de salvador, como se tivesse descido ao inferno para libertá-las das suas garras.

A carta que mostrei a vocês, que acabava de chegar a esta cidade, veio por sorte parar nas minhas mãos. Se tal não tivesse acontecido, talvez eu acabasse por ser desmascarado. Por esse motivo, tive de acelerar o desfecho da minha missão... E nada mais tenho a dizer.

Agora, Marvin, não o deterei por mais tempo. Cumpra a sua obrigação e meta-os na cadeia...

Pouco falta acrescentar a esta narrativa. Scanlan, antes de sair, levou uma carta a Ettie Shafter. Dessa maneira, logo às primeiras horas da madrugada, uma linda mulher e um homem encapotado, subiram num trem especial, posto à disposição deles pela companhia ferroviária, e fizeram uma rápida viagem, sem paradas, para longe daquela zona tenebrosa. Foi a última vez que Ettie e Birdy viram o Vale do Terror. Dez dias mais tarde, casavam-se em Chicago, tendo por padrinho o velho Jacob Shafter.

O processo dos Vingadores decorreu longe do lugar onde os réus tivessem podido, por meio de cumplicidades exteriores, intimidar os magistrados. Lutaram em vão por libertar-se das malhas da Justiça e de nada lhes valeu o dinheiro da Loja que tinham extorquido por toda a região. Esse dinheiro escoava-se, como água, por entre os seus dedos.

O testemunho de Edwards que, como Mac Murdo, conhecera todos os pormenores das suas vidas, foi frio, claro e desapassionado, não se confundindo com as astuciosas argumentações dos advogados de defesa, escandalosamente bem pagos pelos criminosos, com o dinheiro da Loja dos Homens Livres. Estes, ao cabo de tantos anos de extorsões e terrorismo, tinham sido vencidos e a paz voltara ao Vale Vermessa.

Mac Ginty, por mais que se humilhasse e, covardemente implorasse que lhe poupassem a vida, foi enforcado, assim como oito dos seus principais seguidores. Outros cinquenta sofreram condenações de diversos anos de prisão.

Contudo, os homens cometem, muitas vezes, graves erros ao ministrarem a Justiça. Dessa maneira, Ted Baldwin e alguns outros dos mais ferozes assassinos, como Willaby, por exemplo, conseguiram escapar das mãos do carrasco. Em vez de morrerem no patíbulo, foram apenas afastados do mundo durante dez anos, ao fim dos quais, tornaram a ver raiar o dia da liberdade.

A partir dessa hora, Birdy Edwards, que bem conhecia os inimigos, compreendeu que tinham terminado os seus dias de sossego. Aqueles tinham jurado que vingariam a morte dos camaradas, com o sangue do homem que pusera termo aos seus crimes. Não pouparam esforços para darem cumprimento a esse juramento, reunindo dinheiro e obtendo informações. Dessa maneira, Edwards sofreu dois atentados contra a sua vida e, pressentindo que não escaparia a um terceiro, viu-se constrangido a abandonar Chicago.

Então, tomando um nome falso, fugiu para a Califórnia onde teve a infelicidade de perder Ettie, cuja morte o entristeceu durante muito tempo. Novamente esteve a ponto de quase ser morto. Por fim, com o nome de Douglas, foi trabalhar para um *canyon* longínquo, onde acabou por associar-se a um inglês, chamado Barker, e a fazer fortuna.

Por fim, sendo avisado de que os execráveis bandidos se encontravam, uma vez mais, na sua pista, fugiu para a Inglaterra. Aqui, Birdy Edwards/John Douglas casou pela segunda vez com uma bela e digna mulher, com

quem viveu, durante cinco anos, no Sussex. Foi então que, sendo rico proprietário, lhe sucederam os estranhos acontecimentos já anteriormente narrados.

EPÍLOGO

O processo do Tribunal da Polícia foi concluído e o caso de John Douglas seguiu os seus trâmites legais para uma instância superior. Após um julgamento, em que se concluiu ter agido em legítima defesa, foi muito justamente absolvido. Apesar disso, Sherlock Holmes escreveu à Sra. Douglas:

“Ainda existem, por aqui, forças ocultas, talvez mais perigosas do que aquelas a que seu marido escapou. Receio que, na Inglaterra, não encontre a segurança que merece.”

Tinham já decorrido dois meses após o julgamento e quase nos tínhamos esquecido do caso de John Douglas, quando, certa manhã, encontramos na nossa caixa do correio uma mensagem enigmática:

“Deus me valha, Sr. Holmes!”

O singular bilhete não tinha envelope, nem qualquer assinatura.

Perante aquela insólita mensagem, a minha reação foi sorrir, confuso, mas o meu amigo ficou com uma expressão de invulgar gravidade.

— É diabólico, Watson! — comentou e, durante muito tempo, permaneceu sentado meditando, de sobrolho franzido.

A noite já ia avançada, quando a nossa hospedeira, Sra. Hudson, veio anunciar que um cavalheiro desejava falar com o Sr. Holmes, acerca de um assunto da maior importância.

Logo surgiu na porta o Sr. Cecil Barker, que tínhamos conhecido na mansão de Birlstone. Estava pálido e angustiado.

— Recebi más notícias, Sr. Holmes! Notícias horríveis — informou.

— Era o que eu temia — murmurou o meu amigo.

— Recebeu um telegrama?

— Apenas me chegou às mãos um bilhete que alguém introduziu na nossa caixa do correio.

— Trata-se de Douglas... Bem sei que o seu verdadeiro nome é Edwards, mas para mim será sempre Jack Douglas, de Benito Canyon... Lembra-se

de eu ter lhe comunicado que ele e a mulher tinham partido juntos há três semanas no *Palmyra*, para a África do Sul?

— Perfeitamente.

— Pois bem, o navio chegou à Cidade do Cabo, ontem à noite... e hoje de manhã recebi este telegrama da Sra. Douglas:

“Jack caiu ao mar durante tempestade ao largo Santa Helena.
Ninguém sabe como se deu o acidente.

Ivy Douglas”

— Acabou dessa maneira! — murmurou Holmes, pensativo. — Isso significa que o plano foi habilmente arquitetado.

— Quer dizer que não se tratou de acidente?

— De modo algum.

— Assassinato?

— Evidentemente.

— Também me ocorreu essa hipótese. Esse maldito bando de Vingadores infernais.

— Não, meu caro amigo — interrompeu Holmes —, não se trata de um golpe de terroristas, com espingardas de canos serrados, ou de revólveres estrepitantes. Há nisso mão de mestre e um artista distingue-se pela pincelada! Sou capaz de reconhecer uma obra de Moriarty, à primeira vista. Esse crime foi planejado, aqui em Londres, e não na América do Norte.

— Não compreendo porque pensa isso!

— Porque o golpe foi executado por um homem que nunca se dá ao luxo de falhar, pois, tudo quanto possui, elevada posição e riqueza, deve-se ao êxito de todos os seus empreendimentos.

Trata-se de um grande cérebro que dirige uma vastíssima organização e, desta vez, empenhou-se na destruição de um único indivíduo. Parece um absurdo dispêndio de energia, tal como partir uma noz com um martelo-pilão, mas a noz fica inevitavelmente esmagada!

— Mas... por que se empenhou tal homem em destruir Douglas?

— Apenas posso deduzir que a primeira palavra, conducente a essa destruição, partiu de um associado, subordinado do mestre. Esses americanos foram muito astutos. Para levarem a cabo a sua vingança na Inglaterra, aliam-se a esse grande consultor do Crime. A partir desse momento, a presa que perseguiam estava irremediavelmente condenada.

A princípio, Moriarty limitou-se a movimentar a sua máquina para localizar a vítima. Depois, indicou aos ajudantes a maneira de atingirem o seu objetivo.

Quando leu, nos jornais, que o assassinato de Douglas se malograra, assumiu pessoalmente a direção do golpe final. Este homicídio foi executado com mão de mestre. Não me ouviu avisar o seu amigo de que o próximo perigo que o esperava seria maior do que aquele de que acabava de salvar-se?

Encolerizado, Barker bateu na testa e protestou com veemência:

— E o senhor acha que devemos permanecer estáticos, perante um crime desta natureza? Será, porventura, impossível ajustar contas com esse gênio do Mal?

— Nunca disse isso — corrigiu Holmes, parecendo olhar para um futuro longínquo. — Poderá ser vencido, sim... mas preciso de tempo... muito tempo!

Por alguns minutos, permanecemos sentados em silêncio vendo Holmes, com o seu olhar profético tentando desvendar o futuro.

